

Copyright © Editora Academia de Inteligência

Criação, Editoração, Fotolitos e Capa:
Macquete Gráfica Produções (0XX11) 6694-6477

Revisão:
Ana Maria Barbosa

Catálogo na Fonte do Departamento Nacional do Livro

C982a

Cury, Augusto Jorge.

Análise da inteligência de Cristo : o Mestre dos Mestres / Augusto Jorge Cury — São Paulo: Academia de Inteligência, 1999.

232 p. ; 21 cm.

ISBN: 85-87643-01-0

Inclui bibliografia.

1. Jesus Cristo — Personalidade e missão. 2. Inteligência. I. Título.

CDD-232.903

Editora Academia de Inteligência
Fone/fax: (0XX17) 3342-4844
E-mail: academiaint@mdbrasil.com.br

Dedico esta obra a todos aqueles que procuram não ser vítimas do rolo compressor da história, que buscam dar um sentido mais nobre à sua vida e a investir em sabedoria na sinuosa, turbulenta e bela existência humana.

PREFÁCIO

9

CAPÍTULO 1
CARACTERÍSTICAS INTRIGANTES DA
PERSONALIDADE DE CRISTO

11

CAPÍTULO 2
A TIMIDEZ E OMISSÃO DA CIÊNCIA EM INVESTIGAR
A INTELIGÊNCIA DE CRISTO

43

CAPÍTULO 3
CRISTO, SE VIVESSE HOJE, ABALARIA OS FUNDAMENTOS DA PSIQUIATRIA E DA PSICOLOGIA

71

CAPÍTULO 4
CRISTO PERTURBARIA O SISTEMA POLÍTICO

81

CAPÍTULO 5
O DISCURSO DE CRISTO DEIXARIA A MEDICINA ATUAL ATÔNITA E TOCARIA NA MAIOR CRISE
EXISTENCIAL DO HOMEM

93

CAPÍTULO 6
UM AUDACIOSO PROJETO: O PÚBLICO E O AMBIENTE

117

CAPÍTULO 7
DESPERTANDO A SEDE DE APRENDER
E DESOBSTRUINDO A INTELIGÊNCIA

127

CAPÍTULO 8
INVESTINDO EM SABEDORIA DIANTE
DOS INVERNOS DA VIDA

141

CAPÍTULO 9
UM CONTADOR DE HISTÓRIA QUE SABIA LIDAR COM OS PAPÉIS
DA MEMÓRIA E ESTIMULAR A ARTE DE PENSAR

155

CAPÍTULO 10
SUPERANDO A SOLIDÃO: FAZENDO AMIGOS

173

CAPÍTULO 11
PRESERVANDO A UNIDADE E ENSINANDO A ARTE DE AMAR

191

CAPÍTULO 12
INTRODUZINDO AS FUNÇÕES MAIS
IMPORTANTES DA INTELIGÊNCIA

215

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

229

Após ter desenvolvido durante dezessete anos uma nova teoria sobre o funcionamento da mente e sobre a construção da inteligência, envolvi-me em uma das mais desafiadoras pesquisas psicológicas: estudar a intrigante inteligência daquele que dividiu a história: Cristo. Ele produziu comportamentos e proferiu discursos que revolucionaram a humanidade.

Por ser psiquiatra, de origem multirracial (italo-judia, espanhola e árabe), por ter sido um ateu cético e por ser um pesquisador que sempre se interessou em estudar os enigmas da mente, investigar a personalidade de Cristo foi e ainda é para mim um projeto estimulante.

Muitas perguntas povoaram meus pensamentos durante os anos em que me envolvi nesse projeto: Cristo poderia ter sido fruto da imaginação humana? Se ele não tivesse feito nenhum milagre, teria dividido a história? Como abria as janelas da mente dos seus discípulos e os estimulava a desenvolver as funções mais importantes da inteligência? Como gerenciava seus pensamentos e suas reações emocionais nas situações estressantes? Alguém discursou na história pensamentos semelhantes aos dele? Quais as dimensões e implicações dos pensamentos dele?

Muitas dessas perguntas ainda não foram respondidas adequadamente. Respondê-las é fundamental para a ciência, a educação, a psicologia, as sociedades, a teologia e para todos aqueles que procuram conhecer profundamente o personagem mais complexo e misterioso que transitou pela sinuosa história da humanidade.

Estudar a mente de Jesus Cristo é mais complexo do que estudar a mente de qualquer pensador da psicologia e da filosofia. Investigar se a sua inteligência poderia ou não ser fruto da criatividade intelectual humana é uma tese estimulante e que possui muitas implicações.

Temos feito sucessivas edições deste livro. As reações dos leitores têm sido animadoras. Eles comentam que nunca tinham imaginado que a personalidade de Cristo fosse tão refinada, que ele fosse insuperável na arte de pensar e que seus pensamentos fossem revestidos de sabedoria.

Muitas escolas têm recomendado aos professores sua leitura e o têm adotado em diversas disciplinas, com o objetivo de que seus alunos expandam as funções mais importantes da inteligência. Psicólogos o têm utilizado e estimulado seus pacientes a lê-lo, com o objetivo de ajudá-los a prevenir a depressão, a ansiedade e o stress. Empresários têm adquirido centenas de exemplares para distribuir aos seus melhores amigos e clientes. Professores universitários o têm recomendado em faculdades. Leitores têm confessado que sua vida ganhou um novo significado após a leitura de “Análise...”. Além disso, apesar desse livro tratar de psicologia e não de religião, pessoas de diversas religiões têm sido ajudadas por ele e o utilizado sistematicamente.

Todas essas reações não são méritos meus, mas do personagem central aqui estudado. Investigar a inteligência de Cristo realmente abre as janelas de nossas mentes, expande o prazer de viver e estimula a sabedoria.

Augusto Jorge Cury

Brilhando na arte de pensar

A arte de pensar é a manifestação mais sublime da inteligência. Todos pensamos, mas nem todos desenvolvemos qualitativamente a arte de pensar. Por isso, frequentemente não expandimos as funções mais importantes da inteligência, tais como aprender a se interiorizar, a destilar sabedoria diante das dores, a trabalhar as perdas e frustrações com dignidade, a agregar idéias, a pensar com liberdade e consciência crítica, a romper as ditaduras intelectuais, a gerenciar com maturidade os pensamentos e emoções nos focos de tensão, a expandir a arte da contemplação do belo, a se doar sem a contrapartida do retorno, a se colocar no lugar do outro e considerar suas dores e necessidades psicossociais.

Muitos homens, ao longo da história, brilharam em suas inteligências e desenvolveram algumas áreas importantes do pensamento. Sócrates foi um questionador do mundo. Platão foi um investigador das relações sociopolíticas. Hipócrates foi o pai da medicina. Confúcio foi um filósofo da brandura. Sáquia-Múni, o fundador do budismo, foi um pensador da busca interior. Moisés foi o grande mediador do processo de liberdade do povo de Israel, conduzindo-o até a terra de Canaã. Maomé, em sua peregrinação profética, foi o unificador do povo árabe, um povo que estava dividido e sem identidade. Há muitos outros homens que brilharam na inteligência, tais como Tomás de Aquino, Agostinho, Hume, Bacon, Spinoza, Kant, Descartes, Galileu, Voltaire, Rosseau, Shakespeare, Hegel, Marx, Newton, Max Well, Gandhi, Freud, Habermas, Heidegger, Curt Lewin, Einstein, Viktor Frankl etc.

A temporalidade da vida humana é muito curta. Em poucos anos encerramos o espetáculo da existência. Infelizmente, poucos investem em sabedoria nesse breve espetáculo, por isso não se interiorizam, não se repensam. Se compararmos a lista dos homens que brilharam em suas inteligências e investiram em sabedoria ao contingente de nossa espécie, ela se torna muito pequena.

Independente de qualquer julgamento que possamos fazer desses homens, o fato é que eles expandiram o mundo das idéias no campo científico, cultural, filosófico e espiritual. Alguns não se preocuparam com a notoriedade social, preferiram o anonimato, não se importaram em divulgar suas idéias e escrever seus nomes nos anais da história. Porém, suas idéias não puderam ser sepultadas. Elas germinaram como sementes na mente dos homens e enriqueceram a história da humanidade. Estudar a inteligência deles pode nos ajudar muito a expandir nossas próprias inteligências.

Houve um homem que viveu há muitos séculos e que não apenas brilhou em sua inteligência, mas teve uma personalidade intrigante, misteriosa e fascinante. Ele conquistou uma fama indescritível. O mundo comemora seu nascimento. Todavia, em detrimento de sua enorme fama, algumas áreas fundamentais da sua inteligência são pouco conhecidas. Ele destilava sabedoria diante das suas dores e era íntimo da arte de pensar. Esse homem foi Jesus Cristo.

A história de Cristo teve particularidades em toda a sua trajetória: do seu nascimento à sua morte. Ele abalou os alicerces da história humana por intermédio da sua própria história. Seu viver e seus pensamentos atravessaram gerações, varreram os séculos, embora ele nunca tenha procurado status social e político.

Ele não cresceu debaixo da cultura clássica da sua época. Quando abriu a boca, produziu pensamentos de inconfundível complexidade. Tinha pouco mais de trinta anos de idade, mas perturbou profundamente a inteligência dos homens mais cultos de sua época. Os escribas e fariseus, que eram intérpretes e mestres da lei, que possuíam uma cultura milenar rica, ficaram chocados com seus pensamentos.

Sua vida sempre foi árida, sem nenhum privilégio econômico e social. Conheceu intimamente as dores da existência. Contudo, ao invés de se preocupar com as suas próprias dores e querer que o mundo gravitasse em torno das suas necessidades, ele se preocupava com as dores e necessidades alheias.

O sistema político e religioso não foi tolerante com ele, mas ele foi tolerante e dócil com todos, mesmo com seus mais ardentes opositores. Cristo vivenciou sofrimentos e perseguições desde a sua infância. Foi incompreendido, rejeitado, zombado, cuspidado no rosto. Foi ferido física e psicologicamente. Porém, apesar de tantas misérias e sofrimentos, não desenvolveu uma emoção agressiva e ansiosa; pelo contrário, ele exalava tranquilidade diante das mais tensas situações e ainda tinha fôlego para discursar sobre o amor no seu mais poético sentido.

Muitos autores, ao longo dos séculos, abordaram Cristo de diferentes aspectos espirituais: sua divindade, seu propósito transcendental, seus atos sobrenaturais, seu reino celestial, sua ressurreição, a escatologia (doutrina das últimas coisas) etc. Quem quiser estudar esses aspectos de Cristo terá de procurar os textos desses autores, pois a Análise da inteligência de Cristo investiga Cristo em outra perspectiva, sob um outro ângulo.

Este livro realiza uma investigação talvez nunca realizada pela ciência da interpretação ou nunca produzida pela psicologia. Investiga a sua singular personalidade. Analisa o funcionamento da sua surpreendente inteligência. Estuda sua arte de pensar, os meandros da sua construção de pensamentos nos seus focos de tensão.

A personalidade é constituída de muitos elementos. Em síntese, ela se constitui da construção de pensamentos, da transformação da energia emocional, do processo de formação da consciência existencial (quem sou, como estou, onde estou), da história inconsciente arquivada na memória, da carga genética. Aqui convencionarei que a inteligência é a manifestação da personalidade diante dos estímulos do mundo psíquico bem como dos ambientes e das circunstâncias em que uma pessoa vive. Todo ser humano possui uma inteligência, mas nem todos desenvolvem suas funções mais importantes.

Durante quase duas décadas em que tenho pesquisado o funcionamento da mente, a construção da inteligência e o processo de interpretação, posso afirmar com segurança que Cristo possui uma personalidade bastante complexa, muito difícil de ser investigada, interpretada e compreendida. Esta é uma das causas que inibiu a ciência de procurar investigar e compreender, ainda que minimamente, a sua inteligência.

Analisar a inteligência de Cristo é um dos maiores desafios da ciência. Após ter desenvolvido os alicerces básicos de uma nova teoria sobre o funcionamento da mente, comecei a me envolver neste enorme e estimulante projeto, que é investigar a personalidade de Cristo. Foram anos de estudo, em que procurei, dentro das minhas limitações, fugir das respostas achistas e do explicacionismo científico superficial.

Interpretar a história é uma das tarefas intelectuais mais complexas. É reconstruir a história, e não resgatá-la de maneira pura. Reconstruir os fatos, ambientes e circunstâncias do passado é um grande desafio. Se o leitor tentar resgatar as experiências mais marcantes da sua história, verificará que esse resgate freqüentemente reduz a dimensão das dores e dos prazeres vividos no passado. Estudaremos este assunto. Todo resgate do passado está sujeito a limitações e imperfeições. Este livro, que é um exercício de interpretação psicológica da história, não foge à regra.

Se interpretar a história é uma tarefa intelectual complexa e sinuosa, agora imagine como deve ser difícil investigar a inteligência de Cristo, os níveis de sua coerência intelectual, sua capacidade de gerenciar a construção de pensamentos, de transcender as ditaduras da inteligência, de superar as dores físicas e emocionais e de abrir as janelas da mente das pessoas que o envolviam.

Cristo possuía uma personalidade difícil de ser estudada. Suas reações intelectuais e emocionais eram tão surpreendentes e incomuns que ultrapassam os limites da previsibilidade psicológica. Apesar das dificuldades, é possível viajarmos por algumas avenidas fundamentais do pensamento de Cristo e compreendermos algumas áreas importantes da sua inteligência.

Um enigma para a ciência em diversas áreas

Quem foi Jesus Cristo? Este livro, que pretende realizar uma análise psicológica da inteligência de Cristo, não pode responder plenamente quem ele foi. Tal pergunta entra na esfera da fé, uma esfera que ultrapassa os limites da investigação científica, que transcende a ciência da interpretação. A ciência se cala quando a fé se inicia. A fé transcende a lógica, é uma convicção em que há ausência de dúvida. A ciência sobrevive da dúvida. Quanto maior for a dúvida, maior poderá ser a dimensão da resposta. Sem a arte da dúvida, a ciência não tem como sobreviver e expandir a sua produção de conhecimento.

Cristo discorria sobre a fé. Falava da necessidade de crer sem duvidar, de uma crença plena, completa, sem insegurança. Falava da fé como um misterioso processo de interiorização, como uma trajetória de vida clandestina. Discorria sobre a fé como um viver que transcende o mundo material, que extrapola o sistema sensorial e que cria raízes no âmago do espírito humano.

A ciência não tem como investigar o que é essa fé, pois ela tem raízes no cerne da experiência pessoal, portanto não se torna um objeto de estudo investigável. Todavia, apesar de Cristo falar da fé como um processo de existência transcendental, ele não anulava a arte de pensar; pelo contrário, era um mestre excepcional nessa arte. Cristo não discorria sobre uma fé sem inteligência.

Para ele, primeiro deveria se exercer a capacidade de pensar e refletir antes de crer, depois vinha o crer sem duvidar. Se estudarmos os quatro evangelhos e investigarmos a maneira como Cristo reagia e expressava seus pensamentos, constataremos que pensar com liberdade e consciência era uma obra-prima para ele.

Um dos maiores problemas enfrentados por Cristo era o cárcere intelectual em que as pessoas viviam, ou seja, a rigidez intelectual com que elas pensavam e compreendiam a si mesmas e ao mundo que as envolviam. Por isso, apesar de falar da fé como ausência da dúvida, ele também era um mestre sofisticado no uso da arte da dúvida. Ele a usava para abrir as janelas da inteligência das pessoas que o cercavam.

Como Cristo usava a arte da dúvida? Se observarmos os textos dos quatro evangelhos veremos que ele era um excelente perguntador, um ousado questionador. Usava a arte da pergunta para conduzir as pessoas a se interiorizar e a se questionar. Também era um exímio contador de parábolas que perturbava os pensamentos de todos os seus ouvintes.

Quem é Cristo? Ele é o filho de Deus? Ele tem natureza divina? Ele é o autor da existência? Como ele se antecipava ao tempo e previa fatos ainda não acontecidos, tais como a traição de Judas e a negação de Pedro? Como realizava os atos sobrenaturais que deixavam as pessoas extasiadas? Como multiplicou alguns pães e peixes e saciou a fome de milhares de pessoas? Ele multiplicou a matéria, moléculas ou usou qualquer outro fenômeno? A ciência não pode dar essas respostas sobre Cristo e nem outras tantas, pois essas perguntas entram na esfera da fé. Como disse, quando começa a fé, que é íntima e pessoal de cada ser humano, e que, portanto, deve ser respeitada, a ciência se cala. Cristo continuará, em muitas áreas, um grande enigma para a ciência.

Se a ciência se atrever a entrar numa esfera que exclui fenômenos passíveis de investigação, ela facilmente entrará nos terrenos de um discurso “achista”, explicacionista. Porém, uma coisa não anula a outra, a ciência não anula o espírito humano, a experiência íntima. Talvez, um dia, a ciência, diante dos seus limites, venha a completar-se com fenômenos que ultrapassam os limites da lógica clássica. Todavia, esse é um assunto muito complexo e que facilmente imerge no cientificismo, o que compromete a argumentação coerente. Esses textos não tratam desse assunto, mas das áreas investigáveis de Cristo.

Não é possível comentar a inteligência de Cristo em alguns capítulos. Sua arte de pensar é sofisticada demais para ser abordada em apenas um livro. Outras obras serão necessárias para abordá-la.

Ao investigarmos a sua inteligência, talvez possamos responder algumas dessas importantes perguntas: Cristo sempre expressava com elegância e coerência a sua inteligência nas várias situações tensas e angustiantes que vivia? Teria ele dividido a história da humanidade se não tivesse realizado nenhum ato sobrenatural? Por que suas palavras permanecem vivas até hoje, mexendo com centenas de milhões de pessoas de todas as línguas e todos os níveis sociais, econômicos e culturais? Por que homens que nunca o viram e nunca o tocaram disseram espantosamente, ao longo da história, que não apenas creram nele, mas que também o amaram, dentre os quais se incluem diversos pensadores, filósofos, cientistas?

Realizaremos, nesses textos, uma viagem intelectual interessante ao investigarmos a vida de Cristo. E, ao contrário do que se possa pensar, ele gostava de ser investigado. Cristo apreciava ser analisado e indagado com inteligência. Ele era crítico das pessoas que o investigavam superficialmente. Em uma oportunidade, até mesmo provocou os escribas e fariseus a estudarem mais profundamente a respeito da identidade e da origem do “Cristo”².

As quatro biografias de Cristo: ele foi um personagem real ou imaginário?

Cristo tem quatro biografias que são chamadas de evangelhos: o evangelho de Mateus, de Marcos, de Lucas e de João. Marcos e Lucas não pertenciam aos doze discípulos. Eles escreveram sobre Cristo baseados num processo de investigação de pessoas que conviveram intimamente com ele. As biografias de Cristo não são biografias no sentido clássico, como as que conhecemos hoje. Porém, como os evangelhos retratam a sua história, podemos dizer que eles representam a sua biografia.

Todo cientista é um indagador inveterado, um aventureiro nas trajetórias do desconhecido e um questionador de tudo que vê e ouve. Investigar com critério aquilo que se vê e ouve é respeitar a si mesmo e a sua própria inteligência. Se alguém não respeita a sua própria inteligência não pode respeitar aquilo em que acredita. Não deveríamos aceitar nada sem antes realizar uma análise crítica dos fenômenos que observamos.

Durante muitos anos, procurei estudar as biografias de Cristo. Por diversas vezes, me perguntava se Cristo realmente tinha existido. Questionava se ele não tinha sido uma invenção literária, fruto da imaginação humana. Esta é uma questão fundamental, e não devemos ter medo de investigá-la. Antes de estudarmos este ponto, deixe-me falar-lhes um pouco sobre o ateísmo.

Aqueles que se dizem ateus têm como assuntos preferidos falar sobre Deus ou da idéia da negação de Sua existência. Todo ser humano, não importa quem seja, ateu ou não, gosta de ter Deus na pauta das suas mais importantes idéias. A maioria dos ateus realmente não acreditava em Deus? Não. A maioria dos ateus fundamentou seu ateísmo não em um corpo de idéias profundo sobre a existência ou não de Deus. Seu ateísmo era resultado da indignação contra as injustiças, incoerências e discriminações sociopolíticas cometidas pela religiosidade reinante em determinada época.

Quando todos pensavam que Voltaire, o afiado pensador do Iluminismo francês, fosse um ateu, ele proclamava no final de sua vida: “Morro adorando a Deus, amando os meus amigos, não detestando meus inimigos, mas detestando a superstição”*. A maioria dos ateus possuía e possui um ateísmo social, um “sócio-ateísmo”, alicerçado na anti-religiosidade, e não numa produção de conhecimento inteligente, descontaminada de distorções intelectuais, de paixões ateístas e tendencialismos psicossociais sobre a existência ou não de Deus.

Provavelmente, fui mais ateu que muitos daqueles que se consideravam grandes ateus, tais como Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Jean-Paul Sartre. Por isso, pesquisava a inteligência de Cristo indagando continuamente se ele era fruto da imaginação humana, da criatividade literária, ou se realmente tinha existido. Como pesquisador da inteligência, fui investigar dentro do campo da minha especialidade, ou seja, dentro do campo da construção dos pensamentos descritos nas quatro biografias de Cristo. Pesquisei a lógica, limites e alcance de sua inteligência.

Há até hoje mais de 5 mil manuscritos do Novo Testamento, o que o torna o mais bem documentado dos escritos antigos. Muitas cópias pertencem a uma data próxima dos originais. Há aproximadamente 75 fragmentos datados desde 135 d.C. até o século VIII. Todos esses dados, acrescidos ao trabalho intelectual produzido pelos estudiosos da paleografia, arqueologia e crítica textual, nos asseguram de que possuímos um texto fidedigno do Novo Testamento, que contém as quatro biografias de Cristo, os quatro evangelhos. Os fundamentos arqueológicos e paleográficos podem ser úteis para nos dar um texto fidedigno, mas não analisam o próprio texto; logo, são insuficientes para resolver a dúvida se Cristo foi real ou fruto da criatividade intelectual humana, são restritos para fornecer dados para uma análise psicológica ampla sobre os pensamentos de Cristo e sobre as intenções dos autores originais dos evangelhos. Para analisar esses textos é necessário imergir no próprio texto e interpretá-lo multifocalmente e isento, tanto quanto possível, de paixões e tendências. Foi o que procurei fazer.

Penetrei nas quatro biografias de Cristo e procurei pesquisar até aquilo que estava nas entrelinhas desses textos, tanto os mais diversos níveis de coerência intelectual contidos neles como as intenções conscientes e inconscientes dos autores dos quatro evangelhos. Usei várias versões para isso. Procurei também pesquisar cada idéia, cada reação, cada momento de silêncio e cada pensamento que Cristo produzia nas várias situações que vivia, principalmente em seus focos de tensão. Eu precisava saber se estava analisando a inteligência de uma pessoa real ou imaginária.

O resultado dessa investigação é muito importante. Minhas pesquisas poderiam me conduzir a três caminhos: a permanecer na dúvida, a me convencer de que Cristo foi o fruto mais espetacular da imaginação humana, ou me convencer de que realmente ele tinha existido, de que de fato foi uma pessoa real que andou e respirou nesta terra.

Cheguei a uma conclusão que passarei a demonstrar e defender como se fosse uma tese nos próximos textos.

As intenções conscientes e inconscientes dos autores dos evangelhos

Se estudarmos as intenções conscientes e inconscientes dos autores dos evangelhos, constataremos que eles não tinham a intenção de fundar uma filosofia de vida, de promover um herói político, de construir um líder religioso nem um homem diante do qual o mundo deveria se curvar. Eles queriam apenas descrever uma pessoa incomum que mudou completamente a vida deles. Queriam registrar fatos, mesmo que incompreensíveis e estranhos aos leitores, que Cristo viveu, discursou e expressou. Se estudarmos os meandros dos pensamentos descritos nos evangelhos, constataremos que há diversos fatores que evidenciam que Cristo tinha uma personalidade inusitada, distinta, ímpar, imprevisível.

Dois dos autores dos evangelhos eram discípulos íntimos de Cristo (Mateus e João). O evangelho de Marcos foi escrito baseado provavelmente nos relatos de Pedro: Marcos era tão íntimo de Pedro que foi considerado como um filho para ele³. Então, concluímos que três desses autores tiveram uma relação estreita com o personagem Cristo. Cristo era real ou fruto da imaginação desses autores? Vamos às evidências.

Se os evangelhos fossem fruto da imaginação literária desses autores, eles não falariam mal de si mesmos, não comentariam a atitude frágil e vexatória que tiveram ao se dispersar quando Cristo foi preso. Quando Cristo se entregou aos seus opositores e deixou sua eloqüência e seus atos sobrenaturais de lado, os discípulos ficaram frágeis e confusos. Naquele momento, tiveram vergonha dele e sentiram medo. Naquela situação estressante, as janelas de suas mentes foram fechadas e eles o abandonaram.

Pedro jurou que não negaria a Cristo. Amava tanto esse mestre que disse que se possível morreria com ele. Porém, Pedro, numa situação delicada, o negou. E não apenas uma vez, mas três vezes, e ainda diante de pessoas sem qualquer poder político. Quem contou aos autores dos quatro evangelhos que Pedro negou a Cristo por três vezes para alguns servos? Quem contou a sua atitude vexatória se ninguém do seu círculo de amigos sabia que ele o havia negado? Pedro, ele mesmo, teve a coragem de contá-lo. Que autor falaria mal de si mesmo? Pedro não apenas contou os fatos, mas expôs os detalhes da sua negação. Para Lucas, ele contou alguns detalhes significativos que estudaremos.

Com quem Pedro, que, quando jovem, era um rude e inculto pescador, aprendeu a ser tão sincero, tão honesto consigo mesmo, a ponto de falar de suas próprias misérias? Ele deve ter aprendido com alguém que, no mínimo, admirava muito. Alguém que tivesse características tão complexas na sua inteligência que fosse capaz de ensinar a Pedro a se interiorizar e a reciclar profundamente os seus valores existenciais. O Cristo descrito nos evangelhos tinha tais características. Cristo, mesmo diante de situações tensas, em que uma pequena simulação o livraria de grandes sofrimentos, optava por ser honesto consigo mesmo. Pedro aprendeu com Cristo a difícil arte de ser fiel à sua própria consciência, a assumir seus erros e suas fragilidades. O que indica que esse Cristo não era um personagem literário, mas uma pessoa real.

Se os autores dos evangelhos quisessem produzir conscientemente um herói religioso, eles, como seus discípulos, não desnudariam a vergonha que tiveram dele momentos antes de ele morrer, pois isso deporia contra a adesão a esse suposto herói, ainda mais se fosse imaginário. Esse fato representa um fenômeno inconsciente que acusa a intenção de os discípulos descreverem um homem incomum que realmente viveu nesta terra.

Quando Cristo foi aprisionado, injuriado e espancado, o jovem João o abandonou, fugiu desesperadamente, juntamente com os demais discípulos. Além disso, João, o próprio autor do quarto evangelho, descreveu com uma coragem ímpar a sua fragilidade e impotência diante da dramática dor física e psicológica do seu mestre na cruz.⁴

Quando João escreveu o seu evangelho? Quando estava velho, cerca de 90 d.C., mais de meio século depois que esse fato ocorreu. Todos os apóstolos provavelmente já tinham morrido. Nessa época, alguns estavam abandonando as linhas básicas do ensinamento de Cristo, então João, na sua velhice, descreveu tudo aquilo que tinha visto e ouvido. O que se espera de uma pessoa muito idosa, que está no fim da sua vida? Que ela não tenha mais nenhuma necessidade de simular, omitir ou mentir sobre os fatos que viu e viveu. O velho João não se escondeu atrás de suas palavras. Ele não apenas discorreu sobre uma pessoa, Cristo, que marcou profundamente sua história de vida, mas em sua descrição também não se esqueceu de abordar a sua própria fragilidade. Isto é incomum na literatura. Só tem lógica um autor expor suas mazelas desse modo se ele desejar retratar a biografia real de um personagem que está acima delas.

O homem tende a esconder suas fragilidades e seus erros, mas os biógrafos de Cristo aprenderam a ser fiéis a sua consciência. Aprenderam com Cristo a arte de destilar a sabedoria dos erros. Ao estudar as biografias de Cristo, constatamos que a intenção consciente e inconsciente dos seus autores era apenas expressar com fidelidade aquilo que viveram, mesmo que isso fosse totalmente estranho aos conceitos humanos.

Se Cristo fosse fruto da imaginação dos seus biógrafos, eles não apenas teriam riscado os dramáticos momentos de hesitação que tiveram, mas também teriam riscado dos seus escritos a dramática angústia que o próprio Cristo passou na noite em que foi traído, no Getsêmani. Um dia talvez escreva sobre esse momento ímpar e os fenômenos psicológicos envolvidos nesse ambiente. Aqui minha abordagem será sintética.

Naquela noite, Cristo expressou a dimensão do cálice que iria beber, a dor física e psicológica que iria suportar. Se os autores dos evangelhos tivessem programado a criação de um personagem, teriam escondido a dor, o sofrimento de Cristo e o conteúdo das suas palavras. Teriam apenas comentado os seus momentos de glória, os seus milagres, a sua popularidade. A descrição da dor de Cristo é uma evidência de que ele não era uma criação literária. Não viveu um teatro; o que ele viveu foi relatado.

Eles também não teriam silenciado a Cristo quando ele estava diante do julgamento dos principais sacerdotes e políticos. Pelo contrário, teriam colocado respostas brilhantes em sua boca. Cristo falou palavras sábias e eloqüentes que deixavam até as pessoas mais rígidas pasmadas. Porém, quando Pilatos, intrigado, o interrogava, ele se calou. No momento em que Cristo mais precisava de argumentos, ele preferiu se calar. Com a sua inteligência, poderia se safar do julgamento. Todavia, sabia que aquele julgamento era parcial e injusto. Ele emudeceu, e em nenhum momento procurou se defender daquilo que havia feito e falado em público. Cristo apenas se entregou aos seus opositores e deixou que eles julgassem as suas palavras e comportamentos. Ele foi julgado, humilhado e morreu de forma injusta, e os seus biógrafos descreveram isto.

Cristo não poderia ter sido fruto da criatividade intelectual de algum autor

Por um lado, há muitos fatos psicológicos que demonstraram claramente que os autores dos evangelhos não tinham a intenção consciente e inconsciente de criar literariamente um personagem como Cristo foi; por outro lado, precisamos investigar se a mente humana tem capacidade de criar uma personalidade como a dele. Vejamos.

Cristo não se comportava nem como herói nem como anti-herói. Sua inteligência era ímpar. Seus comportamentos fugiam aos padrões do intelecto humano. Quando todos esperavam que falasse, ele silenciava. Quando todos esperavam que tirasse proveito dos atos sobrenaturais que praticava, pedia para que as pessoas ajudadas por ele não contassem a ninguém o que havia feito. Ele evitava qualquer tipo de ostentação. Que autor poderia imaginar um personagem tão intrigante como esse?

Na noite em que foi traído, facilitou sua prisão, pois levou consigo apenas três dos seus discípulos. Não quis que a multidão que sempre o acompanhava estivesse presente naquele momento. Mesmo com a presença de alguns discípulos já houve alguma agressividade naquela situação, pois Pedro feriu um dos soldados. Não queria derramar sangue ou causar qualquer tipo de violência. Ele estava preocupado tanto com a segurança das pessoas que o seguiam como com a dos seus opositores, daqueles que o prenderam⁵. É incomum e muito estranho uma pessoa se preocupar com o bem-estar dos seus opositores! Ele previu a sua morte por algumas vezes e facilitou sua prisão.

O mundo dobrou-se aos seus pés não pela inteligência dos autores dos quatro evangelhos, pois neles não há intenção de produzir um texto com grande estilo literário. O mundo o reconheceu porque seus pensamentos e atitudes eram tão eloqüentes que falavam por si só, não precisavam de arranjos literários dos seus biógrafos.

O que chama a atenção nas biografias de Cristo são seus comportamentos incomuns, seus gestos que extrapolam os conceitos, sua capacidade de considerar a dor de cada ser humano mesmo diante da sua própria dor. Estudaremos que suas idéias eram tão surpreendentes que não têm precedente histórico. Até os seus momentos de silêncio tinham grande significado. Creio que diversas passagens, expressas em suas quatro biografias, possuem tantos segredos intelectuais que muitas não foram compreendidas nem pelos seus próprios autores na época em que as escreveram.

As reações de Cristo realmente contrapõem-se aos nossos conceitos, estereótipos e paradigmas (modelos de compreensão e padrões de reação). Vejamos sua entrada triunfal em Jerusalém.

Após ter percorrido por um longo período toda a região da Galiléia, inúmeras pessoas o seguiam. Agora, havia chegado o momento de entrar pela segunda e última vez em Jerusalém, o grande centro religioso e político de Israel. Naquele momento, Cristo estava no auge da sua popularidade. As pessoas estavam eufóricas e o proclamavam como rei de Israel⁶. Alguns discípulos, que àquela altura ainda não estavam cientes do seu desejo, até disputavam quem seria maior se ele conquistasse o trono político⁷. Os discípulos e as multidões estavam extasiadas. Entretanto, mais uma vez ele teve uma atitude imprevisível que chocou a todos.

Quando todos esperavam que ele entrasse triunfalmente em Jerusalém, com uma grande comitiva e pompa, tomou uma atitude clara e eloqüente que demonstrava que rejeitava qualquer tipo de poder político, pompa e estética exterior. Ele mandou alguns dos seus discípulos pegar um pequeno animal, um jumentinho, e teve a coragem de montar naquele desajeitado animal. E foi assim que aquele homem superadmirado entrou em Jerusalém.

Nada é mais satírico e desproporcional do que o balanço de um homem transportado por um jumento... O animal é forte, mas é pequeno. Quem o monta não sabe onde colocar os pés, se os levanta ou os arrasta pelo chão.

Que cena impressionante! As pessoas, mais uma vez, ficaram chocadas com o comportamento de Cristo. Mais uma vez ficaram sem entendê-lo. Os seus discípulos, que estavam tão eufóricos com tanto apoio popular, receberam um “balde de água fria”. Porém, as pessoas, confusas e ao mesmo tempo admiradas, colocavam suas vestes sobre o chão para ele passar e o exaltavam como o rei de Israel.

Elas queriam proclamá-lo um grande rei e ele demonstrava que não queria nenhum poder político. Queriam exaltá-lo, mas ele expressava que para atingir seus objetivos, o caminho era a humildade, era preciso aprender a se interiorizar. Cristo propunha uma revolução que se iniciava no interior do homem, no secreto do seu ser, e não no exterior, na estética política. É impressionante, mas ele não se mostrava nem um pouco preocupado, como geralmente ficamos, com aparência, poder, status social, opinião pública.

Imaginem o presidente dos EUA, no dia da sua posse, solicitando aos seus assessores que arrumem um pequeno animal, como um jumento, para ele entrar na Casa Branca. Certamente esse presidente seria encorajado a ir imediatamente a um psiquiatra. A criatividade intelectual não consegue criar uma personalidade que possui uma inteligência requintada e, ao mesmo tempo, tão despojada e humilde.

Uma pessoa, no auge da sua popularidade, explode de orgulho e modifica o padrão das suas reações. Algumas, ainda que humildes e humanistas, ao subir num pequeno degrau da fama olham o mundo de cima para baixo e se colocam, ainda que inconscientemente, acima dos seus pares.

Cristo estava no ápice do seu sucesso social, todavia, ao invés de se colocar acima dos outros, ele desceu todos os degraus da simplicidade e do despojamento, e deixou todos perplexos com sua atitude. Se caminhasse a pé seria mais digno e menos chocante. Porém ele preferiu subir num pequeno animal para estilhaçar os paradigmas das pessoas que o contemplavam e abrir as janelas das suas mentes para outras possibilidades.

Qualquer presidente do mais miserável dos países entraria com mais pompa e estética na sede do seu governo. As características da personalidade de Cristo realmente ultrapassavam os limites da criatividade intelectual humana. Ele surpreendia até os biógrafos que conviveram com ele. A personalidade de Cristo foge aos parâmetros da imaginação. Sua inteligência flutuava entre os extremos. Em alguns momentos expressava uma grande eloquência, coerência intelectual e segurança e, em outros, dava um salto qualitativo e expressava o máximo da singeleza, resignação e humildade.

Cristo possuía uma personalidade tão requintada que se expressava como uma melodia que rimava entre os extremos das notas musicais. Conheço muitas pessoas, entre elas psiquiatras, psicólogos, intelectuais, cientistas, escritores, empresários. Entretanto, nunca encontrei ninguém cuja personalidade possuísse características tão surpreendentes como a dele.

Quem é que no auge do seu sucesso conserva suas raízes mais íntimas? Essa perda de raízes diante do sucesso nem sempre ocorre pela determinação do “eu”, mas por processos intelectuais que fogem ao controle do eu. Muitas pessoas, depois de alcançar qualquer tipo de sucesso, perdem, ainda que inconsciente e involuntariamente, não apenas as suas raízes históricas, mas também sua capacidade de contemplação do belo diante dos pequenos eventos da rotina diária. Por isso, com o decorrer do tempo diversas pessoas que conquistam a notoriedade se entediam com a fama e acabam procurando uma vida mais reservada.

Será que alguns personagens da literatura mundial aproximaram-se da personalidade de Cristo? Desde que Gutenberg inventou as técnicas gráficas modernas, tem havido dezenas de milhares de autores que criaram milhões de personagens na literatura. Será que algum desses personagens teve uma personalidade com as características de Cristo? Está aí um bom desafio de investigação! Realmente creio que não. As características de Cristo fogem ao padrão do espetáculo da inteligência e criatividade humanas.

No passado, Cristo era para mim fruto da cultura e da religiosidade humana. Porém, após anos de investigação, convenci-me de que não estou estudando a inteligência de uma pessoa fictícia, imaginária, mas de alguém real, que andou e respirou nesta terra. É possível rejeitá-lo, todavia se investigarmos as suas biografias não há como negar a sua existência e reconhecer a sua perturbadora personalidade. A personalidade de Cristo é “inconstitucional” pela imaginação humana.

As diferenças nas biografias de Cristo sustentam a história de um personagem real

Durante alguns anos eu pensava que as pequenas diferenças existentes nas passagens comuns dos quatro evangelhos diminuíam a credibilidade deles. Com o decorrer da minha análise, compreendi que essas diferenças também eram importantes para atestar a existência de Cristo. Compreendi que as suas biografias não procuravam ser cópias umas das outras. Eram resultado da investigação de diferentes autores em diferentes épocas sobre alguém que possuía uma história real.

Todos os evangelhos relatam Pedro negando a Cristo. Porém, quando Pedro o negou pela terceira vez, somente Lucas em seu evangelho comenta que Cristo, naquele momento, voltou-se para Pedro e o olhou fixamente⁸. As diferenças de relatos nos quatro evangelhos, ao contrário do que muitos podem pensar, não depõem contra a história de Cristo, mas financiam a sua credibilidade. Vejamos esta tese.

Lucas era médico e, como tal, aprendeu a investigar os fatos detalhadamente. Ele tinha um “olho clínico” acurado, devia detectar fatos que ninguém observava ou dava importância. Quando, muitos anos após a morte de Cristo, interrogou Pedro e colheu os detalhes daquela cena, captou um gesto de Cristo que passou despercebido pelos outros autores dos evangelhos. Captou que Cristo, mesmo sendo espancado e injuriado, ainda assim esqueceu-se da sua própria dor e se preocupou com Pedro. Pedro comentou com Lucas que no instante em que ele o negava pela terceira vez, Cristo virou-se para ele e o fitou profundamente.

O olhar de Cristo esconde nas entrelinhas complexos fenômenos intelectuais e uma delicadeza emocional. Mesmo no extremo da sua dor ele se preocupava com a angústia dos outros, sendo capaz de romper o instinto de preservação da vida e acolher e encorajar as pessoas, ainda que fosse com um olhar...

Quem é capaz de se preocupar com a dor dos outros no ápice da sua própria dor? Se muitas vezes queremos que o mundo grave em torno de nossas necessidades quando estamos emocionalmente tranqüilos, imagine quando estamos sofrendo, ameaçados, desesperados.

Pedro talvez só tenha tido uma compreensão plena da dimensão deste olhar após trinta anos da morte de Cristo, ou seja, depois que Lucas, com seu olho clínico, investigou a história do próprio Pedro e captou aquela cena e a descreveu no ano 60 d.C., que foi a data provável em que ele produziu o seu evangelho.

O evangelho de Lucas é um documento histórico bem pesquisado e detalhista. Ele consultou testemunhas oculares, selecionou as informações e as organizou de maneira adequada. Como médico, tinha interesse incomum por retratar assuntos da medicina⁹. Deu muita atenção para os acontecimentos referentes ao nascimento de Cristo. Investigou Isabel e Maria, por isso foi o único que descreveu seus cânticos, bem como os pensamentos íntimos de Maria. Lucas demonstrou um interesse particular pela história das pessoas, por isso retratou Zaqueu, o bom samaritano, o ex-leproso agradecido, o publicano arrependido e nos conta a parábola do filho pródigo. Lucas era um investigador minucioso, que captou particularidades de Cristo. Percebeu que até seu olhar tinha grande significado intelectual.

Como disse, os demais autores dos evangelhos não captaram esse olhar de Cristo, por isso não o registraram. Essas diferenças em suas biografias atestam que elas eram fruto de um processo de investigação realizado por diferentes autores que enfocaram diversos aspectos históricos. Os evangelhos são quatro biografias “incompletas” produzidas, em tempos diferentes, por pessoas que foram cativadas pela história de Cristo.

Essas biografias têm coerência, sofisticação intelectual, pensamentos ousados, idéias complexas. São sintéticas, econômicas, não primam pela ostentação e elogio particular.

Cristo, em alguns momentos, revelava claramente seus pensamentos, mas em seguida se ocultava nas entrelinhas das suas reações e das suas parábolas, o que o torna difícil de ser compreendido. Ele se revelava e se ocultava continuamente. Por que tinha tal comportamento? Sua história nos revela que não era somente porque não procurava o brilho social, mas porque tinha um grande propósito: queria produzir uma revolução no interior do homem, uma revolução transformadora, difícil de ser analisada. Queria produzir uma transformação nas entranhas do espírito e da mente humana, capaz de gerar tolerância, humildade, justiça, solidariedade, contemplação do belo, cooperação mútua, consideração pela angústia do outro.

Seu comportamento de se revelar e se ocultar continuamente também objetivava provocar a inteligência das pessoas com as quais convivia. Como estudaremos, ele desejava continuamente romper a ditadura do preconceito e o cárcere intelectual dessas pessoas. Ninguém foi tão longe em querer implodir os alicerces da rigidez intelectual e procurar transformar a humanidade.

As características ímpares da personalidade daquele que dividiu a história da humanidade

Análise da inteligência de Cristo não obedecerá a uma ordem cronológica da vida de Cristo, mas estudará as características da sua inteligência em situações específicas e em épocas distintas da sua história.

Este livro não defende uma religião. Sua meta é fazer uma investigação psicológica da personalidade de Cristo. Porém, os sofisticados princípios intelectuais da inteligência dele poderão contribuir para abrir as janelas da inteligência das pessoas de qualquer religião, mesmo das não-cristãs. Tais princípios são tão complexos que até os ateus mais céticos poderão enriquecer sua capacidade de pensar diante deles.

Como estudaremos, a psicologia, a educação, a sociologia, a área de recursos humanos e outras ciências perderam muito por não ter investigado a inteligência de Cristo e aplicado suas características fundamentais.

É difícil encontrar alguém capaz de nos surpreender com as características de sua personalidade, capaz de nos convidar a nos interiorizar e repensar nossa história. Alguém que diante dos seus focos de tensão, contrariedades e dores emocionais tenha atitudes sofisticadas e seja capaz de produzir pensamentos e emoções que fujam do padrão trivial. Alguém tão interessante que seja capaz de perturbar nossos conceitos e paradigmas existenciais.

Com o decorrer dos anos, à medida que atuei como psiquiatra, psicoterapeuta e pesquisador da inteligência e investiguei diversos tipos de personalidade, compreendi que o homem, apesar da complexidade da sua mente, é freqüentemente muito previsível. Cristo fugia a esta regra. Possuía uma inteligência instigante capaz de provocar a inteligência de todos que passavam por ele. Neste tópico farei uma síntese das características de sua personalidade, as quais serão explicadas e desenvolvidas ao longo deste livro.

Cristo tinha plena consciência do que fazia. Tinha metas e prioridades bem estabelecidas¹⁰. Era seguro e determinado, ao mesmo tempo flexível, extremamente atencioso e educado. Tinha grande paciência para educar, mas não era um mestre passivo, e sim provocador. Ele despertava a sede de conhecimento nos seus íntimos¹¹. Informava pouco, porém educava muito. Era econômico no falar, dizendo muito com poucas palavras. Era ousadíssimo em expressar seus pensamentos, embora vivesse numa época em que imperava o autoritarismo.

Sua coragem para expressar os pensamentos trazia-lhe freqüentes perseguições e sofrimentos. Todavia, quando queria falar, ainda que suas palavras lhe trouxessem grandes transtornos, ele não se intimidava. Mesclava a singeleza com a eloqüência, a humildade com a coragem intelectual, a amabilidade com a perspicácia.

Cristo nasceu num país cuja identidade e sobrevivência estavam profundamente ameaçadas pelo autoritarismo e pela vaidade do Império Romano. O ambiente sociopolítico era angustiante. Sobreviver era uma tarefa difícil. A fome e a miséria eram o cotidiano das pessoas. O direito personalíssimo, ligado à liberdade de expressar o pensamento, era profundamente restringido pela cúpula judaica e amaldiçoado pelo Império Romano. A comunicação e o acesso às informações eram restritos.

Os judeus esperavam um grande líder, o Cristo (“ungido”), alguém capaz de reinar sobre eles, de resgatar-lhes a identidade e de libertá-los do jugo do Império Romano. Os membros da cúpula judaica viviam sob tensão política, sob a ameaça à sobrevivência e do aviltamento dos seus direitos. Porém, devido à rigidez intelectual deles, não investigaram e, portanto, não reconheceram o Cristo humilde, tolerante, dócil e inteligente, que não tinha prazer no status social nem queria o poder político.

Esperavam alguém que os libertasse do jugo romano, mas veio alguém que queria libertar o homem das suas misérias psíquicas. Esperavam alguém que fizesse uma revolução exterior, mas veio alguém que propôs uma revolução interior. Esperavam um poderoso político, mas veio alguém que nasceu numa manjedoura, cresceu numa cidade desprezível, Nazaré, e se tornou um carpinteiro, vivendo no anonimato até os trinta anos.

Cristo não freqüentou os bancos de uma escola, nem cresceu aos pés dos intelectuais da época, dos escribas e fariseus, mas freqüentou a escola da existência, a escola da vida. Nessa escola, conheceu profundamente o pensamento, as limitações e as crises da existência humana. No anonimato, passou pelas angústias, dores físicas, opressões sociais, dificuldades de sobrevivência, frio, fome, rejeição social.

Na escola da existência, a maioria das pessoas não investe em sabedoria. Nessa escola, a velhice não é sinal de maturidade. Nela, os títulos acadêmicos, o status social e a condição financeira não refletem a riqueza interior nem significam sucesso na liberdade de pensar, na arte da contemplação do belo, no prazer de viver. Estudaremos que essa é abrangente, pois envolve toda a nossa trajetória de vida, incluindo até mesmo a escola educacional.

A escola da existência é tão complexa que nela se pode ler uma infinidade de livros de auto-ajuda e continuar, ainda assim, a ser inseguro e ter dificuldades de lidar com as contrariedades. Nela, o maior sucesso não está fora do homem, mas em conquistar terreno dentro de si mesmo; a maior jornada não é exterior, mas caminhar nas trajetórias do próprio ser. Nessa escola, os melhores alunos não são aqueles que se gabam dos seus sucessos, mas os que reconhecem seus conflitos e limitações.

Todos passam por determinadas angústias e ansiedades, pois algumas das mazelas da vida são imprevisíveis e inevitáveis. Na escola da existência se aprende que a experiência se adquire não só dos acertos e das conquistas, mas, muitas vezes, das derrotas, das perdas e do caos emocional e social. Foi nessa escola, tão sinuosa, que Cristo se tornou o mestre dos mestres.

Ele foi mestre numa escola em que muitos intelectuais, cientistas, psiquiatras e psicólogos são pequenos aprendizes. Muitos psiquiatras e psicoterapeutas possuem elegância intelectual enquanto estão dentro dos seus consultórios. São lúcidos e coerentes enquanto estão envolvidos na relação terapêutica com seus pacientes. Porém, a vida real pulsa fora dos consultórios de psiquiatria e psicoterapia. Assim, quando estão diante dos seus próprios estímulos estressantes, ou seja, das suas frustrações, perdas e dores emocionais, apresentam dificuldades para manter a lucidez e a coerência.

Do mesmo modo, muitas pessoas que freqüentam uma reunião empresarial, científica ou religiosa apresentam um comportamento sereno e lúcido enquanto estão reunidas. Todavia, quando estão diante dos territórios turbulentos da vida, não sabem se reciclar, ser tolerantes, trabalhar suas contrariedades com dignidade.

A melhor maneira de conhecer a inteligência de uma pessoa é observá-la não nos ambientes isentos de estímulos estressantes, mas nos territórios em que eles estão presentes.

Quem é que usa continuamente as angústias existenciais, as ansiedades, os estresses sociais, os desafios profissionais, para enriquecer a arte de pensar e amadurecer a personalidade? Viver com dignidade e maturidade a vida que pulsa no palco de nossas existências é uma arte que todos temos dificuldades de aprender.

Cristo, devido à elegância como manifestava seus pensamentos, provavelmente usava cada angústia, cada perda, cada contrariedade como uma oportunidade para enriquecer sua compreensão da natureza humana. Era tão sofisticado na construção dos pensamentos que fazia até mesmo das suas misérias uma poesia. Dizia poeticamente que “as raposas têm seus covis, as aves do céu têm seu ninho, mas o filho do homem (ele) não tinha onde reclinar a cabeça”¹². Como pode alguém falar elegantemente da sua miséria? Cristo era um poeta da existência. Suas biografias revelam que ele reconhecia e reciclava suas dores continuamente. Assim, em vez de elas o destruírem, ele as usava como alicerce da sua inteligência.

O carpinteiro de Nazaré viveu no anonimato a maior parte de sua existência, porém, quando se manifestou, revolucionou o pensamento e viver humanos. Seu projeto era insidioso. Ele expressava que primeiro o interior, ou seja, o mundo dos pensamentos e das emoções deviam ser transformados, caso contrário a mudança exterior não teria estabilidade, não passaria de mera maquiagem social¹³. Para Cristo, a mudança exterior, dos amplos aspectos sociais, era uma consequência da transformação interior.

Apesar de a inteligência de Cristo ser excepcional, ele reunia todas as condições para confundir o pensamento humano. Nasceu numa pequena cidade. Seu parto foi entre os animais, sem qualquer espetáculo social, estética e glamour.

Com menos de dois anos, mal tinha iniciado sua vida e já estava condenado à morte por Herodes. Seus pais, apesar da riqueza interior, não tinham qualquer expressão social. A cidade em que cresceu era desprezada. Sua profissão era humilde. Seu corpo foi castigado pelas dificuldades de sobrevivência, pois alguns o consideravam envelhecido em relação à sua idade original¹⁴.

Não procurava ser o centro das atenções. Como disse, quando a fama batia-lhe à porta, ele procurava se interiorizar e fugir dos assédios sociais. Não se autopromovia nem se auto-elogava. Não falava sobre sua identidade claramente, nem mesmo para seus mais íntimos discípulos, mas deixava que eles usassem a capacidade de pensar e a descobrissem por si mesmos¹⁵. Falava freqüentemente na terceira pessoa, referindo-se ao seu Pai. Só falava em primeira pessoa em ocasiões especiais, nas quais sua ousadia era impressionante, deixando todos perplexos com suas palavras¹⁶.

Cristo gostava de conviver com as pessoas sem qualquer valor social. Era o exemplo vivo de uma pessoa avessa a todo tipo de discriminação. Ninguém, por mais imoral e defeitos que tivesse, era indigno de se relacionar com ele. Ele se doava sem esperar nada em troca.

Diferente dos escribas e fariseus, dava mais importância à história das pessoas do que ao “pecado” como ato moral. Entrava no mundo delas, percorria a trajetória de suas vidas. Gostava de ouvi-las. A arte de ouvir era uma jóia intelectual para ele.

Cristo não tinha formação psicoterapêutica, mas era um mestre da interpretação, pois conseguia captar os sentimentos íntimos das pessoas. Conseguia perceber seus conflitos mais clandestinos e atuar neles com inteligência e eficiência. Era comum se antecipar e dar respostas às perguntas que ainda não tinham sido formuladas ou que as pessoas não tinham coragem de expressar¹⁷.

Ele reagia educadamente até quando o ofendiam profundamente. Era amável mesmo quando corrigia e repreendia seriamente a alguém¹⁸. Não expunha publicamente os erros das pessoas, mas ajudava-as com discrição, considerando-as acima dos seus erros, conduzindo-as a se repensarem.

Embora fosse eloqüente, expunha e não impunha suas idéias. Não persuadia e nem procurava convencer as pessoas a crer nas suas palavras. Não as pressionava para que o seguissem, apenas as convidava¹⁹. A responsabilidade de crer nele era exclusivamente delas. Suas parábolas não produziam respostas prontas, mas estimulavam a arte da dúvida e a produção de pensamentos.

Cristo não respondia às perguntas quando pressionado, sendo fiel à sua própria consciência. Embora fosse muito amável, não bajulava ninguém. Não empregava meios escusos para conseguir determinados fins. Por isso, era mais fácil as pessoas ficarem perplexas diante dos seus pensamentos e reações do que compreendê-los. Ele foi, de fato, um grande teste para a cúpula de Israel. Cristo foi e continua sendo um grande enigma para a ciência e para os intelectuais de todas as gerações. Hoje, provavelmente, não poucas pessoas que dizem segui-lo ficariam perturbadas pelos seus pensamentos se vivessem naquela época.

Cristo confundia a mente e, ao mesmo tempo, causava profunda admiração nas pessoas que passavam por ele, até dos seus opositores. Maria, sua mãe, impressionava-se com seu comportamento e com suas palavras desde a infância. Quando ele falava, ela em silêncio guardava suas palavras²⁰. Com doze anos de idade, os doutores da lei, admirados, sentavam ao seu redor para ouvir sua sabedoria²¹. Seus discípulos ficavam continuamente atônitos com sua inteligência, enquanto seus opositores emudeciam diante do seu conhecimento, faziam “plantão” para ouvir suas palavras²². Até Pilatos parecia um menino perturbado diante dele²³. Ele, devido à arrogância e ao autoritarismo conferidos pelo poderoso Império Romano, não podia suportar o silêncio de Cristo em seu interrogatório. A singeleza e serenidade dele, mesmo diante do risco de morrer, chocavam a mente de Pilatos. Mesmo sua esposa, que não participava do julgamento de Cristo, mas sabia o que estava acontecendo, ficou inquieta, sonhou com ele e teve seu sono perturbado²⁴.

As pessoas discutiam continuamente quem era aquele misterioso homem que aparentemente tinha uma origem tão simples. Devido a sua intrigante e instigante inteligência, Cristo provavelmente foi o maior causador de insônia em sua época..

A promessa da ciência e a frustração gerada

No século XIX e principalmente no XX a ciência teve um desenvolvimento explosivo. Paralelamente a isto, o ateísmo floresceu como nunca. A ciência tanto progredia quanto prometia muito. Alicerçado na ciência, o homem se tornou ousado em seu sonho de progresso e modernidade. Milhões deles, inclusive muitos intelectuais, baniram Deus de suas vidas, de suas histórias. A ciência se tornou o deus do homem. Ela prometia conduzi-lo a dar um salto nos amplos aspectos da prosperidade biológica, psicológica e social. A solidariedade cresceria, a cidadania floresceria, o humanismo embriagaria as relações sociais, a riqueza material se expandiria e atingiria todo ser humano, a miséria social seria extinguida e a qualidade de vida atingiria um patamar brilhante. As guerras, as discriminações e as demais violações dos direitos humanos seriam lembradas como manchas das gerações passadas. Belo sonho.

A ciência fazia uma grande e espetacular promessa, que não era dita por palavras, mas, ainda assim, era forte e arrebatadora. Era uma promessa sentida a cada momento que se dava um salto espetacular na engenharia civil, na mecânica, na eletrônica, na medicina, na genética, na química, na física etc. A expansão do conhecimento se tornava incontrolável. Cada ciência se multiplicava em outras novas. Cada viela do conhecimento se expandia e se tornava um bairro inteiro de informações. Encontrava-se um microcosmo dentro das células. Descobria-se um mundo dentro dos átomos. Compreendia-se um mundo com bilhões de galáxias que pulsavam no espaço. Produzia-se um universo de possibilidades nas memórias dos computadores.

A ciência desenvolveu-se intensamente, todavia frustrou o homem. De um lado, fez e continua fazendo muito. Causou uma revolução tecnológica no mundo extrapsíquico e mesmo no seu próprio organismo, por intermédio dos exames laboratoriais, das técnicas de medicina. Revolucionou o mundo extrapsíquico, o mundo de fora do homem, mas não o mundo intrapsíquico, o mundo de dentro do homem, o cerne da sua mente. Conduziu o homem a conhecer o imenso espaço e o pequeno átomo, mas não o conduziu a explorar seu próprio mundo interior. Produziu veículos automotores, mas não veículos psíquicos capazes de conduzir o homem a caminhar nas trajetórias do seu próprio ser. Fabricou máquinas para arar a terra e produzir mantimentos para saciar a fome física, mas não gerou princípios psicológicos e sociológicos para “arar” sua rigidez intelectual, seu individualismo e nutri-lo com a cidadania, a tolerância, a preocupação com o outro. Produziu informações e multiplicou as universidades, mas não resolveu a crise de formação de pensadores...

A ciência não causou a tão sonhada revolução do humanismo, da solidariedade, da preservação dos direitos humanos. Não cumpriu as promessas mais básicas de expandir a qualidade de vida psicossocial do homem moderno.

O homem do final do século XX se sentiu traído pela ciência e o do terceiro milênio se sente hoje frustrado, perdido, confuso, sem âncora intelectual para se segurar.

O conhecimento e as misérias psicossociais

Milhões de pessoas conseguem definir as partículas dos átomos que nunca viram, mas não conseguem compreender que a cor da pele branca ou negra, tão perceptível aos olhos, não serve de parâmetro para distinguir duas pessoas da mesma espécie que possuem o mesmo espetáculo da construção de pensamentos. Somos, a cada geração, uma espécie mais feliz, humanista, solidária, complacente, tolerante e menos doente psiquicamente? Infelizmente não!

O conhecimento abriu novas e impensáveis perspectivas. As escolas se multiplicaram. As informações nunca foram tão democratizadas, tão acessíveis. Estamos na era da educação virtual. Milhões de pessoas cursarão universidades dentro de suas próprias casas. Porém, onde estão os pensadores que deixam de ser espectadores passivos e se tornam agentes modificadores da sua história existencial e social? Onde estão os engenheiros de idéias criativas, capazes de superar as ditaduras do preconceito e dos focos de tensão? Onde estão os poetas da inteligência que desenvolveram a arte de pensar? Onde estão os humanistas, que não objetivam que o mundo grave em torno de si, que superam a paranóia do individualismo, que transcendem a paranóia da competição predatória e sabem se doar socialmente?

O homem nunca usou tanto a ciência. Entretanto, nunca desconfiou tanto dela. Ele sabe que a ciência não resolveu os problemas básicos da humanidade. Qual a consequência disto? É que a forte corrente do ateísmo que se iniciou no século XIX e que perdurou durante boa parte do XX foi rompida. A ciência, como disse, tanto progredia quanto prometia muito. O homem, sob os alicerces da ciência, ganhou status de deus, pois acreditava ser capaz de extirpar completamente as suas próprias misérias. Assim, durante muitas décadas, o ateísmo floresceu como num canteiro vivo. Todavia, com a frustração da ciência, o ateísmo ruiu como num jogo de cartas de baralho, implodiu, e o misticismo floresceu. Fomos de um extremo para outro.

Percebendo as misérias psicossociais ao seu redor e observando as notícias de cunho negativo saltitando todos os dias das manchetes dos jornais, o homem moderno começou a procurar por Deus. Ele, que não cria em nada, passou a crer em tudo. Ele, que era tão cético, passou agora a ser tão crédulo. É respeitável todo tipo de crença, porém é igualmente respeitável exercer o direito de pensar antes de crer, crer com maturidade e consciência crítica. O direito de pensar com consciência crítica é nobilíssimo.

A ciência e a complexidade da inteligência de Cristo

A ciência foi tímida e omissa em pesquisar algumas áreas importantíssimas do conhecimento. Uma delas se relaciona aos limites entre a psique e o cérebro. Temos viajado pelo imenso espaço e penetrado nas entranhas do pequeno átomo, mas a natureza intrínseca da energia psíquica, que nos torna seres que pensam e sentem emoções, permanece um enigma.

Outra atitude tímida e omissa que a ciência cometeu ao longo dos séculos está ligada à investigação do personagem principal deste livro, Cristo. A ciência o considerou complexo demais. Sim, ele o é, mas ela foi tímida em pesquisar a inteligência dele. Será que aquele que dividiu a história da humanidade não merecia ser mais bem investigado? Ela o considerou inatingível, distante de qualquer análise. Deixou esta tarefa apenas para ser realizada na esfera teológica.

Há pelo menos duas maneiras de uma pessoa ser deixada de lado: quando é considerada sem nenhum valor ou quando, na outra ponta, é tão valorizada que se torna inatingível. Cristo foi rejeitado por diversos “intelectuais” de sua época, pois foi considerado um perturbador da ordem social e religiosa. Hoje, ao contrário, é tão valorizado que muitos o consideram intocável, distante de qualquer investigação. Todavia, como já me expressei, ele gostava de ser investigado com inteligência.

A omissão e a timidez da ciência fizeram com que Cristo fosse banido das discussões acadêmicas, não sendo estudado ou investigado nas salas de aulas. Sua complexa inteligência não é objeto de pesquisa nas teses de pós-graduação das universidades. Embora a inteligência de Cristo possua princípios intelectuais sofisticados, capazes de estimular o processo de interiorização e o desenvolvimento das funções mais importantes da inteligência, ele realmente foi banido dos currículos escolares.

É muito raro alguém comentar que a inteligência de Cristo era perturbadora, que ele rompia o cárcere intelectual das pessoas, que abria as janelas da mente delas. Ele foi, sem dúvida, um exemplo vivo de mansidão e humildade, entretanto ninguém comenta que era insuperável na arte de pensar.

Algumas ferramentas usadas para investigar a inteligência de Cristo

O mestre dos mestres da escola da existência foi banido da escola clássica. Centenas de milhões de pessoas o admiram profundamente, todavia uma minoria estuda os detalhes da sua inteligência. Grande parte delas não tem idéia de como ele desejava causar uma transformação psicossocial do interior para o exterior do homem, uma transformação que a ciência prometeu nas entrelinhas do seu desenvolvimento e não cumpriu.

Antes de continuar a estudar a inteligência de Cristo, gostaria de usar os próximos textos para expor alguns mecanismos básicos da construção da inteligência humana*. Farei uma pequena síntese sobre a construção de pensamentos, os papéis da memória e a ditadura do preconceito.

Os fenômenos que aqui estudarei funcionarão como ferramentas para investigar alguns princípios fundamentais da inteligência de Cristo, os quais serão aplicados e explicados ao longo deste livro.

A inteligência de Cristo diante da ansiedade e do gerenciamento dos pensamentos

A inteligência do carpinteiro de Nazaré era tão impressionante que ele discursava sobre temas que só seriam abordados pela ciência dezenove séculos depois, com o surgimento da psiquiatria e da psicologia. Ele se adiantou no tempo e discorreu sobre a mais insidiosa das doenças psíquicas, a ansiedade²⁵. A ansiedade estanca o prazer de viver, fomenta a irritabilidade, estimula a angústia e gera um universo de doenças psicossomáticas.

A medicina, como ciência milenar, sempre olhou para a psiquiatria e para a psicologia de cima para baixo, com certa desconfiança, pois as considerava ciências novas, imaturas. Muitos estudantes de medicina, inclusive na escola em que me formei, não davam grande importância às aulas de psiquiatria e psicologia. Queriam estudar os órgãos do corpo humano e suas doenças, mas desprezavam o funcionamento da mente. Todavia, nas últimas décadas, a medicina tem deixado sua postura orgulhosa e procurado estudar e tratar o ser humano integral — organismo e psique (alma) —, pois tem percebido que muitas doenças cardiovasculares, pulmonares, gastrintestinais etc. têm como causa desencadeante os transtornos psíquicos, dos quais se destaca a ansiedade.

Cristo discorreu sobre uma doença que somente agora tem ocupado os capítulos principais da medicina. Provavelmente, no terceiro milênio, um excelente médico será antes de tudo um profissional com bons conhecimentos de psiquiatria, psicologia e cultura geral. Será um profissional menos ávido por pedir exames laboratoriais e prescrever medicamentos e mais interessado em dialogar com seus pacientes, alguém que terá habilidade para penetrar no mundo deles, detectar os níveis de ansiedade e ajudá-los a superar suas dores existenciais. Será um profissional que terá uma linha de pensamento semelhante à apreendida há tantos séculos por Cristo. Ele era o Mestre do diálogo...

Esse mestre compreendia a mente humana e as dificuldades da existência com uma lucidez refinada. Preocupava-se com a qualidade de vida dos seus íntimos. Discursava eloqüentemente: “Não andeis ansiosos pela vossa vida”, o que não significava que deveriam abolir completamente qualquer reação de ansiedade, mas que não vivessem ansiosos. Por intermédio de seu discurso, Cristo indicava que havia uma ansiedade natural, normal, presente em cada ser humano, que se manifesta espontaneamente quando estamos preocupados, planejamos, expressamos um desejo, passamos por alguma doença ou contrariedade. Todavia, segundo ele, essa ansiedade eventual, normal, poderia se tornar doentia, um “andar” ansioso.

Neste livro, não me deterei em detalhes sobre o pensamento de Cristo relativo à ansiedade. Quero apenas comentar que ele discorria que as preocupações exageradas com a sobrevivência, os pensamentos antecipatórios, o enfretamento de problemas virtuais, a desvalorização do ser em relação ao ter etc. eram o que cultivavam a ansiedade doentia. O mestre da escola da existência era um grande sábio. As causas que ele apontou não mudaram no mundo moderno; pelo contrário, elas se intensificaram.

Quanto mais conquistamos bens materiais, mais queremos tê-los. Parece que não há limites para a nossa insegurança e insatisfação. Valorizamos mais “ter” do que “ser”, ou seja, mais ter bens do que ser tranqüilo, alegre, coerente. Esta inversão de valores cultiva a ansiedade e seus frutos: insegurança, medo, apreensão, irritabilidade, insatisfação, angústia (tensão emocional associada a um aperto no tórax). A insegurança é uma das principais manifestações da ansiedade. Fazemos seguros de vida, da casa, do carro, mas, ainda assim, não resolvemos nossa insegurança.

Cristo tinha razão: há uma ansiedade inerente ao homem, ligada à construção de pensamentos, influenciada pela carga genética, por fatores psíquicos e sociais. Só não tem essa ansiedade quem está morto. Somos a espécie que possui o maior de todos os espetáculos, o da construção de pensamentos. Todavia, muitas vezes usamos o pensamento contra nós mesmos, para gerar uma vida ansiosa. Os problemas ainda não ocorreram, mas já estamos angustiados por eles. O registro de Mateus 6 diz: “Não andeis ansiosos pelo dia de amanhã... Basta ao dia o seu próprio mal”.

Cristo queria vacinar seus discípulos contra o stress produzido por pensamentos antecipatórios. Não abolia as metas, as prioridades, o planejamento do trabalho, pois ele mesmo tinha metas e prioridades bem estabelecidas, mas queria que eles não gravitassem em torno de problemas imaginários.

Muitos de nós vivemos o paradoxo da liberdade utópica. Por fora, somos livres porque vivemos em sociedades democráticas, mas por dentro somos prisioneiros, escravos das idéias de conteúdo negativo, e dramáticas que antecipam o futuro. Há diversas pessoas que estão ótimas de saúde, mas vivem miseravelmente pensando em câncer, infarto, acidentes, perdas.

O ensinamento de Cristo relativo à ansiedade era sofisticado, pois, para praticá-lo, é necessário conhecer uma complexa arte intelectual que todo ser humano tem dificuldade de aprender: a arte do gerenciamento dos pensamentos.

Governamos o mundo exterior, mas temos enorme dificuldade para gerenciar nosso mundo interno, o dos pensamentos e das emoções. Somos subjugados por necessidades que nunca foram prioritárias, subjugados pelas paranóias do mundo moderno: do consumismo, da estética, da segurança. Assim, a vida humana, que deveria ser um espetáculo de prazer, torna-se um espetáculo de terror, de medo, de ansiedade. Nunca tivemos tantos sintomas psicossomáticos: cefaléias, dores musculares, fadiga excessiva, sono perturbado, transtornos alimentares (ex.: bulimia e anorexia nervosa) etc. Uma parte significativa dos adolescentes americanos tem problemas de obesidade, e a ansiedade é uma das principais causas desse transtorno.

Para compreendermos a importância do gerenciamento dos pensamentos e as dificuldades de executá-lo precisamos responder pelo menos duas grandes perguntas sobre o funcionamento da mente: qual é a maior fonte de entretenimento humano? Pensar é uma atividade inevitável ou é um trabalho intelectual voluntário que depende apenas da determinação consciente do próprio homem?

A maior fonte de entretenimento humano não é a TV, o esporte, a literatura, a sexualidade, o trabalho. A resposta está dentro do próprio homem. É o mundo das idéias, dos pensamentos, que o ser humano constrói clandestinamente em sua própria mente, e que gera os sonhos, os planos, as aspirações.

Quem consegue interromper a construção de pensamentos? É impossível. A própria tentativa de interrupção já é um pensamento. Pensamos durante os sonhos, quando estamos trabalhando, andando, dirigindo.

As idéias representam um conjunto organizado de cadeias de pensamentos. O fluxo das idéias que transitam a cada momento no palco de nossas inteligências não pode ser contido. Todos somos viajantes no mundo das idéias: viajamos para o passado, reconstruindo experiências já vividas; viajamos para o futuro, imaginando situações ainda inexistentes; viajamos também para os problemas existenciais.

Os juízes viajam nos seus pensamentos enquanto julgam os réus. Os psicoterapeutas viajam enquanto atendem seus pacientes. Os cientistas viajam enquanto pesquisam. As crianças viajam nas suas fantasias. Os adultos, nas suas preocupações. Os idosos, nas suas recordações.

Uns constroem projetos e outros, castelos inatingíveis. Uns viajam menos em seus pensamentos, outros viajam muito, concentrando pouco em suas tarefas. Essas pessoas pensam que têm déficit de memória, mas, na verdade, possuem apenas déficit de concentração devido à hiperprodução de pensamentos.

Pensar não é uma opção voluntária do homem; é o seu destino inevitável... Não podemos interromper a produção de pensamentos; só podemos gerenciá-la. É impossível interromper o fluxo de pensamentos, pois além do eu (vontade consciente) existem outros três fenômenos (o da autochecagem da memória, a âncora da memória e o complexo autofluxo*), que fazem espontaneamente uma leitura da memória e produzem inúmeros pensamentos diários, os quais são importantes tanto para a formação da personalidade como para gerar uma grande fonte de entretenimento, podendo se tornar também a maior fonte de ansiedade humana.

Cristo tanto prevenia a ansiedade como discursava sobre o prazer de viver. Dizia: “ Olhai os lírios dos campos”²⁶. Ele queria produzir um homem alegre, inteligente, mas simples. Entretanto, tanto seus discípulos como nós não sabemos contemplar os lírios dos campos, ou seja, não sabemos extrair o prazer dos pequenos eventos da vida. A ansiedade estanca esse prazer. Apesar de o Mestre da escola da vida discursar sobre a ansiedade e suas causas, sua proposta em relação ao sentido da vida e ao prazer de viver era tão surpreendente que, como analisaremos no próximo capítulo, chocam a psiquiatria, psicologia e as neurociências.

Ao longo de quase duas décadas pesquisando o funcionamento da mente humana, compreendi que não há ser humano que não tenha problemas no gerenciamento dos seus pensamentos e emoções, principalmente diante dos focos de tensão... O maior desafio da educação não é conduzir o homem a executar tarefas e dominar o mundo que o cerca, mas conduzi-lo a liderar seus próprios pensamentos, seu mundo intelectual.

É possível ter status e sucesso social e ser uma pessoa insegura diante das contrariedades, não gerenciar as situações estressantes. É possível ter sucesso econômico, mas ser um “rico-pobre”, não ter prazer em viver, em contemplar os pequenos detalhes da vida. É possível viajar pelo mundo e conhecer vários continentes, mas não caminhar nas trajetórias do seu próprio ser e conhecer a si mesmo. É possível ser um grande executivo e ter o controle de uma multinacional, mas não ter domínio sobre os pensamentos e as reações emocionais, ser um espectador passivo diante das mazelas psíquicas.

Cristo não frequentou escola, não estudou as letras, mas foi o mestre dos mestres na escola da vida. Ele era tão sofisticado em sua inteligência que fazia psiquiatria e psicologia preventiva quando essas nem ensaiavam existir.

A inteligência de Cristo diante dos papéis da memória

Como Cristo lidava com os papéis da memória? Ele usava a memória humana como um depósito de informações? Tinha um postura lúcida e coerente diante da história dos seus discípulos?

Cristo usava os papéis da memória diferente de muitas escolas clássicas. Ele tinha uma sabedoria impressionante. Não dava uma infinidade de informações para seus íntimos e nem mesmo regras de condutas, como muitos pensam. Usava a memória como um suporte para fazer deles uma refinada casta de pensadores. Nos capítulos sobre a escola da existência estudaremos esses aspectos. Aqui, comentarei apenas a linha principal do pensamento de Cristo diante dos papéis da memória.

As escolas são fundamentais numa sociedade, ma elas têm enfileirado os alunos durante séculos nas salas de aula acreditando que a memória tenha uma especialidade que na realidade não tem, ou seja, ser um sistema de arquivo de informações que conduz o homem a ser um retransmissor delas. O senso comum pensa que tudo o que se armazena na memória será lembrado de maneira pura. Todavia, ao contrário do que muitos educadores e outros profissionais pensam, não existe lembrança pura das alegrias, das angústias, dos fracassos e dos sucessos que foram registradas na memória existencial (ME). Só são recordadas de maneira mais pura as informações de uso contínuo, como endereços, números telefônicos e fórmulas matemáticas que foram registradas repetidas vezes na memória de uso contínuo (MUC)

O passado não é lembrado, mas reconstruído. As recordações são sempre reconstruções do passado, nunca plenamente fiéis, apresentando às vezes micro ou macrodiferenças. Ao recordarmos o dia em que recebemos o primeiro diploma na escola, sofremos um acidente, fomos ofendidos, fomos elogiados, a lembrança será sempre diferente em relação ao passado.

A memória não é um sistema de arquivo lógico, uma enciclopédia de informações, nem a inteligência humana funciona como uma retransmissora dessas informações. A memória funciona como um canteiro de dados para que o homem se torne um construtor de pensamentos. Cristo tinha consciência disso, pois usava a memória como trampolim para expandir a arte de pensar. Estava sempre estimulando os seus discípulos a se interiorizar e a se repensar.

Por que a memória humana não funciona como a memória dos computadores? Por que não recordamos o passado exatamente como ele foi? Aqui esconde-se um grande segredo da inteligência. Não recordamos o passado com exatidão não apenas pelas dificuldades de registro cerebral, mas também porque um dos mais importantes papéis da memória não é transformar o homem num repetidor de informações do passado, mas um engenheiro de idéias, um construtor de novos pensamentos. Este segredo da mente humana precisa ser incorporado pelas teorias educacionais.

Nunca se resgata a realidade das experiências do passado, mesmo quando se está em tratamento psicoterapêutico. O filme do presente nunca é igual ao do passado. Este fenômeno, além de estimular o homem a ser um engenheiro de idéias, contribui para desobstruir a inteligência em situações dramáticas. Por exemplo, uma mãe que perde um filho poderia paralisar sua inteligência, pois recordaria continuamente ao longo da vida a mesma experiência de dor vivida no velório dele. Porém, como a recordação do presente é sempre distinta do passado, ainda que minimamente, a mãe vai pouco a pouco aliviando inconscientemente a dor da perda, apesar da saudade nunca mais ser resolvida. Com isso ela volta a ter prazer de viver.

Sem tais mecanismos intelectuais, expostos sinteticamente, não apenas as experiências de dor e fracasso poderiam paralisar nossas inteligências, mas também as de alegria e sucesso poderiam nos fazer gravitar em torno delas.

Cristo estava continuamente conduzindo seus discípulos a pensar antes de reagir, a abrir as janelas de suas mentes mesmo diante do medo, dos erros, dos fracassos e das dificuldades. Estimulava os papéis da memória e o processo de construção de pensamentos.

Reitero, a leitura multifocal da memória e a reconstrução contínua do passado leva o homem a ser um engenheiro criativo de novas idéias e não um pedreiro das mesmas obras. Porém, não ajudamos esse processo, como fazia o mestre de Nazaré, pelo contrário, nós o atrapalhamos, pois, ao invés de exigirmos de nós a flexibilidade e a criatividade, exigimos ter ótima memória, ser um repetidor de informações, o que encarcera a inteligência.

Este erro educacional se arrasta por séculos e vai se intensificar cada vez mais, à medida que o homem queira ter uma memória e uma capacidade de resposta que se assemelha à dos computadores. Os computadores são escravos de programas lógicos. Eles não pensam, não têm consciência de si mesmos e, principalmente, não duvidam nem se emocionam.

Muitos alunos não se adaptam ao ensino tradicional e são considerados incompetentes ou deficientes porque o modelo educacional nem sempre estimula adequadamente os papéis da memória. Até as próprias provas escolares podem representar, às vezes, uma tentativa de reprodução inadequada de informações. Precisamos compreender que a especialidade da inteligência humana é expandir a arte de pensar, criar, libertar o pensamento e não decorar e repetir informações.

Estudaremos que o mestre da escola da existência, por conhecer bem os papéis da memória, ensinava muito dizendo pouco. Desejava que o homem não fosse um repetidor de regras de comportamento, alguém que só sabe julgar os outros, mas não sabe se interiorizar e enfrentar seus próprios erros, como os fariseus relatado no registro dos capítulos de Mateus 6 e 23. Dizia: "tira a trave do teu olho, então verás claramente para tirar o cisco do olho do teu irmão". Somos ótimos para julgar e criticar os outros. Todavia, ele não admitia que seus discípulos vivessem uma maquiagem social. Primeiro tinham que apontar o dedo para si mesmos, para depois julgar e ajudar os outros.

Estudando as entrelinhas de suas idéias, verificamos que ele sabia que os pensamentos não registram-se na mesma intensidade, que havia determinadas experiências que obtinham um registro privilegiado no inconsciente da memória. Por isso, toda vez que queria ensinar algo complexo ou estimular uma função importante da inteligência, tal como aprender a se doar, a pensar antes de reagir, a reciclar a competição predatória, usava gestos surpreendentes que chocavam a mente das pessoas e marcava para sempre a memória delas.

O mestre dos mestres entendia as limitações humanas, sabia que era difícil o homem administrar suas emoções, principalmente nos focos de tensão. Sabia que facilmente perdemos a paciência quando estressados, que nos irritamos por pequenas coisas e ferimos as pessoas que mais amamos. Para ele, o mal é o que sai de dentro do ser humano e não o que está fora dele. Cumpre ao homem atuar primeiro no seu mundo intelectual para depois aprender a ser um bom líder no mundo social.

Ele não admitia que as tensões, a ira, a intolerância o julgamento preconcebido envolvessem seus discípulos. Estimulava seus íntimos a serem fortes numa esfera em que costumamos ser fracos: fortes em administrar a impaciência, rápidos em reconhecer as limitações, seguros em reconhecer os fracassos, maduros em tratar com as dificuldades de relacionamento social²⁷.

A preocupação desse mestre tem fundamento. Existe um fenômeno inconsciente que registra automaticamente todas as experiências na memória, que chamo de fenômeno RAM.(Registro Automático da Memória). Nos computadores é necessário dar um comando para registrar, "salvar" as informações. Porém, na memória humana, a mente não nos dá essa liberdade. Cada pensamento e emoção são registrados automática e espontaneamente, por isso as experiências do passado irrigam o nosso presente.

O fenômeno RAM registra todas as nossas experiências de vida, tantos nossos sucessos como nossos fracassos, tanto nossas reações inteligentes como as imaturas. Entretanto, há diferenças no processo de registro que influenciará o processo de leitura da memória. Registramos de maneira mais privilegiada as experiências que tiverem mais conteúdo emocional, seja ele prazeroso ou angustiante, por isso temos mais facilidade de recordar as experiências mais marcantes de nossas vidas, tanto as que nos causaram alegrias como aquelas que nos frustraram. Estimular adequadamente o fenômeno RAM é fundamental para o desenvolvimento da personalidade, inclusive para o sucesso do tratamento de pacientes depressivos, fóbicos, autistas.

Cristo não queria que as turbulências emocionais fossem continuamente registradas na memória, engessando a personalidade. Queria que seus discípulos fossem livres²⁸. Livres no território que todo ser humano facilmente é prisioneiro, seja um psiquiatra ou paciente, livres no território da emoção. O mestre da escola da existência, quase vinte séculos antes de Goleman* já discursava sobre a energia emocional como uma das importantes variáveis que influenciam o desenvolvimento da inteligência. Como estudaremos, a maneira como ele lidava com as intempéries emocionais, superava as dores da existência, desenvolvia a criatividade e abria as janelas da mente nas situações estressantes é capaz de deixar os adeptos da tese da inteligência emocional pasmados com tanta maturidade.

Se não formos rápidos e inteligentes para tratar com nossas ansiedades, intolerâncias, impaciências, fobias, então nós as retroalimentaremos em nossas memórias. Assim, nos tornaremos o nosso maior inimigo; reféns de nossas emoções. Por isso muitos vivem o paradoxo da cultura e da miséria emocional. Eles têm diversos títulos acadêmicos, são cultos, mas, ao mesmo tempo, são infelizes, ansiosos e hipersensíveis, não sabem trabalhar suas contrariedades, frustrações e as críticas que recebem. Tais pessoas deveriam se reciclar e investir em qualidade de vida.

Não está sob o controle consciente do homem o registro das informações na memória, como também não está o ato de apagá-las ou deletá-las. Mas é possível reescrevê-las. Já pensou se fosse possível deletar, apagar os arquivos registrados na memória? Quando estivéssemos decepcionados, frustrados com determinadas pessoas, teríamos a oportunidade de matá-las dentro de nós. Isto produziria um suicídio impensável da inteligência, um suicídio da história. Muitos já tentamos, sem sucesso, matar alguém em nossa memória.

Cristo indicou ao longo do relacionamento que teve com seus discípulos, que tinha consciência de que a memória não pode ser deletada. Veremos que não queria destruir a personalidade das pessoas que conviviam com ele. Pelo contrário, desejava transformá-las essencialmente, amadurecê-las e enriquecê-las. Não desejava anular a história delas, mas desejava que reescrevessem suas histórias com liberdade e consciência, que não tivessem medo de repensar seus dogmas e de revisar seus conflitos diante da vida.

Como pode alguém que nasceu há tantos séculos, sem qualquer privilégio cultural e social, demonstrar um conhecimento tão profundo sobre a inteligência humana? O mestre de Nazaré era um maestro da vida. Ele usava seus momentos de silêncio, suas parábolas, suas reações para estimular seus incultos discípulos a se tornarem um grupo de pensadores, capazes de tocar juntos a mais bela sinfonia de vida... Sem dúvida, era um mestre intrigante e instigante... Estudar a inteligência dele é muito mais complexo do que estudar a de Freud, de Jung, de Platão ou a de qualquer outro pensador.

A inteligência de Cristo diante da ditadura do preconceito

Agora estudaremos o pensamento de Cristo sobre as relações sociais. Analisaremos como ele se comportava diante das pessoas socialmente desprezadas e moralmente reprovadas. O mestre da escola da vida tem algumas lições para nos dar também nesta área.

O maior líder não é aquele que é capaz de governar o mundo, mas aquele que é capaz de governar a si mesmo. Alguns realizam com grande habilidade suas tarefas profissionais, mas não têm habilidade para construir relacionamentos profundos, abertos, flexíveis e desprovidos de suas angústias e ansiedades. Um dos maiores problemas que engessa a inteligência e dificulta ao homem a se relacionar socialmente é a ditadura do preconceito.

O preconceito está intimamente ligado à construção de pensamentos. Toda vez que estamos diante de algum estímulo fazemos automaticamente a leitura da memória e construímos pensamentos que contêm preconceitos sobre esse estímulo. Por exemplo, quando estamos diante do comportamento de alguém, usamos a memória e produzimos um preconceito sobre esse comportamento. Assim, freqüentemente temos um conceito prévio dos estímulos que observamos, por isso os consideramos corretos, imorais, inadequados, belos, feios etc. Aqui reside um grande problema: a utilização da memória gera um preconceito inevitável e necessário, mas se não reciclarmos esse preconceito viveremos sob a sua ditadura (controle absoluto) e, assim, engessamos a inteligência e nos fechamos para outras possibilidades de pensar.

Quando vivemos sob a ditadura do preconceito aprisionamos o pensamento, criamos verdades que não são verdades e nos tornamos radicais. Há três grandes tipos de preconceito que geram ditadura da inteligência: o histórico, o tendencioso e o radical. Não é o objetivo deste livro entrar em detalhes sobre estes tipos de preconceitos.

À medida que adquirimos cultura, começamos a enxergar o mundo de acordo com os preconceitos históricos, ou seja, com os conceitos, paradigmas e parâmetros contidos nessa cultura. Se um psicanalista vê o mundo apenas com os olhos da psicanálise, ele se fecha para outras possibilidades de pensar. Do mesmo modo, se um cientista, um professor, um executivo, um pai, um jornalista, vê o mundo apenas através dos preconceitos contidos em suas memórias, pode estar sob a ditadura do preconceito, ainda que sem ter consciência dela.

As pessoas que vivem sob a ditadura do preconceito não apenas podem violar os direitos dos outros e amarrar seus desempenhos intelectuais, mas podem também ferir as suas próprias emoções e experimentar uma fonte de angústia. Elas se tornam implacáveis e radicais contra os seus próprios erros. Estão sempre se punindo e exigindo de si mesmas um perfeccionismo inatingível.

Os preconceitos estão contidos na memória, mas, se não aprendermos a nos interiorizar e aplicar a arte da dúvida e da crítica sobre eles, poderemos ser autoritários, agressivos, violar tanto os direitos dos outros como os nossos. Por que nossa maneira de pensar é, às vezes, radical e inquestionável? Porque nos comportamos como um semideus. Pensamos como um ser absoluto, que não duvida do que pensa, que não se recicla. Quem conhece minimamente a grandeza e a sofisticação do funcionamento da mente humana vacina-se contra a ditadura do preconceito. Convém lembrar que o preconceito individual pode se disseminar e se tornar um preconceito social, um paradigma coletivo.

Como Cristo lidava com a ditadura do preconceito? Ele era uma pessoa tolerante e despreconceituosa? Conseguia compreender e valorizar o ser humano independentemente da sua moralidade, dos seus erros, da sua história?

As biografias de Cristo evidenciam que ele era uma pessoa aberta e inclusiva. Não classificava as pessoas. Ninguém era indigno de se relacionar com ele, por pior que fosse seu passado.

Os fariseus e escribas na época de Cristo eram especialistas na ditadura do preconceito. Para eles, suas verdades eram eternas, o mundo era apenas do tamanho de sua cultura. Eram rígidos na maneira de pensar, viviam num cárcere intelectual. Não usavam a arte da dúvida contra os seus preconceitos para se esvaziar intelectualmente e se abrir para outras possibilidades de pensar. Por isso, não podiam aceitar alguém como Cristo, que rompia todos os dogmas da época e introduzia uma nova maneira de ver a vida e compreender o mundo.

Vejamos um exemplo de como Cristo lidava com a ditadura do preconceito.

Havia uma mulher samaritana, cuja moral era considerada da pior qualidade. Ela teve uma história incomum, totalmente fora dos padrões éticos da sua sociedade. Teve tantos “maridos” (cinco) que talvez tenha batido o recorde na sua época. Era uma pessoa infeliz e insatisfeita. Sua necessidade contínua de mudar de parceiro sexual era uma evidência clara da sua dificuldade de sentir prazer, pois ninguém a completava, as relações interpessoais que construía eram frágeis e sem raízes. Era angustiada interiormente e rejeitada exteriormente. Os próprios samaritanos provavelmente desviavam o olhar dela. Entretanto, um dia, algo inesperado aconteceu. Quando ela estava tirando água de um poço, apareceu uma pessoa no calor do dia e mudou a história de sua vida. Cristo surgiu naquele momento e, para seu espanto, ele travou um diálogo com ela em que a considerou de maneira especial, como um ser humano digno do maior respeito.

Samaria era uma região em que havia uma mistura de judeus com outros povos (os gentios). Os “judeus puros” rejeitavam os “samaritanos impuros”²⁹. Os samaritanos não consideravam Jerusalém como centro de adoração a Deus. A mistura racial dos samaritanos e a ruptura que faziam com os dogmas religiosos eram insuportáveis para os judeus. A discriminação contra os samaritanos era tão drástica que quando os judeus queriam ofender a origem de uma pessoa, ela era chamada de samaritana.

Quando Cristo apareceu àquela mulher, ela tinha plena consciência da discriminação dos judeus e esperava que ele, sendo um “judeu puro”, certamente a rejeitasse, não lhe dirigisse nenhuma palavra. Porém, ele começou a dialogar longamente com ela. Ela ficou impressionada com sua atitude e não se conformava como ele rompia com uma discriminação tão cristalizada. Cristo teve um diálogo profundo, elegante e acolhedor com a samaritana. Ele não apenas rompeu a ditadura do preconceito racial, mas também a do preconceito moral. Para ele, ela era acima de tudo um ser humano, independente da sua raça e sua moral. Dificilmente alguém foi tão acolhedor como ele com pessoas consideradas tão indignas.

Neste livro não terei tempo para discorrer sobre a profundidade do diálogo que Cristo manteve com a samaritana. Gostaria de destacar mais a dimensão do seu gesto. Ele não apenas acolheu e dialogou com aquela mulher, mas teve a coragem de fazer o que nenhum fariseu ou mesmo um habitante de sua cidade era capaz, ou seja, elogiá-la. Quando ele perguntou por seu marido, ela respondeu que não tinha marido. Cristo elogiou a sua franqueza, a sua honestidade³⁰. Ele comentou que ela teve cinco maridos e que o homem que convivia com ela não era seu marido. Que homem é este que no caos da moralidade é capaz de exaltar as pessoas?

Além de elogiá-la, Cristo comentou que ela vivia insatisfeita, que precisava experimentar um prazer mais profundo que pudesse saciá-la. Ele a perturbou dizendo que a água que ela estava tirando daquele poço saciava-a por pouco tempo, mas que ele possuía uma “fonte de água” que poderia satisfazê-la para sempre. Realmente seu diálogo foi perturbador e incomum.

A mulher samaritana ficou extasiada com a gentileza e a proposta inusitada de Cristo. Isso era demais para uma pessoa tão discriminada socialmente. Talvez nunca alguém lhe tenha dado tanta atenção e se preocupado se ela era uma pessoa feliz ou não. Todos a julgavam pelo seu comportamento, mas ninguém provavelmente havia investigado o que se passava no seu íntimo. Por isso, de repente, ela largou o seu cantil de água, esqueceu-se de sua sede física, saiu da presença de Cristo e correu para a sua aldeia animada e alegre. Parecia que a solidão, a angústia e o isolamento que a encarceravam e geravam uma intensa sede psíquica foram rompidos. Ela contou a todos da sua pequena cidade o diálogo incomum que teve com Cristo.

A samaritana estava tão alegre que nem se importou em assumir publicamente a sua história. Aqui há um princípio interessante e sofisticado. Todas as pessoas que ficavam íntimas de Cristo perdiam espontaneamente o medo de assumir a sua história, se interiorizavam e se tornavam fortes em reconhecer suas fragilidades, o que fazia com que ficassem saudáveis emocionalmente.

A samaritana dizia a todos que havia encontrado alguém que falara sobre sua história de vida³¹. E dizia que ele era o Cristo que devia vir ao mundo, o Cristo esperado por Israel. Nessa passagem Cristo não fez nenhum milagre. Porém, teve gestos profundos e sublimes. Ele rompeu a ditadura do preconceito, destruiu toda forma de discriminação e considerou o ser humano especial, independente da sua história, da sua moral, dos seus erros, da sua raça.

As ciências poderiam ter sido enriquecidas com os princípios da inteligência de Cristo

Se os princípios sociológicos, psicológicos e educacionais contidos na inteligência de Cristo tivessem sido investigados e conhecidos, poderiam ter sido usados em toda a esfera educacional, do ensino fundamental à universidade. Esses princípios, independentemente da questão teológica, poderiam ter enriquecido a sociedade moderna, que tem sido irrigada por discriminações e múltiplas formas de violência.

Esses princípios podem ser muito úteis para a preservação dos direitos fundamentais do homem, para desbloquear a rigidez intelectual e para estabelecer a liberdade de pensar. Eles estimulam a inteligência e até mesmo a arte de se repensar.

A inteligência de Cristo abre preciosas janelas que promovem o desenvolvimento da cidadania e da cooperação social. Ela também é capaz de expandir a qualidade de vida, superar a solidão e enriquecer as relações sociais. Na sociedade moderna o ser humano vive ilhado dentro de si mesmo, envolvido num mar de solidão. A solidão é drástica, insidiosa e silenciosa. Falamos eloquentemente do mundo em que estamos, mas não sabemos falar do mundo que somos, de nós mesmos, dos nossos sonhos, dos nossos projetos mais íntimos. Não sabemos discorrer sobre nossas fragilidades, nossas inseguranças, nossas experiências mais íntimas.

O homem moderno é prolixo para comentar o mundo em que está, mas emudece diante do mundo que é. Por isso, vive o paradoxo da solidão. Trabalha e convive em multidões, mas, ao mesmo tempo, está isolado dentro de si mesmo.

Muitos só conseguem falar de si mesmos diante de um psiquiatra ou de um psicoterapeuta, os quais têm tratado não apenas de doenças psíquicas, como depressões e síndromes do pânico, mas também de uma importante doença psicossocial: a solidão. Porém, não há técnica psicoterapêutica que resolva a solidão. Não há antidepressivos e tranqüilizantes que aliviem a sua dor.

Um psiquiatra e um psicoterapeuta podem ouvir intimamente um cliente, mas a vida não transcorre dentro dos consultórios terapêuticos. O palco da existência transcorre lá fora. No terreno árido das relações sociais é que a solidão deve ser tratada. Lá fora é que o homem deve construir canais seguros para falar de si mesmo, sem preconceitos, sem medo, sem necessidade de ostentar o que se tem. Falar demonstrando apenas aquilo que se é...

O que mais somos? Somos uma conta bancária, um título acadêmico, um status social? Não. Somos o que sempre fomos, seres humanos. As raízes da solidão começam a ser tratadas quando aprendemos a ser apenas seres humanos. Parece ser contraditório, mas temos grandes dificuldades de retornar às nossas origens.

O diálogo em todos os níveis das relações humanas está morrendo. A relação médico-paciente, professor-aluno, executivo-funcionário, jornalista-leitor, pai-filho carecem freqüentemente de profundidade. Falar de si mesmo? Aprender a se interiorizar e buscar ajuda mútua? Remover nossas maquiagens sociais? Isto parece difícil de ser alcançado. Parece que é melhor ficar ligado na TV, plugado nos computadores e viajar pela Internet!

Auxiliei, como psiquiatra e psicoterapeuta, diversas pessoas das mais diferentes condições socioeconômicas e nacionalidades. Percebi que, embora gostemos de nos classificar e nos medir pelo que temos, o homem tem uma sede intrínseca de encontrar suas raízes como ser humano. Os prazeres mais ricos da existência, como a tranquilidade, as amizades, o diálogo que troca experiências existenciais, a contemplação do belo, são conquistados pelo que somos, e não pelo que temos.

Cristo criou ricos canais de comunicação com seus íntimos. Tratou das raízes mais profundas da solidão. Construiu um relacionamento aberto, ricamente afetivo, despreconceituoso. Valorizou elementos que o poder econômico não pode comprar, que estão no cerne das aspirações do espírito humano, no âmago dos pensamentos e das emoções.

Cristo reorganizou o processo de construção das relações humanas entre seus discípulos. As relações interpessoais deixaram de ser um teatro superficial para ser fundamentadas num clima de amor poético, regado à solidariedade, à busca de ajuda mútua, a um diálogo agradável. Os jovens pescadores que o seguiram, tão limitados culturalmente e que possuíam um mundo intelectual tão pequeno, desenvolveram a arte de pensar, conheceram os caminhos da tolerância, aprenderam a ser fiéis às suas consciências, vacinaram-se contra a competição predatória, superaram a ditadura do preconceito, aprenderam a trabalhar suas dores e suas frustrações, enfim, desenvolveram as funções mais importantes da inteligência. A sociologia, a psicologia e a educação poderiam ter sido mais ricas se tivessem estudado e incorporado os princípios sociológicos e psicossociais da inteligência de Cristo.

Cristo abalou o pensamento de sua sociedade e rompeu os parâmetros sociais reinantes em sua época. Era quase impossível ter uma reação de indiferença diante dele. As pessoas que passavam por ele o amavam muito ou o rejeitavam drasticamente. Diante das suas palavras, elas se perturbavam intensamente ou abriam as janelas de suas mentes e começavam enxergar a vida de maneira totalmente diferente de como a viam...

Se Cristo tivesse vivido nos dias de hoje, causaria turbulência social, chocaria a política e a ciência? Suas idéias continuam intrigantes na atualidade? Será que seus pensamentos abalaram a sociedade em que viveu devido à falta de cultura de sua época ou ainda hoje perturbariam os intelectuais e o pensamento acadêmico? Que dimensão têm os seus pensamentos? Que alcance têm o seu propósito, o seu projeto transcendental?

Responder a essas perguntas é muito importante. Este é o objetivo deste e dos dois capítulos seguintes. Temos de investigar se o pensamento de Cristo não foi superdimensionado ao longo das eras. Ele discursou com eloquência sobre a ansiedade, mas que impacto tem seu discurso sobre o prazer pleno na psiquiatria?

Para respondermos a essas perguntas precisamos simular algumas situações. Precisamos transportar Cristo para os dias de hoje e o imaginarmos reagindo e proferindo suas palavras em diversos eventos da sociedade moderna. E temos de imaginar que essa sociedade não tenha qualquer cultura cristã.

Vejamos algumas situações possíveis.

A intrepidez de Cristo. O discurso do prazer pleno

Vamos imaginar Cristo dentro de um Congresso Internacional de Psiquiatria, que tem como temas principais a incidência, causas e tratamento das doenças depressivas.

Milhares de psiquiatras estão reunidos naquele ambiente. Diversos conferencistas falando sobre os sintomas básicos dos episódios depressivos, sobre a atuação dos antidepressivos e sobre o metabolismo dos neurotransmissores (ex. serotonina) na gênese das depressões*. Não há grandes novidades, mas todos estão ali reunidos tentando garimpar algumas idéias novas. Ali estão também alguns psicoterapeutas abordando as técnicas mais eficientes no tratamento dessas doenças.

Quem mais está naquele congresso? Sem dúvida, os representantes da indústria farmacêutica. Não devemos nos esquecer de que bilhões de dólares são gastos anualmente no tratamento farmacoterápico (medicamentoso) das depressões. Portanto, os grandes laboratórios estão ali bem representados, fornecendo ricos materiais didáticos para evidenciar que o seu antidepressivo é o mais eficiente e o que tem menos efeito colateral. Uma verdadeira guerra científica e comercial é travada nesse evento.

Agora vamos recordar alguns pensamentos de Cristo que foram expostos por ocasião do grande dia da festa do tabernáculo, uma festa anual da tradição judaica. Cristo proferiu pensamentos que abalaram a inteligência de todas as pessoas presentes naquela ocasião.

Na época, os escribas e fariseus já tencionavam matá-lo. Ele já havia corrido riscos sérios de ser apedrejado. Reuniões eram feitas para saber como prendê-lo e tirar-lhe a vida. A melhor atitude que Cristo poderia ter era se ocultar, não estar presente naquela festa ou, então, se estivesse, se comportar silenciosamente, com o máximo de discrição. Todavia, a coragem de Cristo era impressionante, parecendo que o medo era uma palavra excluída do dicionário de sua vida.

Quando todos pensavam que diante daquela delicada situação ele se comportaria silenciosamente, no grande e último dia dessa festa levantou-se e, com intrepidez, bradou em voz altissonante para toda a multidão: “Se alguém tem sede venha a mim e beba, porque quem crer em mim do seu interior fluirão rios de águas vivas”³². Suas palavras ecoaram profundamente no âmago das pessoas que as ouviram, tanto dos que o amavam quanto dos que o odiavam. Todos ficaram atônitos, pois mais uma vez ele proferia palavras incomuns e até inimagináveis.

Cristo, naquele momento, não falou de regras de comportamentos, de crítica à imoralidade, de conhecimento religioso. Ele discursou sobre a necessidade de o homem ter prazer no seu mais pleno sentido. Teve a coragem de dizer que podia gerar no cerne do ser humano um prazer que flui continuamente, uma satisfação plena, um êxtase emocional, que poderia resolver sua angústia existencial. Creio que suas palavras não têm precedente histórico, ou seja, ninguém jamais expressou pensamentos com esse conteúdo.

Possivelmente ele queria dizer que todos estavam alegres no último dia de festa, porém no dia seguinte terminaria aquele ciclo de festas e, a partir daí, o prazer diminuiria e as tensões do dia-a-dia retornariam. Cristo tocava pouco na questão moral e muito nas raízes da psique humana, pois para ele aí estava o problema das misérias do homem.

Dava a entender que sabia que a psique humana era um campo de energia que possui um fluxo contínuo e inevitável de pensamentos e emoções e que este fluxo era a maior fonte de entretenimento humano. Porém, queria transformar essa fonte, enriquecê-la, torná-la estável e contínua. Em seu sofisticado diálogo com a samaritana, ele abordou o enriquecimento desse fluxo vital em contraste com a insatisfação existencial produzida pelo insucesso humano de conquistar uma fonte contínua de prazer.

O homem saudável

Agora, retornemos ao nosso Congresso de Psiquiatria e imaginemos Cristo proferindo as mesmas palavras. Ele se encontra no último dia do congresso, na mais interessante conferência sobre depressão, proferida pelo mais proeminente catedrático. O auditório está cheio. A platéia está atenta. O conferencista termina sua palestra e inicia o debate sobre o assunto proferido. De repente um homem, sem qualquer aparência, sem terno e gravata, pega o microfone e com uma intrigante ousadia brada com voz estridente que possui os segredos de como fazer o homem plenamente alegre, satisfeito e feliz.

Como os psiquiatras, psicoterapeutas e os cientistas das neurociências reagiriam diante das suas palavras? Antes de começarmos a avaliar o impacto dessas palavras, precisamos fazer algumas considerações sobre os atuais estágios da psiquiatria e da psicologia. O congresso em questão tem como tema vários tipos de depressão. Em diversos casos, a depressão pode ser considerada como o último estágio da dor humana. Nesses casos, é mais intensa do que a dor da fome, pois uma pessoa faminta ainda tem instinto de vida preservado, por isso remói até lixo para sobreviver, enquanto algumas pessoas deprimidas podem, mesmo diante de uma mesa farta, não ter apetite e nem mais desejo de viver. A dor emocional da depressão é, às vezes, tão intensa e dramática que as palavras se tornam pobres para descrevê-la.

Freqüentemente só compreende a dimensão da dor da depressão quem já passou por ela. Além do humor deprimido, as doenças depressivas têm uma rica sintomatologia. São acompanhadas de ansiedade, desmotivação, baixa auto-estima, isolamento social, insônia, apetite alterado (diminuído ou aumentado), fadiga excessiva, libido alterada, idéias de suicídio etc.

Precisamos considerar que no atual estágio de desenvolvimento da psiquiatria e da psicologia tratamos da doença depressiva, mas temos poucos recursos para prevenir a depressão. Tratamos do homem doente, deprimido, mas sabemos pouco sobre como promover o homem sadio, prevenir o primeiro episódio depressivo. A psiquiatria e a psicologia clínica sabem tratar com relativa eficiência os transtornos depressivos, obsessivos, a síndrome do pânico, mas não sabem como promover a alegria, o sentido existencial, o prazer de viver. Não sabem como promover a saúde do homem total, como torná-lo um investidor em sabedoria, como desenvolver as funções mais importantes da inteligência.

Prevenir os episódios depressivos e reciclar as influências genéticas para o humor deprimido, por intermédio do desenvolvimento da arte de pensar, do gerenciamento dos pensamentos negativos, da capacidade de trabalhar os estímulos estressantes ainda é um sonho para o atual estágio da psiquiatria. De modo semelhante, expandir a capacidade de sentir prazer diante dos pequenos estímulos da rotina diária, aprender a se interiorizar, viver uma vida plenamente tranqüila na turbulenta escola da existência também parece um sonho para o atual estágio da psicologia.

O discurso de Cristo abalaria a psiquiatria e a psicologia

Agora imagine Cristo, no atual estágio da psiquiatria e da psicologia, participando daquele congresso científico. De repente, ele se levanta e discursa que se alguém cresse nele, se vivesse o tipo de vida que ele propunha, do seu interior jorraria um prazer inesgotável, fluiria um “rio” de satisfação plena, capaz de irrigar toda a sua trajetória de vida. Certamente todos os presentes naquele congresso ficariam chocados com seus pensamentos. Todos ficariam se perguntando como este homem teve a coragem de afirmar que possui o segredo de como fazer fluir do âmago da mente humana um sentido existencial pleno. Que pensamentos são estes? Como é possível alcançar tal experiência de prazer? Suas palavras causariam um grande escândalo e, ao mesmo tempo, provocariam profunda admiração em alguns!

Ele não seria condenado à morte como na sua época, pois as sociedades modernas se democratizaram, mas, se insistisse nesta idéia, seria expulso daquele evento ou, então, seria taxado como um paciente psiquiátrico. Todavia, como alguém pode ser taxado por dizer palavras tão ousadas, impensáveis, e ser, ao mesmo tempo, intelectualmente lúcido, emocionalmente tranqüilo, capaz de perceber os sentimentos humanos mais profundos e de superar as ditaduras da inteligência? Cristo, de fato, é um mistério.

Em algumas ocasiões, Cristo proferia pensamentos totalmente incomuns, que eram cercados de enigmas, fugindo completamente à imaginação humana. Embora ele tocasse na necessidade íntima de satisfação do homem, suas palavras eram surpreendentes, inesperadas. Se o investigarmos criteriosamente constataremos que, ao contrário do que muitos pensam, seu desejo não era produzir regras morais, idéias religiosas, corrente filosófica, mas transformar a natureza humana, introduzi-la numa esfera de prazer e sentido existencial. Provavelmente nunca ninguém discursou com tanta eloqüência sobre essas necessidades fundamentais do homem como ele.

Cristo era audacioso. Sabia que suas palavras perturbariam a inteligência da sua época e, sem dúvida, das demais gerações, mas ainda assim não se intimidava, pois era fiel ao seu pensamento. Falava com segurança e determinação aquilo que estava dentro de si mesmo, ainda que muitos ficassem confusos diante das suas palavras ou corresse risco de vida.

Se elas fossem ditas na atualidade, alguns psiquiatras ficariam tão perturbados ao ouvi-las que talvez dissessem entre si: “Quem é este homem que proclama tais idéias? Estamos na era dos antidepressivos que atuam no metabolismo da serotonina e de outros neurotransmissores. Só conseguimos atuar na miséria do homem psiquicamente doente, não sabemos fazer do homem um ser mais contemplativo, solidário, feliz. Como pode alguém ter a pretensão de propor uma vida emocional e intelectual intensamente rica, qualitativa?”. Outros talvez comentassem: “Não sabemos nem como estancar as nossas próprias angústias, as nossas próprias crises existenciais, como pode alguém propor um prazer pleno, incessante, que jorra do interior do homem?”.

Cristo, de fato, disse palavras inatingíveis para o atual estágio da ciência. Suas metas em relação ao prazer e ao sentido existencial são tão elevadas que representam um sonho ainda não sonhado pela psiquiatria e pela psicologia do século XXI. Suas propostas são muito atraentes e vão ao encontro das necessidades mais íntimas da espécie humana, que apesar de possuir o espetáculo da construção de pensamentos, é tão desencorajada, submete-se a tantas doenças psíquicas e tem dificuldade de contemplar o belo e viver um prazer estável.

Crer ou não em suas palavras é uma questão pessoal, íntima, pois seus pensamentos fogem à investigação científica, extrapolam a esfera dos fenômenos observáveis.

As idéias e intenções de Cristo, ao mesmo tempo que representam uma belíssima poesia que qualquer ser humano gostaria de recitar, abalam a maneira como compreendemos a vida. Cristo não apenas chocou profundamente a cultura da sua época, mas, se tivesse vivido nos dias de hoje, também perturbaria a ciência e a cultura moderna.

Cristo queria produzir uma revolução no interior do homem

Cristo era consciente da miséria social do homem e da ansiedade que estava na base da sua sobrevivência. Ele até mesmo queria aliviar essa carga de ansiedade e tensão que o homem carrega em sua trajetória de vida³³. Embora tivesse plena consciência da angústia social e do autoritarismo político que as pessoas viviam em sua época, ele detectava uma miséria mais profunda do que a sociopolítica, que estava no íntimo do ser humano e que era a fonte de todas as outras misérias e injustiças humanas.

Ele atuava pouco nos sintomas; seu desejo era atacar as causas fundamentais dos problemas psicossociais do homem. Por isso, ao estudar o seu propósito mais ardente, compreenderemos que sua revolução não era política, mas íntima, clandestina. Uma mudança que se inicia no espírito humano e se expande para toda a sua psique, renovando a sua mente, expandindo a sua inteligência, transformando intimamente a maneira como o homem compreende a si mesmo e o mundo que o circunda, garantindo, assim, uma modificação psíquica e social estável.

Cristo expressava que somente por meio dessa revolução insidiosa e íntima o homem poderia vencer a paranóia do materialismo desinteligente e do individualismo e desenvolver os sentimentos mais altruístas da inteligência, como a solidariedade, a cooperação social, a preocupação com a dor do outro, o prazer contemplativo, o amor como fundamento das relações sociais.

Quem pode questioná-lo? A história tem confirmado, ao longo das sucessivas gerações, que ele tinha razão. O comunismo ruiu e não produziu o paraíso dos proletários. O capitalismo gerou um grande desenvolvimento tecnológico e socioeconômico. Todavia, o capitalismo precisa de inúmeras correções, pois é sustentado pela paranóia da competição predatória, pelo individualismo, pela valorização da produtividade acima das necessidades intrínsecas do homem. A democracia, que tem sido uma das mais importantes conquistas da inteligência humana, pois garante o direito à liberdade de pensar e se expressar, não estancou algumas chagas psicossociais fundamentais das sociedades modernas, como a violência psicológica, as discriminações, a farmacodependência, a exclusão social.

Agora vamos retornar ao ambiente em que Cristo vivia. Como disse, ele procurou realizar uma revolução clandestina na psique e no espírito humanos. Por diversas vezes, demonstrou claramente que o seu trono não estava em Jerusalém. Para o espanto de todos, expressou que seu reino se localizava no interior do homem. Jerusalém era a capital cultural e religiosa de Israel. Lá, os escribas e fariseus, que eram os líderes políticos e os intelectuais da época, amavam, como alguns políticos de hoje, os primeiros lugares nos banquetes, o status e o brilho social³⁴.

Cristo sabia que em Jerusalém esses líderes jamais aceitariam essa revolução interior, jamais aceitariam essa mudança na natureza humana, essa transformação no pensamento e na maneira de ver o mundo. De fato, sua proposta, ao mesmo tempo bela e atraente, era ousadíssima. Conduzir as pessoas a se interiorizar e reciclar seus paradigmas e conceitos culturais é uma tarefa quase impossível quando elas são intelectualmente rígidas e fechadas. Sabia e previa que quando abrisse a sua boca, a cúpula de Israel iria odiá-lo, rejeitá-lo e persegui-lo. Por isso, passou um longo período na Galiléia antes de ir para Jerusalém.

Israel traiu seu desejo histórico de liberdade

Israel sempre preservou sua identidade como nação e valorizou intensamente sua liberdade e independência. Seu povo tem uma história incomum e em certo sentido poética. Abraão, o patriarca desse povo, deixou com intrepidez a conturbada terra de Ur dos caldeus e foi em busca de uma terra desconhecida.

Abraão era um homem íntegro e determinado. Ele deu origem a Isaque. Isaque deu origem a Jacó, que recebeu o nome de Israel, que quer dizer “príncipe de Deus”. Israel teve doze filhos que se tornaram doze tribos. Da tribo de Judá saíram os reis de Israel. O nome judeu deriva da tribo de Judá. As raízes milenares desse povo culturalmente rico impediam que ele se submetesse ao jugo de qualquer imperador. Apenas a força agressiva dos impérios sufocavam o ardente desejo de liberdade e independência dessa nação.

Devido ao desejo compulsivo de liberdade, o povo de Israel passou por situações dramáticas em alguns períodos históricos, como no de Calígula. Caio Calígula era um imperador romano agressivo, desumano e ambicioso. Ele, além de ter matado vários senadores romanos, destruído seus amigos e violado os direitos dos povos que subjuguava, ambicionava se passar por “deus”. Desejava que todos os povos se dobrassem diante dele e o adorassem. Para o povo judeu esse tipo de adoração era inadmissível e insuportável. Caio sabia da resistência do povo judeu e odiava a sua audácia e insubordinação*. Os judeus, mesmo combalidos, desterrados, errantes e com risco de passar por uma faxina étnica, foram praticamente os únicos que não se dobraram aos pés de Caio. A liberdade, para esse povo, não tinha preço.

Flávio Josefos, um brilhante historiador, que viveu no século I desta era, nos relata uma história dramática pela qual o povo de Israel passou devido ao desejo de preservar sua independência. O povo de Israel era considerado um corpo estranho para o vasto domínio de Roma e tinha freqüentes reações contra esse império. No ano 70 d.C., os judeus novamente se revoltaram contra ele e se sitiaram dentro de Jerusalém. Tito, general romano, se encarregou de debelar o foco de resistência e retomar Jerusalém. Eles podiam render-se ou resistir e lutar. Preferiram a resistência e a luta. Tito cercou Jerusalém e iniciou uma das mais sangrentas guerras da história.

Os judeus resistiram além de suas forças. A fome, a angústia e a miséria foram enormes. Morreram tantos judeus que exalava mal cheiro na cidade. Era possível pisar em cadáveres pelas ruas. Por fim, Jerusalém foi destruída e o que restou do povo foi levado cativo e dispersado**.

Esses exemplos mostram o desejo desesperador do povo judeu de preservar sua liberdade, identidade e independência. Porém, houve uma época em que a cúpula judaica traiu seu desejo de liberdade e independência. É incrível constatar, mas Cristo perturbou tanto os líderes judeus com sua revolução interior e seus pensamentos, que eles preferiram um imperador gentio à liderança de Cristo, que tinha raízes judias, embora ele manifestasse que não queria o trono político. Israel preferiu manter a simbiose com o Império Romano a admitir Jesus como o Cristo.

A cúpula de Israel, na época de Cristo, amou mais o poder sociopolítico do que sua busca de liberdade e independência. Todavia, quero deixar claro que a imensa maioria do povo judeu provavelmente não concordava com a postura da cúpula judaica. Havia até mesmo diversos membros dessa cúpula, como Nicodemos e José de Arimatéia, que tinham grande apreço por Cristo e discordavam da sua condenação injusta. Entretanto, eles se calaram, pois temiam as conseqüências que sofreriam por dar crédito a Cristo.

Quando a cúpula judaica traiu o desejo de liberdade e independência que movia há séculos o povo de Israel? Quando Pilatos, zombando dela, disse que não poderia crucificar o “rei dos judeus”³⁵. Ficaram indignados com o ultraje de Pilatos. Por isso, suplicaram-lhe que o crucificasse e o pressionaram dizendo que César é que era o rei deles. Os judeus sempre rejeitaram drasticamente o domínio do Império Romano, mas nesse momento preferiram César a Cristo, um romano a um judeu.

Como disse, Cristo evidenciava que queria um reino oculto, dentro do homem. A liderança judia se sentia ameaçada pelos pensamentos de Cristo. Seu plano era intrigante e complexo demais para ela. Seu propósito rompia todos os paradigmas existenciais. Por isso, Cristo foi drasticamente rejeitado.

Alguns judeus dizem hoje que Cristo era uma pessoa querida e valorizada na sua época pela cúpula judaica. Porém, as biografias de Cristo são claras a esse respeito. Ele foi silenciado, zombado, cuspidor no rosto e odiado, embora fosse amável, dócil e humilde e ao mesmo tempo pronunciava palavras chocantes, nunca ouvidas. Suas palavras se tornaram perturbadoras demais para ser analisadas, principalmente por aqueles que amavam o poder e não eram fiéis a sua própria consciência.

A síndrome de Pilatos

A cúpula judaica ameaçou denunciar Pilatos ao governo de Roma se ele não condenasse Cristo. Pilatos tinha um grande poder conferido pelo Império Romano: o de vida e de morte. Todavia, era um político fraco, omissivo e dissimulado.

Ao inquirir Cristo, Pilatos não via injustiça nele³⁶. Por isso, desejava soltá-lo, mas ele era frágil demais para suportar o ônus político dessa decisão. Assim, cedeu à pressão dos judeus. Entretanto, para mostrar que ainda detinha o poder político, fez uma cena teatral superficial: lavou as suas mãos. Pilatos se escondeu atrás do lavar das mãos. Ele não apenas cometeu um crime contra Cristo, mas também contra si mesmo, contra a fidelidade à sua própria consciência. Aquele que é infiel à sua própria consciência tem uma dívida impagável consigo mesmo.

A síndrome de Pilatos tem varrido os séculos e contaminado alguns políticos. É muito mais fácil se esconder atrás de um discurso eloquente do que assumir com honestidade seus atos e suas responsabilidades sociais. A síndrome de Pilatos se caracteriza pela omissão, dissimulação, negação do direito, da dor e da história do outro.

Cristo era seguido pelas multidões. Por onde passava havia um grupo de pessoas despertadas por ele. As multidões se aglomeravam ao seu redor. Isso causava um grande ciúme na cúpula judaica.

Pessoas de todos os níveis se ajuntavam e o procuravam para ouvir aquele homem amável e ao mesmo tempo instigante e determinado. Elas procuravam conhecer os mistérios da existência, anelavam a transformação íntima, clandestina, que ele proclamava.

Os relatos demonstram que, uma vez, mais de 5 mil homens o seguiram, outra vez, mais de 4 mil, sem contar as mulheres e crianças³⁷. Isto era um fenômeno social espetacular. Provavelmente nunca um homem que tivesse vivido naquela região havia despertado tanto o ânimo das pessoas. Provavelmente nunca um homem sem qualquer aparência ou propaganda tivesse sido seguido de maneira tão apaixonada e calorosa por numerosas multidões.

A cúpula judaica estava muito preocupada com o movimento social em torno de Cristo. Ela tinha medo de que ele desestabilizasse a simbiose entre a liderança de Israel e o Império Romano. Por isso, ele tinha que ser eliminado.

A liderança judaica nem sequer cogitou sobre a linhagem de Cristo, sobre suas origens. Não se preocupou em questioná-lo honestamente. Para ela, ele não derramou lágrimas, não tinha família, não teve infância, não sofreu, não construiu relacionamentos, enfim, não teve história. A ditadura do preconceito anula a história das pessoas. Cristo tinha de morrer, não importava quem ele fosse.

Cristo abalaria qualquer sistema político onde tivesse vivido

A liderança judaica não se importou em sujar suas mãos arrumando testemunhas falsas. O importante era condená-lo. Porém, nenhuma testemunha era coerente e, por isso, não conseguiram argumentos plausíveis para condená-lo³⁸.

São atípicos os paradoxos que envolvem a história de Cristo. Ninguém falou do amor como ele e, ao mesmo tempo, ninguém foi tão odiado como ele.

Ele se doou e se preocupou tanto com a dor do “outro”, e ninguém se preocupou com a sua dor. Ele foi ferido e rejeitado sem oferecer motivos para tanto. Era tão dócil, mas foi tratado com muita violência. Não queria o trono político, mas foi tratado como se fosse o mais agressivo dos revolucionários.

Se Cristo tivesse vivido nos dias de hoje, ele também teria sido uma ameaça para o governo local? Seria rejeitado drasticamente? Provavelmente sim. Embora preferisse o anonimato e não fizesse nenhuma propaganda de si mesmo, não conseguia se esconder. É impossível esconder alguém que falou o que ele falou e fez o que ele fez. Se, naquela época, em que a comunicação era restrita, que não havia a imprensa, ele era seguido por multidões, imagine nos dias de hoje.

Na atualidade, a imprensa escrita e estamparia nas primeiras páginas e os jornais televisivos teriam uma equipe de plantão vinte e quatro horas acompanhando-o. Ele seria o maior fenômeno social e geraria os fatos jornalísticos mais importantes.

Nos dias de hoje, a população que o seguiria poderia se multiplicar por dez, cinquenta, cem ou muito mais. Imagine 100 mil ou 500 mil pessoas seguindo-o. Geraria um tumulto social sem precedentes. O governo local o consideraria um conspirador contra o sistema político. Além disso, o próprio comportamento de Cristo de procurar se isolar toda vez que era muito assediado, de ser muito sensível às misérias físicas e psíquicas, de estar sempre procurando aliviar a dor do outro, de tocar profundamente nos sentimentos humanos e de não fazer acordos com qualquer tipo de político já causaria um incômodo a qualquer governo que, por mais democrático que seja, possui conchavos nos seus bastidores.

Para alguns políticos, ele seria condenado pela ameaça ao regime; para outros, por representar uma ameaça aos ganhos secundários do poder. Cristo abalaria qualquer governo em qualquer época em que vivesse. Seu desejo de libertar o homem dentro de si mesmo e sua revolução interior não seriam compreendidos por qualquer sistema político

.

A crise existencial gerada pelo fim do espetáculo da vida

A morte física faz parte do ciclo natural da vida, mas a morte da consciência humana é inaceitável. Só a aceita aqueles que nunca refletiram minimamente sobre as suas conseqüências psicológicas e filosóficas ou aqueles que nunca sofreram a dor indescritível da perda de alguém que amam.

É aceitável o caos que desorganiza e reorganiza a matéria. Tudo no universo organiza-se, desorganiza-se e reorganiza-se novamente. Todavia, para o homem pensante, a morte estanca o show da vida, produzindo a mais grave crise existencial de sua história. A vida física morre e se descaracteriza, mas a vida psicológica clama pela continuidade da existência. Ter uma identidade, possuir o espetáculo da construção dos pensamentos e ter consciência de si mesmo e do mundo que o cerca são direitos personalíssimos, que não podem ser alienados e transferidos por dinheiro, por circunstâncias e pacto social e intelectual algum.

Se uma doença degenerativa do cérebro ou um traumatismo craniano pode, às vezes, comprometer profundamente a memória e trazer conseqüências dramáticas para a capacidade de pensar, imagine as conseqüências do caos da morte. No processo de decomposição, o cérebro é esmigalhado em bilhões de partículas, esfacelando os mais ricos segredos que sustentam a personalidade, os segredos da história da existência contida na memória.

É inconcebível a ruptura do pulsar da vida. É insuportável a inexistência da consciência, o fim da capacidade de pensar. A inteligência humana não consegue compreender o fim da vida. Existem áreas que o pensamento consciente jamais conseguirá compreender de forma adequada, a não ser no campo da especulação intelectual. Uma delas é compreender o pré-pensamento, ou seja, os fenômenos inconscientes que formam o pensamento consciente. O pensamento não pode compreender o pré-pensamento, pois todo discurso sobre ele nunca será o pré-pensamento em si, mas o pensamento já elaborado.

Outra coisa incompreensível pelo pensamento é a consciência do fim da existência. O pensamento nunca atinge a consciência da morte como “fim da existência”, o “nada existencial”, pois o discurso dos pensamentos sobre o nada nunca é o nada em si, mas manifestação da própria consciência. Por isso, toda pessoa que pensa ou comete atos de suicídio não tem consciência da morte como fim da vida. Os que pensam em suicídio de fato não querem matar a vida, terminar a existência, mas “matar” a dor emocional, a angústia, o desespero que abate suas emoções.

A idéia de suicídio é uma tentativa inadequada e desesperada de procurar transcender a dor da existência, e não o fim dela. Só a vida tem consciência da morte. A morte não tem consciência de si mesma. A consciência da morte é sempre uma manifestação da vida, ou seja, é um sistema intelectual que discursa sobre a morte, mas nunca atinge a realidade em si.

A consciência humana jamais consegue compreender plenamente as conseqüências da inexistência da consciência, do silêncio eterno. Por isso, todo pensador ou filósofo que tentou, como eu, compreender o que é o fim da consciência, o fim da existência, vivenciou um angustiante conflito intelectual.

Estudaremos que o pensamento de Cristo referente ao fim da existência tinha uma ousadia e complexidade impressionante. Ele discursava sobre a imortalidade com uma segurança incrível.

A maioria dos seres humanos nunca procurou compreender algumas implicações psicológicas e filosóficas da morte, mas sempre resistiu intensamente a ela. Por que em todas as sociedades, mesmos nas mais primitivas, os homens criaram religiões? O fogo, um animal, um astro, funcionavam como deuses para os povos primitivos projetarem os mistérios da existência. Pode-se dizer que a necessidade de uma busca mística (espiritual) é sinal de fraqueza intelectual, de fragilidade da inteligência humana? Não, pelo contrário, ela é sinal de grandeza intelectual. Expressa um desejo vital de continuidade do espetáculo da vida...

A filosofia e a possibilidade de transcender a finitude existencial

Muitos pensadores da filosofia produziram conhecimento sobre a metafísica como tentativa de compreender os mistérios que cercam a existência. A metafísica é um ramo da filosofia que estuda o conhecimento da realidade divina pela razão, o conhecimento de Deus e da alma (Descartes)*, enfim, investiga a natureza e o sentido da existência humana. Grandes pensadores, como Aristóteles, Tomás de Aquino, Agostinho, Descartes, Kant, discursaram de diferentes maneiras sobre a metafísica. Esses pensadores eram intelectualmente frágeis? De modo algum! Por pensar na complexidade da existência, eles produziram idéias eloqüentes sobre a necessidade intrínseca de o homem transcender os seus limites e, em certos casos, superar a finitude da vida. Muitos deles fizeram de Deus um dos temas fundamentais das suas discussões e indagações intelectuais.

Augusto Comte e Friedrich Nietzsche foram grandes filósofos ateus. Porém, é estranho que estes dois grandes ateus tenham produzido, em alguns momentos, uma filosofia com conotação mística. Comte queria estabelecer os princípios de uma religião universal, uma religião positivista**. Nietzsche discursava sobre a morte de Deus, porém no final de sua vida produziu Assim fala Zarathustra***, uma obra que tinha princípios que regulavam a existência, tais como os provérbios de Salomão. Alguns vêm nesse livro um esforço de última hora para recuperar a crença na imortalidade. Ninguém deve ser condenado por rever sua posição intelectual, pois do ponto de vista psicológico e filosófico há uma crise existencial intrínseca no ser humano diante do fim da existência.

A imprensa divulgou que Darcy Ribeiro, um dos grandes pensadores brasileiros, que sempre foi um ateu declarado, pediu aos seus íntimos, momentos antes de sua morte, que lhes dessem um pouco de fé. Tal pedido refletia um sinal de fraqueza desse ousado pensador? Não. Refletia a necessidade universal e incontida de continuidade do espetáculo da vida.

Há doenças psíquicas que geram uma fobia ou medo doentio da morte, como a síndrome do pânico e determinados transtornos obsessivos compulsivos (TOC). No “pânico” ocorre um dramático e convincente teatro da morte. Nele, há uma sensação súbita e iminente de que se vai morrer. Tal sensação gera uma série de sintomas psicossomáticos, como taquicardia, aumento da frequência respiratória e sudorese. Esses sintomas são reações metabólicas instintivas que tentam conduzir o homem a fugir da situação de risco. Todavia, no “pânico”, tal situação de risco é imaginária, apenas um teatro dramático que o “eu” deve aprender a gerenciar e, às vezes, com o auxílio de antidepressivos.

Nos TOC, principalmente naqueles que estão relacionados a idéias fixas de doenças, ocorrem também reações fóbicas diante da morte, que aqui também é imaginária. Nesses transtornos, ocorre uma produção de pensamentos de conteúdo negativo, não gerenciada pelo “eu”, conduzindo a pessoa a ter idéias fixas de que está com câncer, que vai sofrer um infarto, ter um derrame etc. O TOC e a síndrome do pânico acometem pessoas de todos os níveis intelectuais.

A experiência imaginária da morte na síndrome do pânico e nos transtornos obsessivos gera uma ansiedade intensa, desencadeando uma série de sintomas psicossomáticos. Tais doenças podem e devem ser tratadas.

Apesar de haver doenças psíquicas que geram uma fobia doentia da morte, há uma fobia legítima, não doentia, ligada ao fim da existência, que psiquiatra e medicamento nenhum podem eliminar. A vida só aceita o fim de si mesma se não tiver próximo desse fim. Se estiver próxima desse fim, ela o rejeita automaticamente ou, então, o aceita se se convencer da possibilidade de superá-lo.

O homem animal e o psicológico não aceitam a morte. O equívoco intelectual do ateísmo de Marx

Nem o “homem animal ou instintivo” e muito menos o “homem psicológico ou intelectual” aceitam a morte. Quando estamos correndo risco de vida, seja por uma dor, um ferimento, a ameaça de uma arma, um acidente, o “homem animal” surge com intensidade: os instintos são aguçados, o coração acelera, a frequência respiratória aumenta e surge uma série de mecanismos metabólicos para nos retirar das situações de risco de vida. Quando o homem animal aparece, o homem intelectual diminui, ou seja, fecha as janelas da inteligência, retrai a lucidez e a coerência. Nesse caso, os instintos prevalecem sobre o pensamento.

Toda vez que estamos sob uma grande ameaça, ainda que seja imaginária, reagimos muito e pensamos pouco. Por vivermos numa sociedade doentia, onde prevalece a competição predatória, o individualismo, a crise de diálogo, criamos uma fábrica de estímulos negativos que cultivam o stress do homem animal, como se ele vivesse continuamente sob ameaça e risco de vida. O homem das sociedades modernas tem mais sintomas psicossomáticos do que o das tribos primitivas.

O homem psicológico, mais do que o homem animal, não aceita a morte. O desejo da eternidade, de transcender o caos da morte, é inerente ao ser humano, não é fruto de uma cultura. Como analisaremos, Cristo tinha consciência disso. Seu discurso sobre a eternidade ainda é perturbador.

Os que estão vivos elaboram muitos pensamentos para procurar confortar-se diante da perda dos seus íntimos, como: “ele deixou de sofrer”, “ele descansou”, “ele está em lugar melhor”. Mas ninguém diz: “ele deixou de existir”. A dor da perda de alguém é uma celebração à vida. Ela representa um testemunho vivo do desejo irrefreável do homem de continuar o show da existência.

Num velório, os íntimos da pessoa que morreu, que geralmente representam a minoria, sofrem muito, e os agregados, a maioria, fazem terapia. Como os agregados fazem terapia? Eles procuram se interiorizar e se reciclar diante da morte do outro. Dizem uns para os outros: “não vale a correria da vida”, “não vale a pena se estressar tanto”, “a vida é muito curta para lutar por coisas banais, depois morremos e fica tudo aí...”. Essa terapia grupal não é condenável, mas representa uma revisão saudável de vida. A terapia grupal nos velórios é uma homenagem inconsciente à existência.

O desejo de superar o fim da existência está além dos limites das ideologias intelectuais e sociopolíticas. Um dos maiores erros intelectuais de Carl Marx é ter procurado criar uma sociedade pregando o ateísmo como massificação cultural. Marx encarou a religiosidade como um problema para o socialismo. Ele era um pensador inteligente, mas por conhecer pouco os bastidores da mente humana, foi ingênuo. Talvez nunca tenha refletido com mais profundidade sobre as conseqüências psicológicas e filosóficas do caos da morte. Se o tivesse feito, teria compreendido que o desejo de superação da finitude existencial é irrefreável. O desejo de continuar a sorrir, a pensar, a amar, a sonhar, a projetar, a criar, a ter uma identidade, a ter consciência de si e do mundo está além dos limites da ciência e de qualquer ideologia sociopolítica.

O homem possui uma necessidade intrínseca de procurar por Deus, de criar religiões e de produzir sistemas filosóficos metafísicos. Tal necessidade surge não apenas como tentativa de superar sua finitude existencial, mas também para explicar a si mesmo o mundo, o passado, o futuro, enfim, os mistérios da existência.

O homem é uma grande pergunta que por dezenas de anos procura por uma grande resposta... Ele procura explicar o mundo. Todavia, sabe que explicar a si mesmo é o maior desafio da sua própria inteligência. Vimos que pensar não é uma opção do homem, mas o seu destino inevitável. É impossível interromper o processo de construção de pensamentos. É impossível conter a necessidade do homem de compreender a si mesmo e o mundo que o circunda. Na mente humana há uma verdadeira revolução de idéias que não pode ser estancada, nem mesmo pelo controle do eu.

Nas próximas décadas, os povos socialistas, que viveram sob a propaganda ateísta, serão os mais religiosos, os que mais procurarão pela existência de Deus. Por quê? Porque o socialismo procurou eliminar algo indestrutível. E parece que isso já está ocorrendo intensamente na Rússia e na China. Na China havia 5 milhões de cristãos na época em que o socialismo foi implantado. Agora, passados tantos anos de propaganda ateísta, há notícias extra-oficiais que dizem que há mais de 50 milhões de cristãos naquele país. Além disso, há milhões e milhões de chineses adeptos de diversas outras religiões.

O desejo de transcender o fim da existência não pode ser contido. A melhor maneira de propagar uma religião é tentar destruí-la. A melhor maneira de incendiar o desejo do homem de procurar por Deus e transcender o caos da morte é tentar destruir esse desejo.

A medicina como tentativa desesperada de aliviar a dor e prolongar a vida

A ansiedade pela continuidade da existência e a necessidade de mecanismos de proteção diante da fragilidade do corpo humano mergulhou o homem tanto numa busca mística (espiritual) como também promoveu intensamente o desenvolvimento da ciência ao longo da história.

Os produtos industriais embutem mecanismos de segurança que revelam a ansiedade humana pela continuidade da existência. Os aparelhos elétricos e eletrônicos têm que possuir mecanismos de segurança para os usuários. Os veículos cada vez mais incorporam sistemas de proteção para os passageiros. A engenharia civil possui alta tecnologia não apenas para produzir construções funcionais, mas também seguras. Nas empresas, os mecanismos de segurança são fundamentais nas atividades de trabalho. Porém, de todas as ciências que foram influenciadas pela necessidade de continuidade e preservação da integridade física e psicológica do homem, a medicina foi a mais marcante.

A medicina agrega um conjunto de outras ciências: a química, a biologia, a física, a biofísica, a matemática etc., e tem experimentado um desenvolvimento fantástico. Ela evoluiu tanto como tentativa desesperada do homem de superar a dor como para prolongar seus dias de vida.

Há milhões de volumes nas bibliotecas de medicina, inúmeras revistas médicas são editadas todos os meses. O conhecimento se multiplica tanto que cada vez surgem novas especialidades. Todos os anos são descobertas novas técnicas laboratoriais, cirúrgicas e novos aparelhos que dão suporte aos diagnósticos. Diariamente são realizadas no mundo todo mesas-redondas, conferências e congressos médicos de todas as especialidades. Por que a medicina está passando por um desenvolvimento explosivo? Porque o homem quer aliviar a dor, expandir sua qualidade de vida e prolongar a sua existência.

A medicina é uma ciência poética. Os médicos sempre desfrutaram de um grande prestígio social em toda a história da humanidade, pois, ainda que não percebam, eles mexem com as mais dramáticas necessidades existenciais do homem, a de aliviar a dor e continuar a vida.

Há dois dramas existenciais democráticos, ou seja, que atingem todo ser humano: o envelhecimento e o fim da existência. De um lado, cientistas do mundo inteiro estão gastando o melhor do seu tempo para descobrir medicamentos, conhecer o metabolismo celular, pesquisar novos aparelhos. Todas essas pesquisas objetivam fornecer novas técnicas e procedimentos para diagnosticar doenças, preveni-las, tratá-las e, assim, expandir a qualidade de vida e prolongar o inevitável: o fim da existência.

De outro lado, muitos pesquisadores estão produzindo novos conhecimentos por meio da medicina ortomolecular, estética, cirurgia plástica, que procuram rejuvenescimento e retardar o inevitável: o envelhecimento.

Tanto a incontida busca espiritual do homem, ao longo da história, como o contínuo desenvolvimento da medicina são dois testemunhos vivos de que no âmago do ser humano pulsa o desejo ardente de superar o drama do envelhecimento e do fim da existência e, conseqüentemente, continuar o espetáculo da vida...

O discurso de Cristo sobre o segredo da eternidade

Após ter feito essa exposição, vamos retornar ao nosso personagem principal, Cristo. Quero estudar o impacto que suas palavras sobre a crise existencial do homem e a sua proposta sobre a superação do caos da morte provocariam nos dias de hoje.

Vamos imaginar Cristo reagindo, falando, expressando seus pensamentos numa sociedade que não tivesse qualquer cultura sobre o cristianismo. O que Cristo diz sobre a crise existencial do homem? O que ele tem para nos falar sobre a continuidade do espetáculo da vida? Suas palavras sobre esses assuntos são triviais? Elas perturbariam nossos pensamentos? Seu pensamento sobre o fim da existência se aproxima dos pensamentos dos intelectuais?

Cristo disse palavras incomuns, inéditas, capazes de abalar tanto os alicerces dos cientistas da medicina como da religiosidade humana. Antes de responder tais perguntas, vamos resgatar algumas características de Cristo. Ele possuía um viver que rimava num paradoxo. Por um lado, expunha-se publicamente e por outro procurava, sempre que possível, o anonimato. Além disso, gostava de falar na terceira pessoa. Dizia que fazia as obras, proferia as palavras e executava a vontade do Pai³⁹. Por que usava a terceira pessoa em sua argumentação? Por vários motivos, dos quais destacarei três. Primeiro, por causa da questão da trindade, um assunto complexo que a ciência não tem como discutir. Segundo, porque não gostava de se ostentar. Terceiro, porque em suas biografias há indícios claros que expressam que ele conhecia a facilidade com que distorcemos a interpretação. Por isso afirmava que a fidelidade do testemunho de alguém tinha que ser confirmada por duas pessoas⁴⁰.

Além disso, Cristo não impunha suas idéias, mas as expunha. Não pressionava ninguém a segui-lo, apenas as convidava. Era contra o autoritarismo do pensamento, por isso procurava continuamente abrir as janelas da inteligência das pessoas para que refletissem sobre suas palavras. Resumindo, Cristo não gostava de se ostentar, conhecia as distorções da interpretação, era elegante no seu discurso e aberto quando expunha seus pensamentos. Agora, precisamos investigar sua biografia e conhecer outras particularidades da sua personalidade.

Cristo era flexível e brando nos assuntos que tratava, todavia em alguns pontos ele foi extremamente determinado. Entre esses pontos destaca-se o que ele pensava sobre a continuidade da existência e sobre a eternidade.

A respeito da continuação do espetáculo da vida, era incisivo. Não deixava margem de dúvida sobre seu pensamento. E, diga-se de passagem, seu pensamento era ousadíssimo. Neste assunto deixava o discurso em terceira pessoa de lado e expressava claramente que tinha o segredo da eternidade. Discursava que a vida eterna passava por ele. Disse: “Quem crer em mim, ainda que morra, viverá!”⁴¹, “Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer esse pão viverá para sempre”⁴². Proferiu muitas palavras semelhantes a essas, que são incomuns e possuem uma dimensão indescritível.

Ele não disse que se as pessoas obedecessem a regras de comportamentos ou doutrinas religiosas teriam a vida eterna. Não! Os textos são claros, ele concentrou nele mesmo o segredo da eternidade. Disse que se alguém cresse nele e o incorporasse interiormente, essa pessoa teria a vida eterna, a vida inesgotável e infinita. Quem produziu um discurso como esse na história?

De todos os homens que brilharam em suas inteligências, ninguém foi tão ousado em seus pensamentos como Cristo. De todos aqueles que fundaram uma religião, uma corrente mística ou uma filosofia metafísica, ninguém teve a intrepidez de produzir palavras semelhantes às quais ele proferiu em primeira pessoa.

Ao investigarmos o pensamento de Cristo verificamos que ele realmente não falava de mais uma religião e nem de uma corrente de pensamento. Falava dele mesmo, discorria sobre a sua própria vida e o poder que ele expressava que ela continha! Chegou até a expressar que ele era “o caminho, a verdade e a vida”⁴³. Ao proferir essas palavras, atribuiu a si mesmo o caminho para chegar à verdade em seus amplos aspectos e o caminho para se conquistar uma vida infundável.

Nós estamos psicoadaptados às palavras de Cristo, por isso não ficamos perturbados com elas. Os escribas e fariseus sabiam o que elas significavam, por isso ficaram profundamente perturbados. Existiram diversos profetas ao longo de tantos séculos, mas nunca alguém ousou dizer o que aquele carpinteiro de Nazaré proferiu. Ficaram perplexos diante do discurso dele em primeira pessoa. Apesar de viverem sob a ditadura do preconceito e de ser intelectualmente rígidos, tinham plena razão de ficar perplexos. As palavras que ele discursou são seríssimas. Aquele que nasceu numa manjedoura se colocou como a fonte da vida inextinguível, a fonte da eternidade, a fonte da verdade. Quem é esse homem?

As limitações da ciência e a postura de Cristo como fonte da verdade essencial

Uma área do conhecimento só ganha o status de verdade científica quando comprova os fatos e prevê fenômenos. Se falarmos que o tabagismo prejudica a saúde precisamos provar que os fumantes contraem determinadas doenças, como câncer de pulmão e doenças cardiovasculares. Uma vez provados os fatos, podemos prever fenômenos, ou seja, podemos prever que os fumantes têm mais possibilidades de adquirir essas doenças do que os não-fumantes.

Ao comprovar os fatos e prever fenômenos, o conhecimento, principalmente nas ciências físicas e biológicas, deixa de ser um mero conhecimento e passa ganhar status de verdade científica. Porém aqui há um problema filosófico sério que muitos não compreendem. Uma verdade científica não atinge jamais a verdade essencial. Um milhão de pensamentos sobre um tipo de câncer do pulmão causado pela nicotina (verdade científica) não é o câncer em si (verdade essencial ou real), mas apenas um discurso científico sobre ele. Do ponto de vista filosófico, a verdade científica (ciência) procura a verdade real (essencial), mas jamais a incorpora. Outro exemplo: se produzirmos um milhão de idéias sobre um objeto de madeira, todas essas idéias poderão definir e descrever a celulose contida na madeira, mas a madeira continua sendo a madeira e as idéias continuam sendo meras idéias.

A interpretação de um terapeuta sobre a ansiedade de um paciente não representa a essência da energia ansiosa do paciente, mas um discurso sobre ela. A interpretação está na cabeça do terapeuta, mas a ansiedade está na emoção do paciente, portanto, ambos estão em mundos diferentes.

Sei que muitos leitores podem estar confusos com o que estou dizendo, mas o que quero mostrar é que a discussão filosófica sobre o que é a “verdade” tem varrido os séculos. Eu mesmo, por mais de dez anos, produzi uma teoria filosófica sobre o que é uma verdade científica, qual a sua relação com a verdade essencial, como ela se constrói na mente humana, até onde é relativa, quais são seus limites, alcances e lógica. Todas essas questões são muito complexas e não entrarei em detalhes neste livro. Todavia, o que quero enfatizar, por meio da exposição deste assunto, é que, a respeito da verdade, Cristo colocou-se numa posição que a ciência jamais pôde atingir.

Quando Cristo disse que era o caminho, a verdade e a vida, foi tão perturbador que se identificou como a própria verdade essencial, como a própria essência da vida. Ele não disse que possuía a verdade acadêmica, ou seja, que possuía um conjunto de conhecimentos, de idéias e de pensamentos verdadeiros, mas sim que ele mesmo era o caminho que conduz à fonte da verdade essencial, o caminho que atinge a própria essência da vida. Que vida era essa? A vida eterna, infundável e inesgotável, que ele expressava possuir.

Ao dizer tais palavras, posicionou-se como alguém que possuía uma natureza que estava além dos limites do que é propriamente humano. Ele se posicionou como filho de Deus, como autor da existência, como arquiteto da vida ou qualquer outro nome que se possa dar. Seu discurso foi impressionante.

Como estudaremos, Cristo gostava de discursar que era filho do homem. Ele apreciava a sua condição humana, porém em alguns momentos aquele homem mostrava uma outra face, por meio da qual ele reivindicava sua divindade.

Como seres humanos, temos diversos limites. Ninguém pode dizer de si mesmo que é “o caminho, a verdade e a vida”. Ninguém que é meramente humano, mortal e finito pode dizer que possui em si mesmo a eternidade. Somos todos finitos fisicamente. Somos todos limitados temporal e espacialmente. Como pode uma pequena gota reivindicar ser uma fonte de água? O que nenhum homem teria coragem de proferir, a não ser que estivesse delirando, Cristo proferiu com a mais incrível eloquência.

Temos limitações na organização dos pensamentos, que são construídos a partir dos parâmetros que temos na memória. O fim e o infinito são parâmetros incompreensíveis e inatingíveis pela inteligência humana. Pense no que é o fim e tente esquadrihar o que é o infinito. Já perdi noites de sono pensando nesses extremos. A existência humana transcorre dentro de um pequeno parêntese da eternidade. A vida humana é apenas uma pequena gota existencial na perspectiva da eternidade...

Nossos pensamentos estão num pequeno intervalo entre o princípio e a eternidade. A ciência trabalha dentro dos intervalos de tempo, sejam eles enormes ou extremamente pequenos. Sem o parâmetro do tempo não há ciência. Se estudar aquilo que transcorre nos intervalos de tempo é sofisticado, imagine estudar os fenômenos que estão além dos limites do tempo, que transcorrem na eternidade. Um dos motivos de a ciência ter sido tímida e omissa em investigar a inteligência de Cristo é que seus pensamentos tratam de assuntos que extrapolam os parâmetros da ciência.

O que a ciência pode dizer a respeito dos pensamentos de Cristo sobre a eternidade? Nada! A ciência, por ser produzida dentro dos intervalos de tempo, não tem como confirmar nem discordar dele.

Se estudar a própria existência já é uma tarefa complexa, como será possível à ciência discorrer sobre a autoria da existência! Podemos discorrer teoricamente sobre as origens do universo, sobre os buracos negros, a teoria do “Big Bang”, mas não temos recursos intelectuais para discorrer sobre a “origem da origem”, a “causa das causas”, aquilo que está antes do início, a fonte primeira. O pensamento pode estudar os fenômenos que estão no pré-pensamento. Sim, mas o pensamento sobre o pré-pensamento, como disse, será sempre o pensamento, e não o pré-pensamento em si.

Se estudar fenômenos observáveis, passíveis de investigação e aplicação metodológica já é uma tarefa extenuante para a ciência, imagine pesquisar aquilo que está além dos limites da observação! Se a ciência mal entende os fenômenos da vida, como pode entender aqueles que transcendem o fim da existência? De fato, a ciência tem limitações para pesquisar os complexos pensamentos de Cristo sobre a eternidade e a superação do caos da morte. Tais pensamentos entram na esfera da fé.

O discurso de Cristo abalaria os fundamentos da medicina

Apesar de a ciência não ter condições de estudar o conteúdo do discurso de Cristo e do poder que ele expressava ter, ela, como comentei, não está de mãos amarradas. Ainda pode investigar algumas áreas importantes da sua inteligência; pode estudar a sua coragem e ousadia para dizer palavras incomuns e o choque psicossocial dessas palavras; pode investigar se as suas idéias são coerentes com sua história; pode analisar como ele rompia as ditaduras da inteligência e administrava seus pensamentos nos focos de tensão; pode estudar quais são as metas fundamentais da sua escola da existência.

Imagine Cristo transitando pelas ruas, pelos acontecimentos sociais, pelas festividades e pelos congressos de medicina, proclamando com eloquência, como fazia em sua época, que por intermédio dele o homem poderia superar o fim da existência e ir ao encontro da eternidade. Sua ousadia era sem precedentes. Ele discursava com incrível determinação sobre temas que poucos ousariam tocar.

Imagine Cristo interferindo nas conferências médicas e bradando que ele é a ressurreição e a vida⁴⁴. Se ele escandalizaria os psiquiatras e psicoterapeutas com a proposta de uma vida interior que jorra um prazer pleno e inesgotável, imagine como não escandalizaria os médicos e os cientistas da medicina, que lutam para prolongar a vida humana, ainda que seja por alguns dias e meses, com sua proposta sobre uma vida infundável, uma vida sem doenças e misérias.

Diante do discurso de Cristo, algumas perguntas invadiriam a mente dos cientistas e dos médicos mais lúcidos. Como é possível transcender o inevitável e dramático caos da morte? Como é possível reorganizar a identidade da consciência depois que a memória se esfacela em bilhões de partículas na decomposição do cérebro? Como é possível possuir uma existência em que não se concebe mais o envelhecimento? Que tipo de natureza o ser humano teria de ter para possuir uma existência que se renovaria e se perpetuaria eternamente? Como a memória e a construção de pensamentos se renovariam numa história sem fim? O discurso de Cristo certamente abalaria a complexa e ao mesmo tempo limitada medicina, que pode fazer muito por alguém que está vivo, mas não pode fazer nada por aquele que está morto.

Todas essas perguntas são provenientes de uma existência finita questionando uma existência infinita, portanto possui inúmeras dúvidas e limitações. Entretanto, o questionamento do finito sobre o infinito, do temporal sobre o eterno, ainda que limitado, é um direito legítimo do homem, um direito personalíssimo de expressão do pensamento, pois a vida clama por continuidade.

Cristo era tão determinado nessa questão que chegou até a usar uma metáfora que escandalizou muitos em sua época. Disse que quem comesse da sua carne e bebesse do seu sangue teria a vida eterna⁴⁵! As pessoas ficaram pasmas com a coragem daquele homem ao proferir tais palavras. Pensaram que ele estava falando da sua carne e sangue físicos. Todavia, ele discorria sobre a incorporação de outra natureza, de uma natureza eterna. Que proposta intrigante!

Seus opositores diziam-lhe que não deixasse suas mentes em suspense, mas dissesse claramente quem ele era⁴⁶. A nata intelectual de Jerusalém fazia grandes debates para descobrir sua identidade. Até as pessoas sem cultura discutiam entre si sobre a sua origem. Os próprios discípulos ficavam perturbados com seu discurso e indagavam quem era o mestre que eles seguiam⁴⁷. Eles haviam deixado tudo para segui-lo e quanto mais andavam com ele, mais percebiam que não o conheciam.

O homem sempre procurou uma religião como âncora do futuro, com o objetivo de transcender a morte, e sempre procurou a medicina como âncora do presente, com o objetivo de retardar a morte. Agora vem alguém dizendo palavras nunca ouvidas sobre a superação do fim da existência e sobre a imersão na eternidade. E tudo se complicava mais porque, ao mesmo tempo em que ele dizia com ousadia e determinação palavras incomuns sobre a eternidade, esquivava-se da fama e da ostentação.

A intrepidez de Cristo era tão impressionante que ele se colocava acima das leis físico-químicas. Chegou a expressar que “os céus e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão”⁴⁸.

O universo tem bilhões de galáxias. Ele passa continuamente por um processo de organização, caos e reorganização. Estrelas nascem e morrem continuamente. Daqui a alguns milhões de anos o Sol deixará de existir. Os astrônomos olham para o céu e, em cada direção, contemplam um “céu de enigmas”. Agora, vem um homem que, além de falar que possui o segredo da eternidade, expressa que o conteúdo dos seus pensamentos têm uma estabilidade que todo o universo não possui. O universo imerge no caos, mas ele proclama que suas palavras traspassam o caos físico-químico e que sua vida estava além dos limites do tempo e do espaço. Tais afirmações são impressionantes.

Einstein era um admirador de Cristo. Contudo, se ele tivesse vivido naquela época, certamente o discurso de Cristo deixaria seus cabelos mais revoados do que estão em sua famosa foto... O discurso dele extrapolava os parâmetros da física, portanto não poderia ser explicado nem mesmo pela inteligente teoria da relatividade.

A personalidade ímpar de Cristo: grandes gestos e comportamentos singelos

Cristo disse palavras inimagináveis, que estão além dos limites de grandeza ambicionados pelo homem. Porém, o que era interessante é que ele tinha raciocínio coerente, organização de idéias e consciência crítica. Não há como não admirar a ousadia dos seus pensamentos e a determinação da sua inteligência. Por isso, reitero, estudar a sua inteligência é, até para os ateus, um desafio intelectual prazeroso, um convite à reflexão. Não é à toa que seus pensamentos varreram os séculos e as gerações.

O que é mais perturbador é que a personalidade de Cristo se equilibra entre os extremos, como num pêndulo de um relógio. Como pode alguém discursar sobre a eternidade e ao mesmo tempo não procurar qualquer ato para se promover? Qualquer pessoa que julgasse ter tal poder desejaria, no mínimo, que o mundo gravitasse em torno de si, desejaria que a humanidade se dobrasse aos seus pés. Alguns dos seus íntimos estavam confusos pelo fato de ele falar e fazer tantas coisas e, ao mesmo tempo, procurar continuamente se ocultar. Eles rogaram para que ele se manifestasse ao mundo, para que o mundo o contemplasse, o admirasse⁴⁹. Talvez até quisessem que o Império Romano se rendesse a ele.

A lógica dos discípulos era que os atos deveriam ser feitos em público para se tirar o máximo proveito deles. Esta é uma lógica política. Entretanto, a lógica de Cristo era diferente e interessante. Ele discursava em público, mas com frequência praticava seus atos sem alarde.

Ele praticava ações admiráveis e em seguida se escondia nas ações singelas. Discursava sobre um poder sem precedentes, mas ao mesmo tempo transitava pelas avenidas da humildade. Proferia pensamentos que tinham grandes implicações existenciais, porém não obrigava ninguém a segui-los, apenas os expunha com elegância e convidava as pessoas a refletir sobre eles. Proclamava possuir uma vida infinita, mas, ao mesmo tempo, tinha imenso prazer de possuir amigos finitos...⁵⁰ Diante disso, é difícil não concluir que seu comportamento estilhaça os paradigmas e foge aos padrões previsíveis da inteligência humana.

Quais atos de Cristo eram mais admiráveis: os pequenos ou os grandes? Muitos preferem os grandes. Para mim, os pequenos são tão eloqüentes quanto os grandes. Quem é esse Cristo? É difícil compreendê-lo.

Cristo objetivava que o homem fosse um ser alegre, plenamente satisfeito e que vivesse uma vida interminável, infinita, sem limites de tempo. Sua proposta, embora muitíssimo atraente, deixa a ciência perplexa. Amar ou rejeitar tal proposta é um assunto íntimo, pessoal, que não depende da ciência.

Cristo discorria sobre uma música que todos queriam e querem dançar. Porém, as características da sua inteligência estão sempre nos surpreendendo. Elas são capazes de abalar os alicerces do homem do terceiro milênio e conduzi-lo a repensar a sua história, os seus projetos e a sua compreensão de mundo.

A complexa escola da existência

A escola da existência é a escola da vida, dos eventos psicológicos e sociais. Na escola da existência escrevemos nossas histórias particulares. Essa escola penetra nos meandros de nossa existência: em nossos sonhos, expectativas, projetos socioprofissionais, relações sociais, frustrações, prazeres, inseguranças, dores emocionais, crises existenciais e todos os momentos de ousadia, solidão, tranqüilidade e de ansiedade que possuímos. A escola da existência envolve toda a trajetória de um ser humano. Inicia-se na vida intra-uterina e termina no último suspiro da existência...

Ela envolve não apenas os pensamentos e as emoções que manifestamos socialmente, mas também o corpo de pensamentos e emoções represadas dentro de cada um de nós. Envolve as lágrimas não derramadas, os temores não expressos, as palavras não verbalizadas, as inseguranças não comunicadas, os sonhos silenciosos.

A escola da existência é muito mais complexa e sofisticada do que a escola clássica (educacional). Na escola clássica nos sentamos enfileirados; nela, infelizmente, somos freqüentemente receptores passivos do conhecimento. E o conhecimento que recebemos tem pouca relação com a nossa história, no máximo tem relação com a nossa profissão. Na escola da existência, porém, todos os eventos têm relação direta com a nossa história.

Na escola clássica temos de resolver os problemas da matemática; na da existência temos de resolver os problemas da vida. Na escola clássica aprendemos as regras gramaticais; na da existência temos de aprender a difícil arte de dialogar. Na escola clássica temos de aprender a explorar o mundo em que estamos, ou seja, o pequeno átomo da química e o imenso espaço da física; na da existência temos de aprender a explorar os territórios do mundo que somos. Portanto, a escola da existência inclui a clássica e vai muito além dela.

Um dos maiores erros educacionais da escola clássica é não ter como meta fundamental o preparo dos alunos para viver na sinuosa existência. A melhor escola clássica é aquela que constrói uma ponte sólida com a escola da vida. Boa parte das escolas clássicas se tornou um parêntese dentro da escola da existência, não havendo comunicação entre elas. Numa escola clássica fechada, os alunos são presos numa bolha, numa redoma educacional, sem “anticorpos” intelectuais para superar as contradições da existência e amadurecer multifocalmente a inteligência.

Eles incorporam o conhecimento, mas raramente se tornam engenheiros de idéias. Tornam-se profissionais, mas poucos conhecem a cidadania e expandem a consciência crítica.

Na escola da existência, a velhice não significa maturidade, os títulos acadêmicos não significam sabedoria, o sucesso profissional não significa sucesso no prazer de viver. Nela, os parâmetros são mais complexos.

As características da escola da existência

A escola da existência de Cristo possui características incomuns. Ela não é uma escola de pensamento, filosófica, de regras comportamentais, de ensino religioso-moralista e nem de aperfeiçoamento de caráter. O projeto de Cristo era muito mais complexo e ambicioso.

As biografias de Cristo revelam que ele objetivava não reformar o homem, mas produzir uma transformação em seu interior, reorganizar intrinsecamente sua capacidade de pensar e viver emoções. Cristo objetivava produzir um novo homem. Um homem solidário, tolerante, que supera as ditaduras da inteligência, que se vacina contra a paranóia do individualismo, que aprende a cooperar mutuamente, que aprende a se conhecer, que considera a dor do outro, que aprende a perdoá-lo, que se interioriza, que se repensa, que se coloca como aprendiz diante da vida, que desenvolve a arte de pensar, que expande a arte de ouvir, que refina a arte da contemplação do belo. Essas características serão estudadas nos capítulos posteriores. Seria muito bom se pudéssemos gravá-las para entendermos melhor seu projeto.

Creio que nunca alguém teve um projeto tão audacioso e ambicioso como o de Cristo. Antes dele existiram algumas escolas na Grécia. A academia de Platão, o Liceu de Aristóteles, as escolas pós-socráticas. Porém nenhuma possuía um projeto tão ambicioso e instigante como a escola da existência de Cristo. É difícil deixar de reconhecer a dimensão do seu propósito e como era um mestre especialista em desengessar a inteligência das pessoas que conviviam com ele. Ao investigá-lo, concluímos que ele não queria melhorar o homem, mas mudar a sua natureza intrínseca⁵¹.

É difícil dar nome ao projeto de Cristo. Alguns podem chamá-lo de propósito ou de plano. Não importa o nome que se dê. O importante é que possamos compreender que seu projeto era complexo, sofisticado, audacioso, multifocal, às vezes parecendo um hospital que tratava das misérias humanas, mesmo as mais ocultas. Talvez por isso ele tenha se colocado como “médico” que trata das mazelas interiores⁵². Outras vezes, ele se parecia com um restaurante e com uma fonte de sentido existencial, que supre as necessidades humanas e propicia prazer. Talvez por isso cuidasse da fome física dos que o seguiam e tivesse se colocado como o “pão da vida”, que supre as necessidades íntimas da emoção e do espírito humano⁵³. E, ainda outras vezes, esse projeto se parecia com uma escola que objetivava transformar o homem, expandir a sua inteligência e modificar a sua maneira de pensar⁵⁴. Talvez por isso ele tivesse se colocado como o messias, o mestre que abre as janelas da mente e conduz o homem a pensar em outras possibilidades⁵⁵.

Devido à definição abrangente da escola da existência que forneci no tópico anterior, chamarei esse projeto de “a escola da existência de Cristo”. A escola de Cristo têm características inusitadas, peculiares, misteriosas, difíceis de ser compreendidas. A seguir, farei um comentário sobre algumas dessas características.

O ambiente da escola da existência

A escola da existência de Cristo tinha muitas diferenças de uma escola clássica. Não tinha muros nem espaço físico definido. Erguia-se nos lugares menos clássicos: no deserto, na beira da praia, nos montes, nas sinagogas judias, no pátio do templo de Jerusalém, no interior das casas. Erguia-se também nas situações menos clássicas: nos jantares, nas festas, numa conversa informal.

Cristo não tinha preconceito. Ele falava em qualquer ambiente com as pessoas. Não perdia uma oportunidade para conduzir o ser humano a se interiorizar. Por onde passava, atuava como mestre e iniciava sua escola. Nela não havia mesa, carteira, lousa, giz, computador ou técnica pedagógica. Sua técnica eram suas próprias palavras, seus gestos e seus pensamentos. Sua pedagogia era sua história e a maneira como abria as janelas da inteligência dos seus discípulos. O título de mestre dos mestres da escola da existência é merecido.

Embora Cristo não tivesse preconceito contra ambiente para proferir suas palavras, parece que preferia lugares abertos. Não poucas vezes o céu era o teto da sua escola. As pessoas se assentavam ao seu redor para ouvi-lo. Ao ar livre ele proferia eloqüentemente suas palavras. Certamente, em algumas oportunidades, bradava em voz alta, devido ao número de pessoas reunidas ao seu redor.

Cristo se mesclava com seus alunos, entrava na história deles. Não havia um fosso entre o mestre e seus alunos. As histórias deles se cruzavam. Por intermédio desse viver íntimo e aberto ele os conquistava e conhecia as angústias e necessidades de cada um⁵⁶. Aproveitava cada circunstância, cada momento, cada erro e dificuldade deles para conduzi-los a se repensar e reorganizar suas histórias.

A ausência de hierarquia na escola da existência: o público

Na escola de Cristo não há reis, políticos, intelectuais, iletrados, moralistas e imorais. Todos são apenas o que sempre foram, ou seja, seres humanos. Ninguém está um milímetro acima ou abaixo de ninguém. Todos possuem uma relação fraternal de igualdade. Suas biografias evidenciam de forma clara que ele criticava contundentemente qualquer tipo de discriminação. No projeto de Cristo todos possuem a mesma dignidade, não há hierarquia.

É raríssimo haver um lugar onde as pessoas não sejam classificadas, seja pela condição financeira, intelectual, estética, fama ou qualquer outro tipo de parâmetro. O homem facilmente vive a ditadura do preconceito. Uma das mais drásticas e destrutivas doenças da humanidade é a ditadura do preconceito. Ela engessa a inteligência e gera toda sorte de discriminação. A discriminação já arrancou lágrimas, cultivou a injustiça, distorceu o direito, fomentou o genocídio e muitas outras formas de violação dos direitos humanos.

Para o mestre dos mestres, ninguém é indigno e desclassificado por qualquer condição ou situação. Uma prostituta tem o mesmo valor que alguém moralista. Uma pessoa iletrada e sem qualquer tipo de cultura formal tem o mesmo valor que um intelectual, um versado escriba. Uma pessoa excluída tem o mesmo valor que um rei...

Cristo era tão contra a discriminação que fazia com que os moralistas da sua época tivessem calafrios diante das suas palavras. Teve a coragem de dizer aos fariseus que os corruptos coletores de impostos e as meretrizes os precederem em seu reino⁵⁷. Como é possível os corruptos e as prostitutas precederem os fariseus tão famosos e moralistas? Pela capacidade de se esvaziarem e se colocarem como aprendizes em sua encantadora escola.

Os coletores de impostos eram odiados e as prostitutas eram apedrejadas na época. Todavia, o plano transcendental de Cristo arrebatava a psicologia humanista. Nele todos se tornam indistintamente seres humanos. Nunca alguém considerou tão dignas pessoas tão indignas. Nunca alguém exaltou tanto pessoas tão desprezadas. Nunca alguém incluiu tanto pessoas tão excluídas.

Cristo despertava a sede do saber. O bom e o excelente mestre

Não devemos considerar Cristo como um pobre coitado e sofredor. Esse título não o dignifica. Ele não era frágil, mas possuía uma força impressionante. Se há alguém que detinha uma coragem incomum, era Cristo. Ele não se calava nem mesmo quando enfrentava sérios riscos de vida. Teve a intrepidez para enfrentar um mundo totalmente contrário ao seu pensamento. Teve a ousadia para enfrentar os ambientes públicos mais hostis, determinação para enfrentar seus próprios medos e angústias. Discursou nos territórios dos seus mais ardentes opositores⁵⁸. Antes de ser crucificado, correu sérios riscos de sofrer politraumatismos por apedrejamentos.

Ele também não agia inconsciente e inconseqüentemente, mas tinha consciência das conseqüências das suas palavras e das metas que queria atingir. Combinava a humildade e a tolerância com a ousadia e a determinação. Apreciava provocar a inteligência das pessoas e mostrar o radicalismo delas.

Cristo era um mestre cativante. Muitos corriam para ouvi-lo, para serem ensinados por ele. Era diferente da grande maioria dos demais mestres, mesmo os da atualidade, que transmitem o conhecimento sem prazer e desafio, transmitem o conhecimento pronto, acabado e despersonalizado, ou seja, sem comentar as dores, frustrações e aventuras que os pensadores viveram enquanto produziam. Tal transmissão não provoca a inteligência dos alunos, não os surpreende, não os tornam engenheiros de idéias.

Um bom mestre possui eloqüência, mas um excelente mestre possui mais do que isso; possui a capacidade de surpreender seus alunos, instigar-lhes a inteligência. Um bom mestre transmite o conhecimento com dedicação, enquanto um excelente mestre estimula a arte de pensar. Um bom mestre procura pelos seus alunos porque quer educá-los, mas um excelente mestre lhes inspira tanto a inteligência que é procurado e apreciado por eles. Um bom mestre é valorizado e lembrado durante o tempo de escola, enquanto um excelente mestre jamais é esquecido, marcando para sempre a história dos seus alunos.

Cristo instigava a inteligência daqueles que conviviam com ele. Ele os inspirava na formação de engenheiros do pensamento. Não apenas seus pensamentos marcaram a história dos seus íntimos, mas também os gestos e os momentos de silêncio foram tão eloqüentes que modificaram a trajetória da vida deles.

Ele andava pelas cidades, vilas e lugarejos e proclamava o “reino dos céus” e o seu projeto de transformação interior. Suas biografias indicam que falava de maneira arrebatadora. O seu falar despertava algo nas pessoas, uma sede interior. Embora fosse o carpinteiro de Nazaré e andasse e se vestisse de modo simples, seus ouvintes ficavam impressionados com a dimensão da sua eloqüência⁵⁹. Com o decorrer dos meses, Cristo não precisava procurar as pessoas para falar-lhes. O seu falar era tão cativante que ele passou a ser procurado pelas multidões. As pessoas se espremiavam para ouvi-lo. Determinados grupos o apreciavam tanto que lhe rogavam para que não se afastasse deles. Mas ele dizia que tinha de levar sua mensagem a outros locais.

As multidões o seguiam em lugares inóspitos, desérticos, onde corriam o risco até de morrer de fome⁶⁰. Mesmo assim não desistiam, pagando qualquer preço para ouvi-lo. Isto é muito interessante. A maioria das pessoas daquela época não tinha cultura e provavelmente nenhum interesse para aprender nada além do que trabalhar e sobreviver. Porém Cristo havia provocado uma fome íntima naquelas pessoas que ultrapassava os limites da fome física.

Cristo rompe a minha tese e o argumento de Will Durant

Quando as necessidades para financiar a sobrevivência são grandes, as pessoas não têm interesse em desenvolver o pensamento. A este respeito há uma história interessante na história da filosofia. Will Durant, autor do famoso livro História da filosofia, tenta justificar por que a Europa produziu qualitativamente mais pensadores na literatura e na filosofia do que os EUA*. Ele comenta que “a Inglaterra precisou de oitocentos anos para ir de sua fundação até seu Shakespeare e que a França precisou de oitocentos anos para ir da sua fundação ao seu Montaigne [...] tivemos de gastar nossas energias abrindo clareiras em nossas grandes florestas e extraindo a riqueza do nosso solo; ainda não tivemos tempo de produzir uma literatura nacional e uma filosofia madura”.

A Inglaterra, a França e outros países demoraram muitos séculos para produzir um corpo de pensadores na filosofia, na literatura, nas artes etc. De fato, o pensamento filosófico na Europa é mais maduro do que nos EUA. Durant justifica esse fato dizendo que a sociedade americana esteve muito ocupada nos últimos séculos com suas necessidades de sobrevivência, com o desenvolvimento social. Embora não seja uma regra matemática, a produção de pensadores tem determinada relação com o atendimento das necessidades básicas de sobrevivência, com o desenvolvimento social. Primeiro devem ser atendidas as necessidades básicas, para depois florescer um pensamento mais maduro e coletivo. Claro que o pensamento pode florescer individualmente em meio a crises sociais, pobreza material, guerras etc. Entretanto, a formação de um corpo de pensadores está ligado ao desenvolvimento social. O pensamento se comporta, às vezes, como vinho: quanto mais velho e amadurecido, melhor o paladar.

O argumento de Durant, portanto, tem fundamento e vai ao encontro da tese que abordei sobre a prevalência do homem instintivo (animal) sobre o homem pensante nas situações estressantes. As necessidades materiais básicas que financiam a sobrevivência, como moradia, saúde e alimentação, tendem a prevalecer sobre as necessidades psicológicas. Quando as necessidades materiais básicas são atendidas, elas tendem a libertar o pensamento e expandi-lo para expressar a arte.

A arte tem certa ligação com a dor, não com a da sobrevivência, com a instintiva, mas com a dor das crises existenciais, com a dor da alma, que envolve os conflitos psíquicos e sociais. Raramente as pessoas se interessam em pensar quando precisam lutar para sobreviver. Raramente o mundo das idéias se expande quando o corpo é espremido pela dor da fome, quando a vida é castigada pela miséria. Porém Cristo rompeu esse paradigma, rompeu tanto minha tese como o argumento de Durant.

Cristo brilhou na sua inteligência, embora desde a infância tivesse sido castigado pela miséria. Além disso, o que é mais interessante, ele conduziu as pessoas da sua época, tão castigadas pela miséria física e psicológica, a ter uma fome do saber que transcendia as necessidades básicas de sobrevivência.

Na época de Cristo, o povo de Israel vivia sob o domínio do Império Romano. Sobreviver era difícil. A fome e a miséria faziam parte daquele povo. A produção de alimentos era pouca e, ainda assim, as pessoas tinham de pagar pesados impostos, pois havia coletores (publicanos) espalhados por todo o território de Israel.

Se olharmos para a miséria do povo Israel e para o jugo imposto pelo Império Romano, constataremos que Cristo não veio na melhor época para expor seu complexo e audacioso projeto para transformar o ser humano. Se tivesse vindo numa época onde havia menos miséria e o sistema de comunicação estivesse desenvolvido, seu trabalho seria facilitado. Porém, há muitos pontos em sua vida, como esse, que fogem aos nossos conceitos: nasceu numa manjedoura, gostava de não se ostentar, escolheu uma equipe de discípulos totalmente desqualificada, silenciou-se em seu julgamento. As pessoas na época de Cristo estavam preocupadas em comer pão e não em pensar, porém descobriram que não só de pão viverá o homem.

Os fariseus e os sacerdotes não tinham qualquer brilho na época. Cristo brilhou num ambiente em que raramente era possível brilhar. Embora naquele período as pessoas tivessem todos os motivos para não se interiorizar, elas abandonavam as suas casas e o pouco que tinham e iam para as regiões desérticas para ouvir as palavras sofisticadas e incomuns desse atraente mestre.

É difícil encontrar uma pessoa intelectualmente atraente e interessante nas sociedades modernas. Para tornar as pessoas atraentes, a mídia tem de “maquiá-las”, dar colorido às suas palavras e gestos. Todavia, o carpinteiro de Nazaré era um homem que atraía multidões sem precisar de nenhuma publicidade.

Algumas vezes, as pessoas viajavam durante vários dias, tendo de dormir ao relento para ouvi-lo. O estranho é que Cristo não prometia uma vida fácil e nem fartura material. Não prometia um reino político e nem uma terra da qual manava leite e mel, como Moisés. Ele discursava sobre uma outra esfera, um reino dentro do homem, que implicava um processo de transformação íntima.

As pessoas não possuíam despertador, mas levantavam muito cedo para procurá-lo. Creio que muitas tinham insônia de tão intrigadas que ficavam com os pensamentos de Cristo. Alguns textos dizem que as multidões nem mesmo esperavam o sol raiar para procurá-lo⁶¹. Difícilmente houve na história um mestre tão cativante como ele.

Embora não tivesse local definido para se encontrar com as pessoas, elas se encarregavam de achá-lo. Sob o impacto das suas palavras, eram estimuladas a se repensar e a pensar nos mistérios da existência. O pensamento não estava institucionalizado, todos eram livres para ouvi-lo e aprender, apesar das dificuldades que atravessavam.

Cristo tinha tanto coragem para expor seus pensamentos como para permitir que as pessoas o abandonassem. É muito difícil reunir essas duas características numa mesma pessoa. Quem tem coragem para expor seus pensamentos geralmente controla as pessoas que o seguem e restringe-lhes a liberdade. Mas Cristo era diferente. Um dia ele chegou diante dos seus discípulos e deu plena liberdade para que eles o deixassem⁶². Até os indagou: “Vocês querem me abandonar?”. Sua capacidade para expor os pensamentos e não impô-los é singular. Ele apenas fazia convites que ecoavam naqueles ares: “Quem tem sede venha a mim e beba”⁶³.

O registro em Mateus 4 mostra-nos que quando Cristo estava caminhando junto ao mar da Galiléia, ele viu Pedro, André, Tiago e João que estavam pescando ou remendando redes. Então, os chamou, dizendo: “Vinde após mim!”. Imediatamente eles o seguiram, deixando seus barcos e suas atividades. Até hoje tenho dificuldade para compreender por que quando ele simplesmente disse “Vinde após mim”, os discípulos imediatamente reagiram e o seguiram. Havia um intenso carisma nas palavras e no semblante daquele mestre que atraía as pessoas.

Cristo cativou tanto as pessoas que elas não conseguiam aceitar a hipótese de separarem-se dele. Quando ele foi crucificado, elas batiam no peito inconformadas⁶⁴. Talvez dissessem consigo mesmas: como pode alguém que mudou nossas vidas e nos deu um novo sentido existencial passar por uma morte tão dolorosa e ultrajante? Como pode alguém tão inteligente e poderoso não ter usado sua força e capacidade intelectual para escapar do próprio julgamento? Era muito difícil para elas compreenderem as conseqüências e as implicações da crucificação de Cristo.

O processo de interiorização nas sociedades modernas

Atualmente perdemos o prazer pelo processo de interiorização. Multiplicaram-se as escolas e o acesso às informações, mas não multiplicamos a formação de pensadores.

Hoje, freqüentemente, as pessoas só são motivadas a aprender porque assim usam o conhecimento como ferramenta profissionalizante. Se retirássemos o título profissional e a possibilidade de aferir lucro com a aquisição do conhecimento, as universidades morreriam, o conhecimento seria enterrado! O deleite de apreender e de se tornar um engenheiro de idéias está cambaleante nas sociedades modernas. Eles foram substituídos, como veremos nos próximos textos, pela paranóia do consumismo, da estética, da competição predatória.

Não há dúvida que diversas pessoas o seguiam para atender às suas necessidades básicas e contemplar os seus atos sobrenaturais. Cristo tinha consciência disso⁶⁵. Porém, muitas o seguiam porque foram despertadas por ele, descobriram o prazer de aprender. Platão falou do deleite do processo de aprendizado*. Se ele estivesse vivo na época de Cristo, provavelmente seria íntimo dele, ficaria encantado com a habilidade do mestre de Nazaré em conduzir as pessoas desprovidas de qualquer cultura a romper com a mesmice da rotina existencial e ter sede de se interiorizar.

O projeto de Cristo era surpreendente. Sob sua influência, as pessoas se tornaram caminhantes nas trajetórias do seu próprio ser. Sob o cuidado desse mestre aprenderam a criar raízes dentro de si mesmas, aprenderam a ver a vida sob outra perspectiva e a cultivar um sentido nobre para ela, mesmo diante das suas misérias e das dores existenciais.

Desobstruindo a inteligência

Colocar-se como aprendiz diante da vida profissional, social e intelectual é uma verdadeira arte da inteligência. Uma pessoa que possui essa característica é sempre criativa, lúcida e brilhante intelectualmente. Está se esvaziando de maneira contínua dos seus preconceitos e enxergando a vida de diferentes ângulos. Por outro lado, uma pessoa que se sente interiormente abastada está sempre tensa, entediada e envelhecida intelectualmente.

Faz bem à saúde do cérebro e à saúde psíquica colocar-se como aprendiz diante da existência. Essa característica não tem relação matemática com a idade. Há jovens que são velhos, pois são engessados e rígidos intelectualmente. Há velhos que são jovens, pois são livres e estão sempre dispostos a aprender. Tal característica é mais importante do que ser um gênio. É possível ser um gênio e ser apenas um mero baú de informações, sem nenhuma criatividade.

Se observarmos a história dos homens que mais brilharam em suas inteligências, constatamos que a curiosidade, o desafio, a ousadia, a sede de aprender, que constituem a capacidade de se colocar como aprendiz diante dos eventos da vida, eram seus segredos. Muitos pensadores foram mais produtivos quando ainda eram imaturos, pois tinham preservadas essas características. Nessa fase, embora tivessem os problemas ligados à imaturidade intelectual, estavam mais abertos para o aprendizado. Todavia, quando conquistaram status, fama, prestígio social e, ao mesmo tempo, abandonaram a postura de aprendizes, arruinaram-se intelectualmente.

Quem se contamina com o vírus da auto-suficiência diminui a sua produção intelectual. Quem se embriaga com o orgulho está condenado à infantilidade emocional e à pobreza intelectual, além de fazer da sua vida uma fonte de ansiedade. O orgulho gera muitos filhos, um dos quais é a dificuldade de reconhecimento de erros e uma necessidade compulsiva de estar sempre certo. Aquele que recicla seu orgulho e se liberta do jugo de estar sempre certo transita pela vida com mais tranquilidade. A pessoa que reconhece suas limitações é mais madura do que a que se senta no trono da verdade...

Um dos maiores problemas educacionais é fazer um mestre se posicionar continuamente como aluno e fazer um aluno nunca deixar sua condição de aprendiz. Muitos profissionais liberais e executivos se tornam estéreis com o decorrer do tempo, pois se fecham dentro de si mesmos, engessam sua inteligência com as amarras da auto-suficiência e independência exagerada.

Muitos cientistas são produtivos quando estão no início de suas carreiras. Entretanto, à medida que sobem na hierarquia acadêmica e supervalorizam os títulos, têm grande dificuldade de produzir novas idéias. Os jornalistas, os professores, os médicos, os psicólogos, enfim toda e qualquer pessoa que não recicla a auto-suficiência, aprisiona o pensamento e aborta a criatividade. É provável que muitos de nós estejamos intelectualmente estéreis e não tenhamos consciência disso, pois temos dificuldade de nos interiorizar e repensar nossa história.

Cristo provocava continuamente a inteligência dos seus discípulos e os estimulava a abrir as janelas de suas mentes. Os pensamentos dele eram novos e originais e iam contra todos os paradigmas desses discípulos, contra tudo o que tinham aprendido como modelo de vida. Por isso, tinha um grande desafio pela frente. Precisava romper-lhes a rigidez intelectual e conduzi-los a se colocar como aprendizes diante da sinuosa e turbulenta trajetória de vida. Quem ele escolheu para ser seus discípulos? Os intelectuais ou os iletrados?

Estranhamente, Cristo não escolheu para ser seus discípulos e, conseqüentemente, para revelar seu propósito e executar seu projeto um grupo de intelectuais da época, representado pelos escribas e fariseus. Esses tinham a grande vantagem de possuírem uma cultura milenar e uma refinada capacidade de raciocinar. Além disso, havia alguns que o admiravam muito. Porém pesava contra eles o orgulho, a auto-suficiência e a rigidez intelectual, o que impedia que se abrissem para outras possibilidades de pensar.

O orgulho e a auto-suficiência infectam a sabedoria e a arte de pensar

O orgulho e a auto-suficiência dos escribas e fariseus obstruíam suas inteligências e os encerravam num cárcere intelectual. Na escola de Cristo, o orgulho e a auto-suficiência infectam a sabedoria e abortam a arte de pensar. Nela, ninguém se diploma, todos são “eternos” aprendizes. Todos devem ter a postura intelectual como a de uma criança, que é aberta, despreconceituosa e com grande disposição para aprender⁶⁶.

Cristo demonstrava que precisava mais do que admiradores e simpatizantes de sua causa, precisava de uma mente aberta, de um espírito livre e sedento. Ele não desistiu dos escribas e fariseus, mas em vez de insistir com eles, preferiu começar tudo de novo, procurou um grupo de pessoas aparentemente desqualificadas para executar um projeto mais profundo, transcendental. Escolheu um grupo de incultos pescadores que provavelmente não conhecia nada além dos limites do mar da Galiléia, um bando de jovens que nunca pensou em caminhar dentro de si mesmo e em desenvolver a arte de pensar, um grupo de pessoas que nunca pensou mais profundamente sobre os mistérios da existência, que nunca sonhou em ser mais do que simples pescadores ou ser coletores de impostos que contribuía para a sustentação do Império Romano.

O mundo intelectual e espiritual daqueles jovens era muito pequeno. Todavia, um mestre intrigante passou por eles, abriu as suas mentes e despertou neles um espírito sedento, que mudaria para sempre suas trajetórias de vida.

Cristo tomou uma atitude arriscada, corajosa e desafiadora. Ele teve uma escolha incomum para levar a cabo o seu complexo desejo. Escolheu um grupo de homens iletrados e sem grandes virtudes intelectuais para transformá-los em engenheiros da inteligência e torná-los propagadores (apóstolos) de um plano que abalaria o mundo, atravessaria os séculos e conquistaria centenas de milhões de pessoas de todos os níveis culturais, sociais e econômicos...

Os princípios da matemática emocional

Muitos investem boa parte de sua energia física e psicológica em aplicar seu dinheiro nas bolsas de valores, em adquirir bens materiais, em ter um carro do último tipo, em adquirir um bom plano de previdência. A segurança financeira é legítima, mas é totalmente insuficiente para satisfazer as necessidades mais íntimas do homem, para dar sentido à sua existência, enriquecer seu prazer de viver e amadurecer sua personalidade.

Tratei de diversas pessoas com transtornos depressivos que eram financeiramente ricas, mas que tinham perdido o encanto pela vida. Várias comentaram que sentiam inveja de pessoas simples, pois embora não tivessem cultura nem suporte financeiro, elas sorriam diante dos pequenos eventos da vida.

Lembro-me de um grande empresário agroindustrial que me disse que alguns dos seus empregados cortadores de cana eram mais ricos do que ele, pois, mesmo diante da miséria material, conseguiam cantar e se alegrar enquanto trabalhavam. De fato, há miseráveis que moram em palácios e ricos que moram em favelas...

Não estou fazendo uma apologia à miséria, pelo contrário, a miséria em todos os sentidos deveria ser extirpada das sociedades, mas quero dizer que a psique humana é tão complexa que desobedece às regras da matemática financeira. A matemática emocional tem, felizmente, princípios que ultrapassam os limites da matemática lógica, financeira. Ter não é ser. Quem tem dez casas não tem dez vezes mais prazer pela vida ou dez vezes mais segurança emocional do que quem tem um casebre. Quem tem 1 milhão de dólares não é milhares de vezes mais alegre do que quem tem alguns míseros trocados.

É possível ter muito financeiramente e ser emocionalmente triste, infeliz. É possível ter riquezas materiais e baixa capacidade de contemplação do belo. A matemática emocional pode inverter os princípios da matemática financeira, principalmente se alguém aprender a investir em sabedoria. O processo da construção da inteligência é um espetáculo tão sofisticado que possui atos inesperados e cenas imprevisíveis ao longo da vida.

Todos comentam sobre a miséria física porque é perceptível aos olhos, mas raramente se comenta sobre a miséria emocional, que abate o ânimo e restringe o prazer da existência.

A temporalidade da vida é muito curta. Num instante somos jovens e em outro somos velhos. As crianças gostam de fazer aniversário. Quando chega a maturidade, queremos parar o tempo, mas ele não pára. A brevidade da vida deveria nos fazer procurar a sabedoria e dar um sentido mais rico para a existência, caso contrário, o tédio e a angústia serão parceiros íntimos de nossa trajetória.

Investindo em sabedoria: as dores da existência sob outra perspectiva

Cristo objetivava que seus discípulos se tornassem grandes investidores em sabedoria. Ele não queria que o ser humano tivesse uma meta existencial pobre e superficial. Ao investigarmos sua história, constatamos que para ele cada ser humano era um ser ímpar e deveria viver sua vida como um espetáculo singular. Por isso, ele aproveitava cada oportunidade para treinar seus discípulos a crescer diante das limitações e das fragilidades humanas⁶⁷. Procurava abrir-lhes o horizonte intelectual para que pudessem ver os sofrimentos sob outra perspectiva.

As dores da existência, tanto as físicas quanto, principalmente, as psicológicas, deveriam ser aliviadas. Todavia, para Cristo, elas deveriam ser usadas para lapidar as arestas da personalidade. O ser humano aprende facilmente a lidar com seus sucessos e ganhos, mas tem grande dificuldade de aprender a lidar com seus fracassos e perdas. Vivemos em sociedades que negam as dores da existência e superdimensionam a busca pelo sucesso. Qualquer pessoa aprende a lidar bem com as primaveras da vida, mas só os sábios aprendem a viver com dignidade nos invernos existenciais...

O fato de sermos seres que pensam e têm consciência nos torna uma espécie muito complexa e, por vezes, complicada. Uma espécie que constrói seus próprios inimigos. A cada momento penetramos nos labirintos da memória e construímos ricas cadeias de pensamentos sem saber como encontrarmos os endereços das informações na memória. Pensar é um espetáculo. Porém, pode ser tanto um espetáculo de prazer como de terror. Se o mundo das idéias que construímos no palco de nossas mentes é negativo, fazemos de nossas vidas um espetáculo de angústia, ainda que possamos ter privilégios exteriores.

Freqüentemente, o homem é o maior algoz de si mesmo. Muitos sofrem por antecipação, fazem o “velório antes do tempo”. Os problemas ainda não ocorreram, e eles já estão sofrendo antecipadamente. Outros ruminam o passado e mergulham numa esfera de sentimento de culpa. O peso da culpa está sempre ferindo-os. Outros, ainda, se autodestroem pela hipersensibilidade emocional que possuem; pequenos problemas têm um eco intenso dentro deles. As pessoas hipersensíveis costumam ser ótimas para os outros, mas péssimas para si mesmas. Quando alguém as ofende, estraga o seu dia e, às vezes, até sua semana. Assim, para essas pessoas, a magnífica construção de pensamentos deixa de ser um espetáculo de entretenimento para ser uma fonte de ansiedade.

Se não reciclarmos as idéias de conteúdo negativo, não trabalharmos o sentimento de culpa e repensarmos a hipersensibilidade emocional, facilmente desenvolveremos depressão ou stress acompanhado de sintomas psicossomáticos. Pensar não é uma opção do homem. Pensar, como vimos, é um processo inevitável. Ninguém consegue interromper o fluxo de pensamentos, mas é possível gerenciar com determinada maturidade os pensamentos e as emoções, caso contrário nos tornamos vítimas de nossa própria história. Se o homem não for o agente modificador de sua história, se não a reescrever com maturidade, certamente será vítima dos invernos existenciais.

Reescrever a história é o papel fundamental do homem. Precisamos incorporar a necessidade desse capital intelectual.

Cristo destilava sabedoria da sua miséria...

Cristo estava sempre conduzindo as pessoas a reescrever suas histórias e a não ser vítimas das intempéries sociais e dos sofrimentos que viviam. Ele se preocupava com o desenvolvimento das funções mais altruístas da inteligência. Desejava que elas tivessem domínio próprio, administrassem os pensamentos e aprendessem a trafegar nas avenidas da perseverança diante das dificuldades da vida.

Cristo foi ofendido diversas vezes, porém sabia proteger a sua emoção. Alguns fariseus diziam que ele era o principal dos demônios. Para alguém que se colocava como o “Cristo”, essa ofensa era muito grave. Todavia, as ofensas não o atingiam. Somente uma pessoa forte e livre é capaz de refletir sobre as ofensas e não ser ferida por elas. Cristo era forte e livre em seus pensamentos, por isso podia dar respostas excepcionais em situações em que dificilmente havia espaço para pensar, em situações em que facilmente a ira nos invadiria.

Nem mesmo a possibilidade de ser preso e morto a qualquer momento parecia perturbá-lo. Ele transcendia as situações que normalmente nos sobrecarregariam de ansiedade. Tinha muitos opositores, todavia manifestava com ousadia seus pensamentos em público. Tinha todos os motivos para ter insônia. Contudo, parecia que não perdia noite de sono, dormindo até em situações turbulentas.

Certa vez, os discípulos, que eram pescadores e, portanto, especialistas em mar, ficaram intensamente apavorados diante de uma grande turbulência marítima. Enquanto os discípulos estavam desesperados, Cristo dormia. Ele não era pescador nem estava acostumado a viajar de barco. Quem não está acostumado a navegar, geralmente sente enjôo na viagem, principalmente se o mar estiver agitado. Desesperados, eles o despertaram. Acordado, ele censurou o medo e a ansiedade deles e com um gesto acalmou a tempestade. Os discípulos, mais uma vez intrigados, perguntavam entre si: “Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem...?”⁶⁸. O que quero comentar aqui não é o ato sobrenatural de Cristo, mas a tranquilidade que demonstrava diante das situações em que o desespero imperava.

Ele agia com serenidade quando todos ficavam apavorados. Preservava sua emoção das contrariedades. Muitos fazem de suas emoções um depósito de lixo. Não filtram os problemas, as ofensas, as dificuldades que atravessam, pelo contrário, elas entram dentro de si com extrema facilidade, gerando angústia e stress. Todavia, Cristo não se deixava invadir pelas turbulências da vida. Ele administrava a sua emoção com exímia habilidade, pois filtrava os estímulos angustiantes, estressantes.

Não apenas o medo não fazia parte do seu dicionário da vida, mas também o desespero, a ansiedade, a insegurança e a instabilidade.

Os discípulos contemplavam seu mestre atenta e embevecidamente e, assim, pouco a pouco, aprendiam com ele a ser fortes e livres interiormente, bem como a ser seguros, tranquilos e estáveis nas situações tensas.

Todos elogiam a primavera e esperam ansiosamente por ela, pois pensam que as flores surgem nessa época do ano. Na realidade, as flores surgem no inverno, ainda que clandestinamente, e se manifestam na primavera. A escassez hídrica, o frio, a baixa luminosidade, pertinentes ao inverno, castigam as plantas, levando-as a produzir metabolicamente as flores que desabrocharão na primavera. As flores contêm as sementes, e as sementes expressam uma tentativa de continuação do ciclo da vida das plantas diante das intempéries que atravessaram no inverno. O caos do inverno é responsável pelas flores da primavera.

Ao analisar a história de Cristo, fica visível que os invernos existenciais pelos quais ele passava não o destruíam, pelo contrário, geravam nele uma bela primavera existencial, expressa por sua sabedoria, amabilidade, tranquilidade, tolerância, capacidade de compreender e superar os conflitos humanos.

Todo ser humano passa por invernos existenciais

Toda e qualquer pessoa passa por turbulências em sua vida. As dores geradas por problemas externos ou por fatores internos são os fenômenos mais democráticos da existência. Um rei pode não ter problemas financeiros, mas tem problemas internos. A princesa Diana era elegante e humanística e não atravessava problemas financeiros, mas, pelo que consta, possuía dores emocionais intensas, sofria crises depressivas. Talvez sofria mais do que muitos miseráveis da África ou do Nordeste brasileiro.

As pessoas que passam pelas dores existenciais e as superam com dignidade ficam mais bonitas e interessantes interiormente. Quem passou pelo caos da depressão, da síndrome do pânico ou de outras doenças psíquicas e o superou, se tornou mais rico, belo e sábio. A sabedoria torna as pessoas mais atraentes, ainda que o tempo sulque a pele e traga as marcas da velhice.

Uma pessoa que tem medo do medo, medo da sua depressão, das suas misérias psíquicas e sociais, tem menos equipamento intelectual para superá-las. O medo alimenta a dor... Aprender a enfrentar o medo, a atuar com segurança nos sofrimentos e a reciclar as causas que financiam os conflitos humanos conduz uma pessoa a reescrever sua história.

Todos gostamos de viver as primaveras da vida, viver uma vida com prazer, com sentido, sem tédio, sem turbulências, onde os sonhos se tornem realidade e o sucesso bata às nossas portas. Entretanto, não há um ser humano que não atravesse invernos existenciais. Algumas perdas e frustrações que vivemos são imprevisíveis e inevitáveis. Quem consegue evitar todas as dores da existência? Quem nunca teve momentos de fragilidade e chorou lágrimas úmidas ou secas? Quem consegue evitar todos os erros e fracassos? O homem, por mais prevenido que seja, não consegue controlar todas as variáveis da vida e evitar determinadas angústias.

Todos passamos por focos de tensão. As preocupações existenciais, os desafios profissionais, os compromissos sociais e os problemas nas relações interpessoais geram continuamente focos de tensão que, por sua vez, geram stress e ansiedade. Os focos de tensão podem exercer um controle sobre a inteligência que nos impede de ser livres, tanto na construção quanto no gerenciamento dos pensamentos. Às vezes, a atuação dos focos de tensão é tão dramática que exerce uma verdadeira ditadura sobre a inteligência.

Quem cuida apenas da estética do corpo e descuida do enriquecimento interior vive a pior solidão, a de ter abandonado a si mesmo em sua trajetória existencial. As pessoas que vivem preocupadas com cada grama de peso fazem de suas vidas uma fonte de ansiedade. Elas têm grande dificuldade de superar as contrariedades, as contradições e os focos de tensão que surgem na trajetória existencial.

A ditadura dos focos de tensão torna o ser humano uma vítima de sua história, e não um agente construtor dela, um autor que reescreve seus principais capítulos. É mais fácil o homem ser vítima do que autor de sua história. Muitas pessoas são marionetes das circunstâncias da vida, não conseguindo redirecionar e repensar suas histórias...

Cristo via as dores da vida sob outra perspectiva. Enfrentava as contrariedades sem desespero, não tinha medo da dor nem das frustrações pelas quais passava. Muitos o decepcionavam, até os seus íntimos discípulos o frustravam, mas ele absorvia aquelas frustrações com tranquilidade. Como mestre da escola da existência, treinava continuamente seus discípulos a superarem seus focos de tensão, a enfrentarem seus medos e seus fracassos. Assim, poderiam reescrever suas histórias e corrigir suas rotas com maturidade.

Certo dia, Jesus teve um diálogo curto e cheio de significado com seus discípulos. Disse: “No mundo passais por várias aflições, mas tende bom ânimo, pois eu venci o mundo”. Ele reconheceu que a vida humana é sinuosa e possui turbulências inevitáveis, encorajou seus íntimos a não se intimidar diante das aflições da existência, mas a se equipar com ânimo e determinação para superá-las. Disse que tinha vencido o mundo, tinha vencido as intempéries da vida, o que indica que ele vivia sua vida, não de qualquer maneira, mas com consciência, com metas bem estabelecidas, como se fosse um atleta.

Produzindo uma escola de sábios

Cristo teve um nascimento indigno, e os animais foram suas primeiras visitas. Provavelmente, até as crianças mais pobres têm um nascimento mais digno do que ele. Quando tinha dois anos, deveria estar brincando, mas já atravessava grandes problemas. Era perseguido de morte por Herodes. Dificilmente uma criança frágil e inocente foi tão perseguida como ele. Fugiu com seus pais para o Egito, fez longas jornadas desconfortáveis, a pé ou no lombo de animais; tinha uma inteligência incomum para um adolescente, sendo admirado aos doze anos por intelectuais da época. Todavia, tornou-se um carpinteiro, tendo de labutar para sobreviver.

Quando manifestou seus pensamentos ao mundo, causou grande turbulência. Foi amado por muitos, mas na mesma proporção foi perseguido, rejeitado e odiado pelos homens que detinham o poder político e religioso de sua época. Foi incompreendido, rejeitado, esbofeteado, cuspidado e ferido física e psicologicamente. Cristo tinha todos os motivos para ser tenso, irritado, angustiado, revoltado. Em vez disso, expressava tranqüilidade, capacidade de amar, de tolerar, de superar seus focos de tensão e, como disse, até de fazer poesia da sua miséria.

Apesar de passar por tantas dificuldades ao longo de sua vida, era uma pessoa alegre. Talvez não manifestasse largos e fartos sorrisos, mas era alegre no seu interior, provavelmente mais do que podemos imaginar. Logo antes do seu martírio, manifestou que os discípulos deveriam provar da alegria que ele possuía, da alegria completa⁶⁹. Muitos têm bons motivos para ser felizes, mas estão sempre insatisfeitos, descontentes com o que são e possuem. Todavia, Cristo, apesar de ter todos os motivos para ser uma pessoa triste, se mostrava feliz e sereno.

Como é possível alguém que sofreu tanto desde a infância mostrar-se tão tranqüilo, capaz de não perder a paciência quando contrariado e superar as contrariedades da vida com serenidade? Como é possível alguém que foi tão rejeitado e incompreendido manifestar que não apenas era alegre, mas que também possuía uma fonte de alegria que poderia propiciar ao homem prazer e sentido existencial pleno? Cristo era um grande investidor em sabedoria. Seus sofrimentos o tornavam mais tranqüilo ao invés de mais tenso. As dores não o desanimavam nem causavam conflitos psíquicos como normalmente ocorre conosco.

Cristo demonstrava ser um excelente gerente dos seus pensamentos. Pela maneira como se comportava, pode-se concluir que quando passava por frustrações e contrariedades, não gravitava em torno do estímulo estressante. Conseqüentemente, seus pensamentos não ficavam hiperacelerados, mas aquietavam-se no palco de sua mente. Isso facilitava que ele os administrasse e produzisse respostas calmas e inteligentes em situações tensas.

É difícil construir uma história de prazer quando nossas vidas transcorrem num deserto. É difícil nos doarmos sem esperar o retorno das pessoas, não sofrermos quando elas não correspondem às nossas expectativas. É igualmente difícil administrarmos os pensamentos nos focos de tensão. Não conheço um psiquiatra ou psicólogo que tenha capacidade de preservar sua emoção de estresses e investir em sabedoria como Cristo. Ele foi o mestre dos mestres numa escola onde muitos intelectuais se comportam como pequenos alunos.

Cristo não queria fundar uma corrente de pensamento psicológico. Seu projeto era muito mais ambicioso e sofisticado do que uma corrente de pensamento. Entretanto, sua psicologia tinha uma complexidade ímpar. A psicologia clássica nasceu como ciência há cerca de um século, mas Cristo, há cerca de vinte séculos, exercia uma psicologia preventiva e educacional no mais alto nível.

Os discípulos aprenderam, pouco a pouco, a lidar com maturidade com seus sentimentos de culpa, com seus erros, com as suas dificuldades; a transitar com dignidade pelos seus invernos existenciais. Compreenderam que seu mestre não exigia que fossem super-homens, que não fracassassem, não atravessassem dificuldades e nem tivessem momentos de hesitação, mas que aprendessem a ser fiéis à sua própria consciência, que se colocassem como aprendizes diante da vida e se transformassem paulatinamente.

A esse respeito, o mestre contou uma história sobre um homem que encontrou uma pérola preciosíssima. Esse homem vendeu tudo o que tinha para adquiri-la⁷⁰. O ato de vender, aqui, não é algo literal, não significa vender os bens materiais, mas desobstruir a inteligência, o espírito humano, desfazer-se das coisas inúteis, para que pudesse adquirir essa pérola dentro de si mesmo. Há muitos significados para essa pérola, sendo um deles a sabedoria, ligada ao seu projeto transcendental. Está correto o que o inteligente rei Salomão disse a respeito dela: “Feliz o homem que encontra a sabedoria... porque melhor é o lucro que ela dá do que o da prata, melhor a sua renda do que o ouro mais fino”⁷¹.

Nas salas de aula das escolas clássicas, se os alunos ficarem em silêncio já é uma grande vitória. Se também incorporarem o conhecimento e forem bem nas provas, pode-se dizer que houve um grande êxito. E ainda se forem criativos e aprenderem algumas lições de cidadania, isso seria o máximo do êxito educacional. Na escola da existência de Cristo a exigência era muito maior. Não bastava conquistar essas funções da inteligência; era necessário investir em sabedoria, gerenciar os pensamentos nos focos de tensão, enfrentar o medo, usar seus erros e fracassos como fator de crescimento, reescrever suas histórias.

Cristo colocou seus discípulos numa escola de sábios. Sábios que foram comuns por fora, mas especiais por dentro. Sábios que viveram uma vida plena, ainda que fosse simples exteriormente...

Usando a arte da pergunta e da dúvida

Estudar a ousada, criativa e elegante inteligência de Cristo poderia expandir a arte de pensar dos estudantes de qualquer idade e nível escolar, do ensino fundamental ao universitário. Entre as habilidades da sua inteligência estão a arte da pergunta e da dúvida.

Grande parte dos alunos das escolas clássicas não desenvolve a arte da pergunta e da dúvida. Eles têm receio de perguntar, de expor suas dúvidas e de discutir abertamente o conhecimento que lhes são transmitidos. Dois ou três anos que os alunos ficam enfileirados numa sala de aula sem ser estimulados a expandir a arte da pergunta e da dúvida são suficientes para causar uma seqüela intelectual que os deixará inibidos a vida toda. Eles nunca mais, mesmo quando adultos, conseguirão fazer perguntas e questionamentos sem um grande desconforto, principalmente quando estiverem em público.

Alguns, ao estender a mão para perguntar em público, suam frio, ficam com a boca seca e têm até taquicardia. A grande maioria de nós possui essa seqüela causada ou perpetuada por princípios de uma educação que se arrasta por séculos. Qual o leitor que não sente desconforto emocional para fazer perguntas em público? Muitos, apesar de inteligentes, possuem tanta inibição social que durante toda a vida jamais farão tais perguntas, prejudicando, com isso, seus desempenhos sociais e profissionais. A escola clássica precisa reverter esse processo. Os princípios da inteligência de Cristo podem contribuir muito para isso.

O incentivo que se dá à arte da pergunta e à arte da dúvida é tão frágil nas escolas clássicas que é insuficiente para estimular a arte de pensar. O deleite do saber está reduzido. A resposta é oferecida de maneira pronta, elaborada. A resposta pronta esmaga a arte da pergunta, retrai a arte da dúvida, esgota a curiosidade e a criatividade.

O que é mais importante: a resposta ou a dúvida? Num primeiro momento, sempre é a dúvida. Ela nos esvazia e estimula o pensamento. O que determina o tamanho da resposta é o tamanho da dúvida. Qualquer computador pode oferecer milhões de respostas, mas nenhum deles jamais conseguirá desenvolver qualquer tipo de dúvida, possuir qualquer momento de hesitação. Os computadores são meros escravos de estímulos programados. A criança abandonada, que perambula pelas ruas, produz fenômenos psicológicos diários, tais como os ligados com a dúvida e a curiosidade, que os computadores jamais conseguirão produzir.

O maior trabalho de um mestre não é fornecer respostas, mas estimular seus alunos a desenvolver a arte de pensar. Todavia, não há como estimulá-los a pensar se não aprenderem sistematicamente a perguntar e duvidar.

Cristo era um exímio perguntador. Era um mestre que estimulava continuamente as pessoas a duvidar dos seus dogmas e a desenvolver novas possibilidades de pensar. Quem analisar com atenção as suas biografias descobrirá essa característica de sua personalidade. Às vezes, ele mais perguntava do que respondia. Há várias situações em que respondia as perguntas não com respostas, mas com novas perguntas⁷².

Como Cristo poderia abrir as janelas da mente das pessoas para um projeto tão sofisticado como o seu, que implicava uma verdadeira revolução interior? Ele precisava libertar o pensamento para que as pessoas, principalmente aquelas de mente aberta e espírito sedento, pudessem compreendê-lo. Sabia que a arte da pergunta gerava a arte da dúvida e que a dúvida rompia o cárcere intelectual, abrindo os horizontes do pensamento. Seu procedimento intelectual supera com vantagens as técnicas propostas por muitas teorias educacionais.

Certa vez, Cristo perguntou aos seus discípulos: “Que diz o povo que eu sou?”. Ele sabia o que o povo dizia dele, mas fazia perguntas para estimular seus discípulos a pensarem. Outra vez, perguntou à mulher adúltera: “Mulher, onde estão os seus acusadores?”. Ele sabia que os acusadores já haviam se retirado do ambiente, pois ficaram perturbados diante da sua inteligência, mas queria que aquela mulher se interiorizasse e refletisse sobre a história dela.

Um dia, os fariseus perguntaram sobre sua origem, pois queriam condená-lo através de suas próprias palavras. E como Cristo conhecia a intenção deles, respondeu com outra pergunta referente à origem de João Batista. Para cortar as raízes da hipocrisia dos seus acusadores, ele os conduziu a falar sobre seu famoso precursor, aquele que todo o povo considerava como profeta. Se os fariseus negassem a João, o povo se revoltaria contra eles; se o reconhecessem, teriam que aceitar o mestre que ele anunciava, Cristo. Então, constrangidos, preferiram se omitir e disseram que não sabiam. Com isso, Cristo, que estava numa situação delicada e não gostava de se ostentar, se sentiu desobrigado a não responder sobre sua origem. Assim, como muitas vezes fez, ele chocou a inteligência dos fariseus com a arte da pergunta. Muitos ficaram admirados com sua sabedoria.

Cristo constantemente propunha parábolas. Ele se preocupava mais com a arte da pergunta do que em satisfazer a ansiedade da resposta. Ninguém gosta da dúvida, ninguém gosta de estar inseguro. Todos gostamos da certeza, da resposta completa. Todavia, ninguém consegue sucesso intelectual, social e penso que até espiritual se não aprender a se esvaziar e questionar sua rigidez por meio do duvidar de si mesmo. Uma pessoa auto-suficiente engessa sua inteligência, permanece numa mesmice sem fim.

Cristo queria que seus discípulos recebessem uma outra natureza e fossem transformados em suas raízes íntimas. Ele discorria sobre o “consolador, o Espírito Santo”. A psicologia não tem elementos para estudar esse assunto, pois entra na esfera da fé. Porém ela pode estudar os objetivos da sua escola da existência.

O mestre dos mestres fornecia poucas regras e ensinamentos religiosos. Sua preocupação fundamental era conduzir o homem a ser um caminhante nas trajetórias do seu próprio ser e ampliar seu foco de visão sobre os amplos aspectos da existência. A atuação surpreendente de Cristo, numa época em que não havia qualquer recurso pedagógico, valoriza muito o papel dos mestres nas sociedades modernas.

Os professores são heróis anônimos, fazem um trabalho clandestino. Eles semeiam onde ninguém vê, nos bastidores da mente. Aqueles que colhem os frutos dessas sementes raramente se lembram da sua origem, do labor dos que a plantaram. Ser um mestre é exercer um dos mais dignos papéis intelectuais da sociedade, embora seja um dos menos reconhecidos. Os alunos que não conseguem avaliar a importância dos seus mestres na construção da inteligência nunca conseguirão ser mestres na sinuosa arte de viver.

A história de Cristo evidencia que os mestres são insubstituíveis numa educação profunda, numa educação que promove o desenvolvimento da inteligência multifocal, aberta e ampla, e não unifocal, fechada e restrita.

Um agradável contador de histórias

Cristo era um agradável contador de histórias. Era um privilégio estar ao lado dele. Ele era paciente e carismático na arte de ensinar. Cativava até seus opositores. Expressava ensinamentos complexos com histórias simples. Estava sempre contando uma história que pudesse atrair as pessoas e estimulá-las a pensar⁷³.

Um mestre eficiente não apenas cativa a atenção dos seus alunos e não causa náuseas quando os ensina, mas os conduz a imergir no conhecimento que transmite. Por isso, um mestre eficiente precisa ser mais do que eloquente, precisa ser um bom contador de histórias. Como tal, Cristo estimulava o prazer de aprender, retirava os alunos da condição de espectadores passivos do conhecimento para que se tornassem agentes ativos do processo educacional, do processo de transformação.

Cristo não freqüentou uma escola de pedagogia, porém possuía uma técnica excelente. Ensinava de maneira interessante e atraente, contando histórias. Sua criatividade impressionava. Nas situações mais tensas, ele não se apertava, pois sempre achava um espaço para pensar e contar uma história interessante que envolvesse as pessoas que o cercavam⁷⁴. Um bom contador de histórias é insubstituível e insuperável por qualquer técnica pedagógica, mesmo que use recursos da informática.

Em muitas escolas, os alunos, os professores e o conhecimento que transmitem estão em mundos diferentes. Um não entra no mundo do outro. Os alunos não entram na história dos professores, os professores não entram na história dos alunos, e ambos não entram na história do conhecimento, ou seja, nas dificuldades, nos problemas, nas dúvidas que os cientistas e pensadores viveram para produzir o conhecimento que é transmitido friamente em sala de aula. Na escola da existência de Cristo era diferente. Ele conseguia transportar seus alunos para dentro do conhecimento que transmitia. Eles penetravam na história de Cristo e vice-versa.

Analisando os meandros das biografias de Cristo, constatamos que ele conhecia muito bem os papéis da memória. Sabia que a memória não era um depósito de informações. Sabia que era melhor estimular seus discípulos a desenvolverem a arte de pensar do que dar-lhes uma quantidade enorme de informações “secas” que teriam pouca relação com a experiência de vida e seriam logo esquecidas.

Se Cristo fosse um professor de biologia da atualidade, certamente não gastaria muito tempo dando inúmeros detalhes “frios” sobre as células. Ele contaria boas histórias que pudessem conduzir os alunos a entrar “dentro” delas. Se fosse um professor de física, de química e até de línguas, também contaria histórias que conduziriam os alunos a imergir dentro do conhecimento que expunha. Com o tempo, como acontece normalmente na educação clássica, os alunos perderiam diversos detalhes das informações que ele teria exposto, mas nunca mais se esqueceriam da essência da história contada. Suas histórias e o esboço que elas produziram na memória dos alunos funcionariam como uma base para que se tornassem engenheiros de idéias.

O conhecimento na boca desse mestre ganhava vida, se personalizava. Cristo usava a memória humana como um alicerce intelectual para que seus discípulos se tornassem pensadores. Não apreciava uma platéia passiva de alunos. Por isso, gostava de instigar e provocar continuamente a inteligência deles, e, para isso, aproveitava todas as oportunidades⁷⁵.

Seus ensinamentos eram mais difíceis de ser compreendidos do que os de matemática, física, química, pois envolviam questões existenciais, ansiedades, expectativas de vida, inseguranças, solidariedade, cooperação social, enfim, envolviam os pensamentos mesclados com as emoções. Esse era mais um motivo pelo qual ele expressava que era mais importante transmitir informações qualitativas do que quantitativas. Por isso, nas suas interessantes histórias ele dizia muito com poucas palavras. Às vezes, quando queria fazer uma crítica contundente aos seus ouvintes, em vez de ser indelicado com eles, contava uma história ou uma parábola para fazê-los pensar.

As escolas clássicas precisam ser albergues da sabedoria e da arte de pensar, precisam provocar a inteligência dos alunos, precisam dar um rosto ao conhecimento, transmitir a história do conhecimento. Os mestres precisam dançar a valsa da educação com as duas pernas desengessadas, precisam ser contadores de histórias, romper a impessoalidade do conhecimento e cruzar, tanto quanto possível, suas histórias com a dos seus alunos. Contar histórias e experiências existenciais são excelentes maneiras de semear as idéias mais complexas.

Cristo era um grande semeador de princípios, de pensamentos e de vida. A parábola do filho pródigo, das virgens néscias e prudentes, dos talentos e tantas outras representam uma didática excelente desse contador de histórias, desse plantador de sementes, que queria que o homem se interiorizasse, reciclasse sua postura superficial de vida, se livrasse das preocupações exageradas da existência e se tornasse uma terra fértil, capaz de produzir muitos frutos. Há muito o que dizer sobre o conteúdo das histórias de Cristo, entretanto, ficará para outra oportunidade.

Os pais, executivos, profissionais liberais, enfim, qualquer ser humano que compreender melhor os papéis da memória e se tornar um contador de histórias terá um desempenho intelectual mais eficiente e um trânsito mais livre nas relações sociais. Tenho procurado ser um contador de histórias para as minhas três filhas. Toda vez que quero vaciná-las contra o individualismo e contra a discriminação, mostro-lhes a necessidade de dar mais valor ao “ser” do que ao “ter”, estimulo-as a superar o medo, a reconhecer suas limitações e a superar seus focos de tensão. Procuo contar-lhes histórias. Elas aprenderam a apreciar tanto essas histórias que, mesmo quando estou sonolento, prestes a dormir, me pedem para que eu lhes conte.

Um dia, uma professora, recém-chegada da África, foi bombardeada pela curiosidade dos alunos sobre aquele continente. Eles lhe perguntaram sobre como as pessoas viviam, quais os países que ela visitara, quais experiências tivera. Porém, ela calou e se aborreceu com a invasão dos seus alunos na sua história. Aquela professora só estava preparada para dar as informações que estavam programadas para aquele dia. Cruzar a sua história com a dos alunos era um absurdo para ela. O conhecimento que transmitia era impessoal, não tinha rosto, não tinha história. Para ela, a memória dos alunos apenas funcionava como um depósito de informações.

Essa professora não compreendeu que a escola clássica deve possuir uma grande e larga ponte com a escola da existência. Não compreendeu que um dos papéis fundamentais da memória não é a lembrança, mas a reconstrução das informações, e que o objetivo fundamental da memória não é ser um depósito delas, mas preparar o ser humano para ser um engenheiro de novas idéias, e não um pedreiro das mesmas obras. Certamente, perdeu uma grande oportunidade para cativar seus alunos, estimulá-los a pensar e mesclar o conhecimento frio com uma bela história.

Cristo rompia a impessoalidade e a frieza do conhecimento. O conhecimento que transmitia ganhava vida e se fundia com a sua própria história. As pessoas se sentiam privilegiadas em estar ao seu lado e ouvi-lo. Os fariseus ficavam tão atraídos pela maneira como ele expressava suas idéias que, mesmo sendo seus opositores, estavam sempre perto dele. É raríssimo uma pessoa sofrer tanta oposição e, ao mesmo tempo, despertar tanta curiosidade.

Cristo não tinha receio de falar de si mesmo e da história dos seus discípulos. Ele dinamizava as relações interpessoais. Para esse contador de histórias, ensinar não era uma fonte de tédio, de stress, de obrigação, mas uma aventura doce e prazerosa...

O discurso de Cristo sobre dar a outra face

Quando Cristo queria mostrar a necessidade vital de tolerância nas relações sociais, ele não proferia inúmeras aulas sobre o assunto, mas novamente usava gestos surpreendentes. Ele dizia que se alguém batesse numa face era também para oferecer a outra, e por diversas vezes ele deu a outra face para seus opositores, ou seja, não revidava quando o agrediam ou o ofendiam. Cristo não falava da face física, da agressão física que compromete a preservação da vida. Ele falava da face psicológica.

Se fizermos uma análise superficial, poderemos nos equivocar e crer que dar a outra face parece uma atitude frágil e submissa. Todavia, temos de nos perguntar: dar a outra face é um sinal de fraqueza ou de força? Dar a outra face incomoda pouco ou muito uma pessoa agressiva e injusta? Se analisarmos a construção da inteligência, constataremos que dar a outra face não é um sinal de fraqueza, mas de força e segurança. Só uma pessoa forte é capaz de dar a outra face. Só uma pessoa segura dos seus próprios valores é capaz de elogiar o seu agressor. Quem dá a outra face não se esconde, não se intimida, mas enfrenta o outro com tranquilidade e segurança.

Quem dá a outra face não tem medo do agressor, pois não se sente agredido por ele, e nem tem medo de sua própria emoção, pois não é escravo dela. Além disso, nada perturba tanto uma pessoa agressiva do que dar a outra face, do que não revidar sua agressividade com agressividade. Dar a outra face incomoda tanto que é capaz de gerar insônia nela. Nada incomoda tanto uma pessoa agressiva do que ter atitudes complacentes com ela.

Dar a outra face é respeitar o outro, é procurar compreender os fundamentos da sua agressividade, é não usar a violência contra a violência, é não se sentir agredido diante das ofensas que lhe desferem. Somente uma pessoa que é livre, segura e que não gravita em torno do que os outros pensam e falam de si é capaz de agir com tanta serenidade.

A psicologia do “dar a outra face” protege emocionalmente a pessoa agredida e, ao mesmo tempo, provoca a inteligência das pessoas violentas, estimulando-as a pensar e reciclar a própria violência.

Cristo era uma pessoa audaciosa, corajosa, que enfrentava sem medo as maiores dificuldades da vida. Era totalmente contra qualquer tipo de violência. Todavia, ele não discursava sobre a prática da passividade. A humildade que proclamava não era fruto do medo, da submissão passiva, mas da maturidade da personalidade, confeccionada por intermédio de uma emoção segura e serena.

Cristo, através do discurso de dar a outra face, queria proteger a pessoa agredida, fazê-la transcender a agressividade imposta pelo outro e, ao mesmo tempo, educar o agressor, levá-lo a perceber que a sua agressividade é um sinal de fragilidade. Nunca o agressor foi combatido de maneira tão intensa e tão elegante!

Na proposta de Cristo, o agressor passa a revisar a sua história e a compreender que ele se esconde atrás de sua violência.

Com essas palavras, Cristo implodiu os paradigmas que até hoje se arraigam na sociedade, que expressam que a violência deve ser combatida com a violência. O mestre da escola da existência demonstrou que a força está na tolerância, na complacência e na capacidade de conduzir o outro a se interiorizar.

Lembro-me de um paciente que foi agredido verbalmente por um de seus parentes. Este paciente não ofereceu motivos importantes para ser agredido. Seu agressor foi injusto e muito áspero com ele. Porém, ele foi até este parente e pediu desculpas por tê-lo ferido em alguma coisa. A sua reação de humildade caiu como uma bomba no interior do agressor, que emudeceu e ficou perturbado. Neste momento, caiu em si, se interiorizou e enxergou sua própria agressividade. Assim, disse que era ele que estava errado e que deveria ser desculpado. Com isso, ambos reataram um relacionamento que demoraria anos para ser reatado e que, talvez, nunca mais fosse o mesmo. O relacionamento que voltaram a ter se tornou mais aberto e rico do que antes.

Muitas pessoas têm medo de se reconciliar, de estender as mãos para os outros, de pedir desculpas, de passar por tolos, por isso defendem suas atitudes e seus pontos de vistas com unhas e dentes. Esse procedimento não é aliviador, mas angustiante e desgastante. Os pais que aprendem a pedir desculpas para os filhos não perdem a sua autoridade, mas se tornam pessoas admiradas e respeitadas por eles. Somos ótimos para detectar as falhas dos outros, mas míopes para enxergar as nossas.

Jesus combatia a violência com a antiviolência. Ele apagava a ira com a tolerância, reatava as relações com a humildade.

Através de seus gestos, ele marcou para sempre a história de seus discípulos e fez com que o mundo, apesar de não vivenciar seus ensinamentos, o admirasse profundamente. Infelizmente, em detrimento de haver leis, batalhões de soldados e sistema de punição, a violência física e psicológica faz parte da rotina das sociedades modernas.

O mundo moderno é violento. A televisão transmite programas violentos. A competição profissional é violenta. Em muitas escolas clássicas, onde deveria reinar o saber e a tolerância, a violência tem sido cultivada. Violência gera violência. Spinoza, um dos pais da filosofia moderna, que era judeu, expressou que Jesus Cristo era sinônimo de sabedoria e que as sociedades envolvidas por guerras de espadas e guerras de palavras poderiam encontrar nele uma possibilidade de fraternidade*.

Um poeta da inteligência que utilizava com grande habilidade o fenômeno RAM

Um quadro é mais eloqüente do que mil palavras. Vimos que a memória sofre um registro automático por meio do fenômeno RAM (registro automático da memória). Vimos também que o registro é mais privilegiado quando as experiências contêm mais emoção, mais tensão, seja ela positiva ou negativa.

Cristo utilizava com destreza o fenômeno RAM. Seus gestos marcaram para sempre a memória dos discípulos e atravessaram gerações. Ele usava a arte de pensar com uma habilidade incrível. Preferia utilizar gestos surpreendentes para educar, transformar, ampliar a visão dos seus discípulos. Seus gestos produziam impactos inesquecíveis na memória dos seus íntimos e eram mais eficientes do que milhares de palavras.

Suas biografias retratam um homem que falava pouco, mas que dizia muito. Quando desejava demonstrar que não queria o poder político, que se importava mais com o interior do homem do que com a estética social, optava por não fazer grandes reuniões, conferências e debates para discutir o assunto. Como comentei, usava simplesmente um gesto surpreendente, que era muito mais representativo e eficiente do que as palavras. Quando estava no auge da sua popularidade, montou num pequeno animal e subiu até Jerusalém. Ninguém mais esqueceu aquele gesto audacioso, intrépido, incomum e a complexa mensagem que ele trouxe. O fenômeno RAM o registrou de maneira privilegiada, marcando a trajetória existencial dos seus discípulos.

Economizando palavras e discursando com gestos

Os pais, os professores, os executivos raramente conseguem surpreender as pessoas que o circundam e abrir as janelas das suas mentes. Um pai cujo filho passa por problemas, como uso de drogas ou agressividade, fica perdido sem saber como penetrar no interior dele e contribuir para reorganizar a sua vida. A melhor maneira de conquistar alguém é romper a rotina e surpreendê-lo continuamente com gestos inesperados.

Se um pai for comum, racional, crítico e explicativo com um filho, ele entedia a relação interpessoal e se torna pouco eficiente como educador. Porém, se o surpreender continuamente com gestos inesperados, com momentos de silêncio, com diálogos incomuns, com elogios agradáveis, certamente ao longo dos meses ele conquistará esse filho e o ajudará a reconstruir sua história. Muitos pais nunca entraram no mundo dos seus filhos e muitos filhos nunca tiveram o prazer de conhecer seus pais intimamente. Sair do relacionamento superficial e previsível e construir um relacionamento que tenha raízes é uma tarefa brilhante. Conquistar o outro é uma arte, principalmente se o outro for uma pessoa difícil.

Os comportamentos de Cristo produziam raízes profundas no íntimo das pessoas. Eram mais eloqüentes do que dezenas de palestras sobre a necessidade de se doar mutuamente, de busca de ajuda mútua, cooperação social, solidariedade. Quando ele agia, a memória delas era profundamente impregnada com suas atitudes.

Quando queria demonstrar que era contra qualquer tipo de discriminação, economizava o discurso e tinha atitudes inesperadas. Se queria demonstrar que era contra a discriminação por estética e por doenças contagiosas, ia fazer suas refeições na casa de Simão, o leproso.

Quando queria demonstrar que era contra a discriminação das mulheres, tinha complacência e gestos amorosos com elas diante das pessoas mais rígidas. Se era contra a discriminação social, ia jantar na casa de coletores de impostos, que eram a “raça” mais odiada pela cúpula judaica.

Cristo era um poeta da inteligência. Sabia utilizar o fenômeno RAM com extrema habilidade. Sabia que a memória humana não funcionava como um depósito de informações, mas como um suporte para que o homem se tornasse um pensador criativo. Suas atitudes surpreendentes produziam quadros psicológicos que eram registrados de maneira privilegiada na memória dos discípulos. Esse registro era resgatado e retroalimentado continuamente por eles, enriquecendo o espetáculo da construção de pensamentos e direcionando suas trajetórias de vida.

Muito se escreveu sobre Cristo, bem como foram feitos diversos filmes e peças teatrais sobre ele. Várias obras retrataram o mestre da escola da existência de maneira muito superficial, pois não levaram em consideração a sua extraordinária inteligência. Ele é o personagem mais comentado do mundo. Todavia, muitos não compreenderam que ele transmitiu ricas mensagens não apenas pelo que falou, mas pelo que não falou, pela eloqüência dos seus gestos e dos seus momentos de silêncio.

A solidão social e a solidão intrapsíquica

Nestes tempos de intensa crise social e educacional, é bom rompermos nossa velha maneira de pensar e nos abirmos para outras possibilidades. Estudar a inteligência de Cristo pode fornecer princípios sociológicos, psicológicos e psicopedagógicos muito úteis.

O que diremos sobre o paradoxo do florescimento da solidão nas sociedades intensamente adensadas? A solidão, como comentei, é um fenômeno oculto, insidioso, mas muito presente. Vivemos em sociedade, mas a solidão cultiva-se de forma fértil. Esbarramos diariamente em muitas pessoas, todavia permanecemos ilhados dentro de nós mesmos. Participamos de eventos sociais, brincamos, sorrimos, mas freqüentemente estamos sós. Falamos muito do mundo em que estamos, discorremos sobre política, economia e até sobre a vida de muitos personagens sociais, mas não falamos de nós mesmos, não trocamos experiências existenciais.

O homem moderno é um ser solitário, isolado dentro da sua própria sociedade, um homem que sabe que tem fragilidades, inseguranças, temores, momentos de hesitação e apreensão, mas tem medo de reconhecê-los, de assumi-los e de falar sobre eles. Tem consciência da necessidade de falar de si mesmo, contudo opta pelo silêncio e faz dele seu melhor companheiro. Como disse, muitos vão ao psiquiatra e psicoterapeuta não porque estão doentes, ou pelo menos seriamente doentes, mas porque não têm ninguém para conversar abertamente sobre suas crises existenciais.

Realmente é difícil falar de nós mesmos. O medo de falar de si mesmo não está ligado apenas aos bloqueios íntimos que as pessoas têm em comentar suas histórias, mas também às dificuldades de encontrar alguém que desenvolveu a arte de ouvir. Alguém que ouve sem prejudicar e que sabe se colocar em nosso lugar e não dar conselhos superficiais. É mais fácil desenvolver a arte de falar do que a de ouvir. Aprender a ouvir implica aprender a compreender o outro dentro do contexto histórico, a respeitar suas fragilidades, a perceber seus sentimentos mais profundos, a captar os pensamentos que as palavras não expressam. A arte de ouvir é uma das mais ricas funções da inteligência.

Muitos não apenas desenvolvem a solidão social, a solidão de estar próximo fisicamente e, ao mesmo tempo, distante interiormente das pessoas que o cercam, mas também a solidão intrapsíquica, de abandonar-se a si mesmo, de não dialogar consigo mesmo, de não discutir os próprios problemas, dificuldades, reações.

Quem não se interioriza e aprende a discutir com liberdade e honestidade as suas próprias dificuldades, conflitos, metas, projetos, abandona-se a si mesmo na trajetória existencial. Vivemos numa sociedade tão estranha que não achamos tempo nem para nós mesmos. Uma pessoa que não se repensa e não dialoga consigo mesma perde os parâmetros de vida e, conseqüentemente, pode se tornar rígida e implacável com seus próprios erros e propor para si mesma metas inatingíveis que a imergem numa esfera de sentimento de culpa, ou, ao contrário, pode se alienar e não possuir qualquer meta ou projeto social e profissional.

O homem tem uma necessidade intrínseca de superar a solidão em seus amplos aspectos; todavia, ele não é muito eficiente em superá-la. Cristo tinha momentos preciosos em que se interiorizava. Suas meditações contínuas indicavam que ele atribuía uma importância significativa ao caminhar nas trajetórias do seu próprio ser. Sempre encontrava tempo para ficar a sós consigo mesmo⁷⁶. Entretanto, é difícil investigar o que se passava dentro dele nesses momentos.

Se temos dificuldades de compreender esse aspecto de sua vida, podemos, contudo, ter mais facilidade de compreender o seu pensamento sobre a solidão social. Mas, antes de comentar esse assunto, gostaria de fazer uma abordagem sobre a sua misteriosa origem. Estudar parcialmente sua origem pode nos levar a compreender melhor o seu pensamento sobre o complexo fenômeno da solidão.

A misteriosa origem de Cristo

A origem de Cristo é muito complexa. Alguns assuntos concernentes a esse respeito extrapolam a investigação científica. De acordo com sua biografia, sua origem biológica foi gerada apenas a partir do material genético de Maria. A ciência não pode comprovar ou confirmar este fato, pois não tem como estudar o material genético de Cristo e de Maria. Crer neste fato entra na esfera da fé e, portanto, extrapola o campo da ciência. Se, por um lado, a ciência não pode estudar o processo de geração biológica de Cristo a partir da carga genética de sua mãe, por outro não pode dizer que isto é impossível de ser realizado. Por quê? Porque a ciência está começando agora a compreender algumas possibilidades da clonagem, bem como seus riscos e benefícios.

De acordo com os evangelhos, a origem biológica de Cristo foi misteriosa. Todavia, ele expressava que tinha uma outra origem, que não era deste mundo⁷⁷. Dizia que vinha do céu. Dizia até mesmo que era o pão que tinha descido do céu para alimentar o homem com outro elemento, com outra natureza⁷⁸. Que céu é esse a que se referia? No universo, há bilhões de galáxias. A que ponto do universo ele se referia? Será que se referia a uma outra dimensão? Não sabemos, apenas supomos que provavelmente se referia a outra dimensão. Porém, o fato é que Cristo proclamava claramente não ser deste mundo, mas pertencer a outro mundo, reino ou esfera. Novamente digo que a ciência não tem como discutir este assunto com precisão, a não ser no campo da especulação. Crer em sua origem celestial é uma questão pessoal.

Quanto à sua origem terrena, ou seja, à sua humanidade, Cristo dizia ser o filho do homem. Quanto à sua origem celestial, dizia ser o filho de Deus. Se estamos cientificamente limitados para discorrer sobre essa dupla origem, podemos ao menos fazer algumas análises implicativas.

Permitam-me usar a origem de Cristo para fazer uma crítica contra a necessidade paranóica do homem pelo poder. O ser humano ama o poder. Se fosse possível, ele gostaria de ser supra-humano, um semideus. Se tomarmos como verdade a palavra de Cristo de que ele não era deste mundo, podemos observar que se por um lado ele reivindicava uma origem extra-humana, por outro lado valorizava intensamente sua condição humana.

O que esperamos de uma pessoa com a origem distinta da nossa? No mínimo esperamos comportamentos diferentes do nosso, que extrapolem os padrões de nossa inteligência. Cristo tinha tais comportamentos. Porém precisamos compreender a outra face de Cristo, a humana, pois, embora reivindicasse ser o filho de Deus, era extremamente humano. Ele amava se relacionar intimamente com as pessoas e penetrar na história e até na dor particular daquelas com as quais convivia.

Ele tinha um lado mais humano do que a grande maioria dos homens. Muitos terráqueos querem ser extraterrestres, semideuses, mas Cristo queria ser um homem, queria se misturar com o homem, conviver com ele e ter amigos íntimos. Podemos afirmar que se por um lado seus comportamentos fogem aos padrões de nossa inteligência, por outro, ele tinha comportamentos que eram mais humanos e mais singelos do que os nossos.

Tendo prazer em sua humanidade

O ser humano se envolve numa escalada paranóica pelo poder. Muitos homens querem ser políticos poderosos. Muitos políticos querem ser reis. Muitos reis querem ou quiseram ser deuses ao longo da história. Contudo, este Cristo que reivindicava ser Deus e ter o segredo da vida eterna queria ser um homem, amava a condição humana. Que contraste!

O leitor já apreciou a espécie humana, já teve uma paixão poética pelo ser humano, independente de quem ele seja? Cristo tinha tal paixão pela humanidade. Ele gostava tanto de ser um humano, apreciava tanto sua origem humana, que usava uma expressão romântica e incomum para exaltar essa origem. Ele dizia ser o “filho do homem”⁷⁹. É estranho, mas um ser humano não usa a expressão “filho do homem” para exaltar a sua origem. Esta expressão está de acordo com o pensamento dele sobre sua dupla natureza. Apreciava ser reconhecido pela sua natureza humana, e não apenas como filho de Deus. Observem quantas vezes nos quatro evangelhos Cristo disse ser o “filho do homem”. Ele respirou, dormiu, comeu, se angustiou, sofreu, chorou e se alegrou como um homem.

Muitos declaram o time esportivo para o qual torcem, a ideologia política à qual aderem, a corrente psicoterapêutica ou educacional que seguem, pois gostam de exaltá-la. Cristo gostava de exaltar sua origem humana, pois ele a apreciava. É muito raro ouvirmos alguém dizer que está alegre por ser humano, mas ele proclamava isso com satisfação: ser o “filho do homem”. Devido ao estudo das origens das violações dos direitos humanos, cheguei a questionar a viabilidade psicossocial da espécie humana em alguns textos que publiquei. Contudo, Cristo, apesar de ser tão crítico do superficialismo, da hipocrisia e da intolerância humana, era um apreciador do ser humano, da humanidade e, além disso, sua história revela que tinha esperança de transformá-la.

Ele não era um estranho na multidão. Não se comportava como um “extraterrestre”, pelo contrário, ele gostava de se misturar e de se envolver com todos os tipos de pessoas. Queria tanto ter amigos que preparou um plano complexo para isso. Construiu pouco a pouco uma atmosfera interpessoal objetivando que seus discípulos se tornassem mais do que meros alunos ou servos, mas seus amigos. Não bastava que o admirassem, ele queria ser amigo deles. Os discípulos o colocavam num pedestal inatingível, mas Cristo queria cruzar sua história com a deles.

Ele ambicionava que os galileus, que eram rudes e sem cultura, se tornassem parceiros de uma relação interpessoal sem distância. O que representava ser um amigo para Cristo? Ele expressou que os amigos possuíam intimidade, conheciam os segredos ocultos do coração, trocavam experiências existenciais⁸⁰.

Crise nas relações sociais: os amigos estão morrendo

Nas sociedades modernas, fazer amigos está virando artigo de luxo. O ser humano perdeu o apreço por uma relação horizontal equidistante. Ele gosta de anular o outro e de que o mundo fique aos seus pés. Mas Cristo, nos últimos dias da sua trajetória nesta terra, expressou que queria muito mais do que admiradores, queria amigos. Não há relação mais nobre do que ser e ter amigos. Os amigos se mesclam, confiam mutuamente, desfrutam do prazer juntos, segredam coisas íntimas, torcem uns pelos outros. Os amigos não anulam um ao outro, mas se completam.

Quem vive sem amigos pode ter poder e palácios, mas vive só e triste. Quem tem amigos, ainda que não tenha status e viva num casebre, não se sentirá só. A falta de amigos deixa uma lacuna que dinheiro, poder, cultura, sucesso, não podem preencher.

Todos precisamos de amigos, os quais não compramos, mas conquistamos, cultivamos. Muitos querem tê-los, mas não sabem como conquistá-los. Os amigos não são aqueles que gravitam em torno de nós, que nos rodeiam pelo que temos. Não, são aqueles que nos valorizam pelo que somos. No mundo biológico, os animais se agrupam pela necessidade instintiva de sobrevivência. Na nossa espécie, as amizades surgem por necessidades mais íntimas, como tentativa de superar a solidão.

A comunicação interpessoal realizada através dos sons (palavras) e das imagens (gestos, expressões faciais) são deficientes e limitadas. Se não construirmos um relacionamento aberto, despreconceituoso e despretensioso, as pessoas não compreenderão nossos sentimentos e pensamentos mais íntimos, que ficarão seqüestrados dentro de nós mesmos e nos imergirão numa solidão social. Por estarmos ilhados dentro de nós mesmos, precisamos de amigos, precisamos superar uma das características mais marcantes da nossa espécie: a solidão.

Os pais que não têm como meta transformar seus filhos em amigos possuem um projeto educacional superficial. Aqueles que objetivam tornar seus filhos seus amigos, que trocam experiências, mesclam suas histórias, reconhecem erros, pedem desculpas e procuram viver uma vida alegre e aberta com eles atingem um sucesso existencial nobilíssimo.

Os pais que apenas propiciam boas escolas para os filhos e regras de comportamentos não conseguem estabelecer as diretrizes de um relacionamento mais profundo com eles. Por sua vez, os filhos que não procuram ter seus pais como amigos perdem uma das mais ricas experiências existenciais. Os filhos que aprendem a se abrir com seus pais, bem como a explorá-los, desarmá-los e conhecer a história deles, seus prazeres, fracassos, sucessos, temores, acabam se tornando arquitetos de uma relação doce e prazerosa.

Os professores também deveriam ter um relacionamento mais próximo com seus alunos. O tempo pode não permitir tal proximidade e a estrutura educacional pode não facilitá-la, mas, na medida do possível, os professores deveriam ter como meta ser amigos dos seus alunos, participando da história deles. Os professores procuram o silêncio e a atenção dos alunos. Contudo, como um estranho pode fazer exigências tão grandes? Aqueles que investem tempo em ser amigos dos alunos, mesmo dos mais agressivos e rebeldes, os conquistam, arrebatam o respeito deles. O silêncio e a atenção deles têm outro prazer.

Respeitar os alunos como seres humanos e procurar conhecer, ainda que com limites, algumas angústias e sonhos do mundo deles torna-se um bálsamo intelectual, um perfume emocional que satura a relação. As escolas deveriam se tornar albergues não apenas de sabedoria, mas também de amigos. Porém, infelizmente, às vezes impera a agressividade e a rigidez.

Um dia, uma professora me disse que não suportava mais seus alunos e que tinha perdido o prazer de dar aulas. Estimulei-a a penetrar no mundo deles e perceber que mesmo os mais rebeldes têm uma personalidade complexa, um mundo a ser descoberto. Disse-lhe que logo se tornariam adultos e que ela não poderia perder a oportunidade de contribuir para enriquecer-lhes a história. Encorajada, começou a entrar no mundo dos seus alunos e conseguiu conquistá-los.

Mesmo no ambiente da psicoterapia, a relação terapeuta-paciente deveria ser construída numa atmosfera do mais alto nível de respeito, de empatia e de confiabilidade. Se um psicoterapeuta constrói uma relação distante e impessoal com seu paciente, a terapia tem grandes possibilidades de se tornar artificial e pouco eficiente.

Lembro-me de que uma cliente me contou uma história vivenciada por ela, antes de se tratar comigo, que a feriu muito. Disse-me que se tratava com uma psicoterapeuta muito rígida, cujo consultório ficava num edifício alto. Algumas vezes elas se encontravam no elevador. Quando isso ocorria, ela cumprimentava a terapeuta, mas esta nunca respondia, pois não queria criar qualquer vínculo com ela ou com os outros pacientes. A paciente era caixa de um banco no qual a terapeuta tinha conta, mas a terapeuta nunca a cumprimentava, mesmo quando era atendida pela paciente. Angustiada com a frieza e a impessoalidade da terapeuta, a paciente resolveu testá-la: contou em dois dias distintos e simultâneos histórias totalmente diferentes que tinham ocorrido em sua infância. Disse que seu pai tinha sido agressivo, distante, frio, enfim, um verdadeiro carrasco com ela. No outro dia, contou que seu pai sempre tinha sido amável e tolerante com ela. A terapeuta, que estava distraída e tinha uma relação impessoal com a paciente, não percebeu os paradoxos da história contada e interpretou o comportamento dela como se fosse de duas pessoas distintas.

Indignada, a paciente interrompeu a sessão de psicoterapia e nunca mais voltou àquele consultório. Dias depois, a terapeuta apareceu no banco e, tentando se aproximar, gentilmente perguntou como ela estava. A paciente deu-lhe o troco e respondeu da mesma forma que a terapeuta: disse que não a conhecia. A resposta não foi adequada, entretanto ela prestou um favor à sua terapeuta, pois a levou a reciclar seu procedimento profissional frio e sem empatia. Como pode alguém ajudar uma pessoa a se interiorizar, a se repensar e a gerenciar seus pensamentos nos focos de tensão se a relação que mantém com ela é distante, sem empatia e sem confiabilidade?

O mestre da escola da existência era diferente. Tinha uma relação estreita com seus discípulos, era agradável e confiável. Conseguia, como exímio terapeuta, perceber os conflitos mais ocultos e estimulá-los a se repensarem. Ele, mais do que qualquer terapeuta, poderia exigir distância e até reverência por parte dos seus discípulos, pois eles o consideravam o filho do Deus altíssimo. Entretanto, fazia questão de quebrar todas as barreiras e todas as distâncias entre eles. Cristo queria que as relações com seus discípulos fossem regadas a empatia, confiabilidade e proximidade.

Procurando amigos, e não servos

Tanto o mais desprezado súdito como o mais poderoso rei podem padecer de solidão. O primeiro porque é rejeitado por todos, o segundo porque é supervalorizado por todos e, conseqüentemente, ninguém se aproxima dele com naturalidade e espontaneidade. Cristo era tanto drasticamente rejeitado como profundamente admirado. Todavia, as duas posições não o agradavam. Muitos amam o trono, amam o ribombar dos aplausos, mas Cristo era diferente. No fim de sua vida, no ápice do seu relacionamento com os discípulos, ele os retirou da condição de servos e os colocou na posição de amigos. Parecia que estava querendo vaciná-los contra um relacionamento impessoal, distante, que permeava a relação do povo de Israel com Deus, expressa nos livros de Moisés e dos profetas.

Certa vez, Cristo disse que muitos o honravam com a boca, mas tinham o coração longe dele⁸¹. Parecia dizer que toda aquela forma distante de honrá-lo, adorá-lo e supervalorizá-lo não o agradava, pois não era íntima e aberta.

Cristo se preocupava com que as relações entre seus discípulos fossem próximas fisicamente e, ao mesmo tempo, distantes interiormente. Sua preocupação era legítima e fundamentada. Sabia que seria facilmente superadmirado e, desse modo, as pessoas se tornariam distantes dele, perderiam o contato direto, aberto, simples e prazeroso com ele. De fato, isto ocorreu bastante ao longo história. Julgando tributo a Cristo, até fizeram guerra em seu nome. Isto ocorreu em muitas gerações e ainda ocorre hoje. Na Irlanda do Norte, católicos e protestantes viveram por muitos anos numa praça de guerra, travando conflitos sangrentos. Como é possível fazer guerra em nome daquele que dava a outra face, que era o exemplo mais vivo da antiviolença e da tolerância? Muitos discursaram sobre ele e o admiraram como um grande personagem, mas se afastaram das suas características fundamentais.

João, o discípulo, foi um amigo íntimo de Cristo. Ele teve o prazer e o aconchego da sua amizade. O desejo do mestre em ter amigos o marcou tanto que, mesmo quando velho, ele não se esqueceu de registrar em seu evangelho os três momentos em que Cristo chama seus discípulos de amigos⁸². Muitos dos que o seguiram ao longo das gerações não enxergaram essa característica. Eles não compreenderam que Cristo procurava mais do que servos, mais do que admiradores, mais do que homens prostrados aos seus pés, mas amigos que amassem a vida e se relacionassem intimamente com ele.

Vivendo com prazer: jantares, festas e convívio social

Engana-se quem acha que Cristo tinha uma vida enclausurada, fechada, tímida e triste. Ele era totalmente sociável. Contudo, em alguns momentos, sentia necessidade de se isolar socialmente. Mas isto só ocorria quando tinha necessidade íntima de meditar.

Quem não tem estes momentos aprisiona a sua emoção e não supera a solidão intrapsíquica. Uma das mais belas aventuras que homem pode empreender é velejar dentro de si mesmo e explorar seus territórios mais ocultos. Cristo era um caminhante nas trajetórias do seu próprio ser. Tinha prolongados momentos de reflexão, meditação e oração⁸³. É difícil a psicologia emitir opinião sobre o que ocorria com ele nesse momento, mas, provavelmente, havia um reencontro consigo mesmo, com o Pai que ele expressava estar em seu interior, com sua história, com seu propósito transcendental. Nesse momento ele restabelecia suas forças e refazia suas energias para enfrentar as enormes turbulências da vida⁸⁴.

Afora seus momentos de interiorização e meditação, ele estava sempre procurando convívio social. Já analisei muitas pessoas sociáveis e posso garantir que Cristo foi uma das mais sociáveis que já estudei. Tinha prazer de conviver com as pessoas. Estava sempre mudando de ambiente a fim de estabelecer novos contatos⁸⁵. Frequentemente tomava a iniciativa de dialogar com as pessoas. Deixava-as curiosas e prendia a atenção delas. Gostava de dialogar com todas as pessoas, até as menos recomendadas, as mais imorais. Fazia questão de procurá-las e estabelecer um relacionamento com elas⁸⁶. Por isso, escandalizava os religiosos da sua época, o que comprometia sua reputação diante do centro religioso de Jerusalém. Porém o prazer que sentia ao se relacionar com o ser humano era superior às conseqüências da sua atitude, da má fama que adquiria, para a qual ele, aliás, não dava importância; o que importava era ser fiel à sua própria consciência.

Ele não rejeitava nenhum convite para jantar. Fazia suas refeições até na casa de leprosos. Havia uma pessoa chamada Simão que tinha lepra, conhecida hoje como hanseníase. O portador dessa doença naquela época era muito discriminado, pois muitos deles ficavam com os corpos mutilados e eram obrigados a viver fora da sociedade.

Simão era tão rejeitado em sua época que era identificado por um nome pejorativo, “Simão, o Leproso”. Porém, como Cristo abolia qualquer tipo de preconceito, fez amizade com Simão. Nos últimos dias de sua vida, ele estava em sua casa, junto à mesa, provavelmente fazendo uma refeição⁸⁷. Se Cristo tivesse vivido nos dias de hoje, não tenham dúvida de que seria amigo dos portadores do vírus da AIDS. Sua delicadeza para incluir e cuidar das pessoas excluídas socialmente representava um belo retrato de sua elevada humanidade.

Embora os fariseus tivessem preconceito contra Cristo, o mesmo não ocorria por parte de Cristo. Ele, se convidado, jantava na casa dos fariseus, mesmo que fossem seus críticos⁸⁸.

Cristo tinha uma característica que se destaca claramente em todas as suas biografias, mas que muitos não conseguem enxergar. Era tão sociável que participava continuamente de festas. Participou da festa em Caná da Galiléia, da festa da Páscoa, do tabernáculo e muitas outras.

Cristo se regalava quando estava à mesa. Estendia seus braços folgadoamente sobre ela, o que indica que não tinha muitas formalidades, procurando sempre a espontaneidade⁸⁹.

Naquela época, não havia restaurantes, mas se ele tivesse vivido nos dias de hoje, certamente teria visitado muitos deles com seus amigos, e aproveitaria os ambientes descontraídos que as refeições propiciam para proferir algumas das suas mais importantes palavras. De fato, ele proferiu alguns dos seus mais importantes pensamentos e teve alguns dos seus mais relevantes gestos, não nas sinagogas judias, mas junto a uma mesa.

Cristo se misturava tanto com as pessoas e apreciava tanto jantar e conviver com elas que recebeu uma fama inusitada de “glutão” e bebedor de vinho⁹⁰. Ele até mesmo comentou sobre essa fama que tinha recebido. Disse que seu precursor, João Batista, comera mel silvestre e gafanhotos e recebera a fama de ser estranho, um louco, alguém que vive fora do convívio social. Agora, tinha vindo o “filho do homem”, que sentia prazer em comer e conviver com as pessoas, e, devido a esse comportamento tão sociável e singelo, acabou recebendo a fama de glutão. Uma fama injusta, mas que era reflexo da sua exímia capacidade de se relacionar socialmente. Cristo era um excelente apreciador de comida. Gostava inclusive de prepará-las⁹¹.

Embora injusta, fico particularmente contente com a sua fama de glutão. Não me alegraria se ele tivesse recebido a fama de ser uma pessoa socialmente estranha, fechada, enclausurada. Ele não seria tão acessível e atraente se as pessoas tivessem de fazer sinais de reverência, mudar seu tom de voz e modificar seus comportamentos para se achegar a ele.

Cristo era simples e sem formalidades, por isso envolvia qualquer tipo de pessoa em qualquer de ambiente. Muitos não conseguem nem sabem como fazer amigos, mas o mestre de Nazaré era um especialista em construir relações sociais saudáveis. Ele atraía os homens para si e os transformava em seus amigos íntimos pelas ricas características de sua personalidade, principalmente sua amabilidade, sociabilidade e inteligência instigante.

As relações sociais têm sido pautadas pela frieza e pela impessoalidade. Todos temos necessidade de construir relacionamentos sem maquiagens, abertos e desprovidos de interesses ocultos. Temos uma necessidade vital de superar a solidão. Todavia, o prazer pelo diálogo está morrendo. A indústria do entretenimento nos aprisionou dentro de nossas próprias casas, dentro dos nossos escritórios. Estamos ilhados no videocassete, na TV e nos computadores. Nunca houve uma geração como a nossa, que teve tanto acesso a diversas formas de entretenimento, todavia conhece como nenhuma outra a solidão, a ansiedade e a insatisfação.

Preservando a unidade

Uma das características mais marcantes do ensinamento de Cristo era a meta da unidade entre seus discípulos. Antes da sua morte, num momento em que estava emocionalmente triste por deixá-los, fez um ardente pedido. Uma pessoa, quando está se despedindo da vida, revela os segredos do seu coração. Nesse momento, nada mais há para ocultar, tudo o que está represado clandestinamente nos pensamentos vem à tona.

O que estava represado dentro de Cristo e veio à tona logo antes de ele morrer? Vieram pelo menos quatro desejos extremamente sofisticados: a) A criação de um relacionamento interpessoal aberto e íntimo capaz de produzir amigos genuínos e de superar as raízes da solidão; b) A preservação da unidade entre os discípulos; c) A criação de uma esfera sublime de amor; d) A produção de um relacionamento sem competição predatória e individualismo. Como já abordei o primeiro tópico, comentarei a seguir os demais.

Cristo não queria que seus discípulos estivessem sempre juntos no mesmo espaço físico, mas no mesmo sentimento, na mesma disposição intelectual, na mesma meta. Ambicionava uma unidade que todas as ideologias políticas sonharam e jamais conseguiram. Uma unidade que toda empresa, equipe esportiva, universidade e sociedade almejam, mas nunca conseguiram. Almejava que fossem unidos na essência intrínseca do ser deles.

A unidade que Cristo proclamava eloqüentemente não anulava a identidade, a personalidade. As pessoas apenas sofreriam um processo de transformação interior que subsidiaria uma unidade tão elevada que estancaria o individualismo e sobreviveria a todas as suas diferenças. Juntas, unidas, elas desenvolveriam as funções nobres da inteligência. Cada pessoa continuaria sendo um ser complexo, com características particulares, mas na essência intrínseca elas seriam uma. Nesta unidade cooperariam mutuamente, serviriam umas às outras, se tornariam sábias e levariam a cabo o cumprimento do propósito do seu mestre.

Para preservar a unidade proposta por Cristo, as disputas e as discriminações deveriam ser abortadas. Além disso, para preservá-la seria necessário aprender a sofrer perdas em prol dela. Nenhuma unidade sobrevive sem que as pessoas que a procuram estejam dispostas a sofrer determinadas perdas para sustentá-la. Até porque não é possível haver relações humanas sem haver também decepções. Portanto, para que a unidade tivesse raízes, era necessário trabalhar as perdas e as frustrações e apreciar as metas coletivas acima das individuais

Excluir, discriminar, dividir, romper são habilidades intelectuais fáceis de se aprender. Uma criança de cinco anos de idade já tem todas essas habilidades em sua personalidade. Porém incluir, cooperar, considerar as necessidades do outro e preservar a unidade exige maturidade da inteligência, exige compreender que o mundo não deve girar em torno de si mesmo, exige desenvolver um paladar emocional refinado, no qual se tenha prazer em se doar para o outro.

O individualismo é um fenômeno intelectual espontâneo e não exige esforço para alcançá-lo. Além disso, ele não gera um prazer tão rico como o prazer coletivo, quando se está entre amigos, quando a unidade é cristalizada. Quem preserva a unidade se torna especial por dentro e comum por fora. Quem ama o individualismo se torna especial por fora, mas superficial por dentro.

Na unidade proposta por Cristo os discípulos conquistam uma esfera afetiva tão sofisticada que recebem o nome de irmãos. É muito estranho aplicar essa palavra “irmãos” a pessoas que não participam dos mesmos laços genéticos ou da mesma história familiar desde a mais tenra infância. Pois bem, o clima produzido entre os discípulos de Cristo era irrigado com um amor tão elevado e difícil de ser explicado que os tornavam membros de uma família. Uma família que está além dos limites dos laços genéticos, que é não um mero grupo social reunido, mas que possui a mesma história interior, na qual cada membro torce pelo outro e contribui para promover seu crescimento interior.

Aqueles homens que nunca pensaram em se doar pelos estranhos e que eram tão individualistas passaram a se chamar carinhosamente de irmãos. Pedro, que era inicialmente tão rude em sua personalidade, chamou a Paulo de amado irmão em sua segunda epístola. Eles aprenderam pouco a pouco a superar as dificuldades e preservar a unidade, que é como um canteiro cultivado pela prática do amor transcendental, que comentarei nos próximos textos.

Uma das maiores falhas dos milhões de pessoas que seguiram Cristo ao longo dos séculos foi não caminhar nas avenidas da unidade que ele desejava, deixando-se ser subjugadas pelas diferenças, pelos problemas, pelas disputas.

Cristo, enquanto estava com seus discípulos, ensinou-lhes a superar o medo, as dores, a investir em sabedoria, a desenvolver a arte de pensar e muitas outras funções ricas da inteligência. Agora eles tinham subsídios para caminhar pelas avenidas da unidade, bastaria que trafegassem por elas.

As necessidades universais do homem e a arte de amar

De todas as características da escola de Cristo, a do amor é a mais elevada e a mais nobre e, ao contrário do que possamos pensar, é uma das mais difíceis de se compreender, pois ultrapassa os limites da razão lógica. Amar uns aos outros era um princípio fundamental. Estamos acostumados com a cultura cristã e por isso não ficamos intrigados com essas palavras. Do ponto de vista psicológico, amar uns aos outros é uma exigência poética e bela, mas, ao mesmo tempo, altíssima e difícil de ser alcançada.

Freud, na teoria da psicanálise*, deu ênfase à sexualidade. O instinto sexual e os conflitos gerados por ele estão no cerne de muitos textos psicanalíticos. Não há dúvida de que determinados conflitos sexuais estão na base de algumas doenças psíquicas. Contudo, a tese freudiana de que todos os fenômenos inconscientes se explicam por experiências infantis ligadas à libido (energia sexual) é limitada e inaceitável. Temos que considerar o ser humano além dos limites da sexualidade, além dos limites dualistas da relação homem-mulher, e o compreendermos na sua totalidade, de forma a podermos ir ao encontro de suas necessidades universais.

O que mais somos em grande parte do nosso tempo? Homens ou mulheres, machos ou fêmeas? Se estudarmos a construção da inteligência e as necessidades psíquicas fundamentais, constataremos que na maior parte de nosso tempo (provavelmente noventa por cento) não somos nem machos nem fêmeas, homens ou mulheres, mas apenas seres humanos, que possuem necessidades universais.

Quais são essas necessidades universais? Necessidades de prazer, de entretenimento, de sonhar, de ter sentido existencial, de superar as angústias existenciais, de transcender os estresses psicossociais, de superar a solidão, de desenvolver a criatividade, de trabalhar, de atingir objetivos, de alimentar-se, de repor as energias durante o sono, de amar e também de satisfação sexual. Quando procuramos evidenciar excessivamente nossa masculinidade ou feminilidade, provavelmente está havendo comprometimento da sanidade psíquica.

Amar é provavelmente a necessidade universal mais sublime e mais difícil de ser atendida. Os romancistas discursaram sobre o amor, os poetas o proclamaram, mas na prática não é fácil conquistá-lo.

Cristo discursava sobre um amor estonteante, um amor que gera uma fonte de prazer e de sentido existencial. Aquele simples homem de Nazaré, que teve tantas dificuldades na vida, que sofreu desde a infância e, quando adulto, não tinha onde reclinar a sua cabeça, não apenas destilou sabedoria da sua dor e extraiu poesia da sua miséria, mas ainda achou fôlego para falar de um amor arrebatador: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei..”92.

Na sua última ida a Jerusalém, logo antes da crucificação, ele sofreu intensa perseguição por parte dos herodianos, dos fariseus e dos saduceus, que faziam parte de partidos religiosos. Todos procuravam testá-lo para fazê-lo cair em alguma contradição. Esperavam que Cristo dissesse alguma heresia contra as tradições judaicas ou que dissesse algo que fosse contra o regime de Roma. Todavia, ele silenciava a todos com sua inteligência. Apesar de silenciá-los e de provocar grande admiração nesses opositores, tinha consciência de que logo iria morrer. Era só uma questão de tempo e ele seria apanhado longe da multidão, por isso ele discorria sem rodeios sobre seu julgamento e sobre as dores que iria padecer.

O clima era ameaçador, capaz de tirar o sono de qualquer um. A cúpula judaica já havia armado diversos esquemas para prendê-lo e matá-lo. Do ponto de vista lógico, não havia espaço para Cristo se preocupar com outra coisa a não ser com a sua própria segurança. Entretanto, apesar da tensão exterior, ele não se deixava perturbar. O mundo à sua volta estava agitado, mas ele se mostrava tranqüilo e ainda tinha tempo para discorrer com seus íntimos sobre um amor transcendental, um amor que lança fora todo medo. Como é possível alguém que está rodeado de ódio discursar sobre o amor?

Cristo estava para ser eliminado da terra dos vivos, todavia ainda cuidava carinhosamente daqueles galileus que tantas vezes o decepcionaram. Preparava-os para serem fortes e unidos, em detrimento do drama que ele atravessaria. Equipava-os para que aprendessem a arte de amar.

Ele discursava sobre um amor difícil de ser investigado, que está muito além dos limites da sexualidade, dos interesses particulares. Um amor que se doa e que se preocupa mais com os outros do que consigo mesmo.

O mais alto patamar de amor, tolerância e respeito humanos

Coloque dez alunos numa universidade. Durante três anos e meio, que foi o tempo que Cristo esteve com seus discípulos, tente ensiná-los a se amarem uns aos outros. Dê palestras, promova debates e conduza esses alunos a lerem todo tipo de literatura sobre o amor. Veja o resultado. Provavelmente, no final desse período, eles não estarão se amando, mas guerreando uns com os outros, discutindo quem tem mais conhecimento sobre o amor, quem discorre melhor sobre ele. Serão mestres no discurso sobre o tema “amor”, mas dificilmente aprenderão a mais difícil de todas as artes, a de amar. Aprendê-la exige mais do que cultura e eloquência.

Cristo tinha uma meta tão elevada sobre o amor, que tanto seu discurso como suas atitudes ultrapassavam os limites da lógica psicológica. Certa vez, disse: “Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, Vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem... Se amardes os que vos amam, que recompensa tendes?” 93. Com essas palavras, Cristo atingiu os limites mais altos e, ao mesmo tempo, mais impensáveis do amor, da tolerância e do respeito humano.

Como é possível amar os inimigos? Quem tem estrutura emocional para isso? Como é possível amar alguém que nos frustrou, nos decepcionou, falou injustamente contra nós? Algumas pessoas nem conseguem amar a si mesmas, pois não têm o mínimo de auto-estima, vivem se destruindo com sentimento de culpa e inferioridade. Outras amam seus amigos, mas com uma emoção frágil e sem raízes, pois, ao mínimo sinal de frustração, elas os excluem de suas vidas. Outras ainda têm uma emoção mais rica e estável e constroem amizades duradouras que suportam os invernos existenciais. Todavia, são incapazes de amar alguém além do seu círculo de amigos, por isso são exclusivistas, não aceitam intrusos em seu grupo social.

Se não poucas vezes nosso amor é condicional, instável e exclusivista, como é possível amar os inimigos? Nenhum humanista chegou a tal ambição. Provavelmente ninguém que proclamou a necessidade de preservar os direitos humanos foi tão longe como Cristo, estabeleceu um padrão de relacionamento tão alto como o que ele propôs.

Devido ao adensamento populacional na atualidade, bem como à competitividade, ao individualismo e ao superficialismo nas relações socioprofissionais, é mais fácil fazer “inimigos” do que amigos. Não inimigos que querem nos destruir, mas que nos decepcionam, que nos frustram, que nos criticam justa ou injustamente, que falam por detrás, que não correspondem às nossas expectativas.

Somente uma pessoa que é apaixonada pela vida e pelo ser humano e, além disso, é tranqüila e segura, supera com dignidade as frustrações sociais e gerencia com exímia habilidade seus pensamentos nos focos de tensão. Somente ela pode viver o padrão proposto por Cristo, pode ser livre em sua emoção, pode ter possibilidades de amar as pessoas que a aborrecem. Nem a psiquiatria moderna sonhou com um ser humano com um padrão tão alto em sua personalidade.

Se tivéssemos a capacidade de amar as pessoas que nos frustram, prestaríamos um grande favor a nós mesmos. Deixaríamos de ficar angustiados por elas e as veríamos sob outra perspectiva, não mais como inimigas. Diminuiríamos os níveis de estresses e evitaríamos alguns sintomas psicossomáticos. O diálogo, o respeito, a afetividade e a solidariedade floresceriam como num jardim. A compreensão do comportamento do outro seria mais nobre. Que técnicas de psicologia poderiam nos arrebatam para tal qualidade de vida se, freqüentemente, queremos que o mundo gravite primeiro em torno de nossas necessidades, para depois considerarmos a necessidade dos outros?

As limitações da emoção humana

Muitos pais passam a vida inteira ensinando seus filhos a seguir as trajetórias do amor, a cultivar uma rica afetividade entre eles, e o resultado não poucas vezes é o desamor, a disputa e a agressividade. Não é fácil ensinar o caminho do amor, pois ele está além da mera aquisição de ensinamentos éticos e de regras comportamentais.

Os discípulos de Cristo, quando ele os chamou, comportavam-se como qualquer ser humano: discutiam, se irritavam e viviam apenas para satisfazer suas necessidades. Todavia, o mestre queria que eles reescrevessem paulatinamente suas histórias, uma história sem disputas, sem discriminação, sem agressividade, uma história de amor.

Cristo tinha metas ousadíssimas, mas ele só propunha aquilo que vivenciava. Ele amou o ser humano incondicionalmente. Foi dócil, gentil e tolerante com seus mais ardentes opositores. Amou quem não o amava e se doou para quem o aborrecia. O amor era a base da sua motivação para aliviar a dor do outro. Quem possui uma emoção tão despreendida?

As grandes empresas de todo o mundo têm respeitáveis equipes de recursos humanos que procuram treinar continuamente seus funcionários para que possam aprender a ter melhor desempenho intelectual, criatividade e espírito de equipe. Os resultados nem sempre são os desejados. Porém o propósito de Cristo, além de incluir o espírito de equipe e o desenvolvimento da arte de pensar, requeria a criação de uma esfera de amor mútuo.

Ninguém consegue preservar qualquer forma de prazer nos mesmos níveis por muito tempo. Ao longo dos anos, devido ao processo de psicoadaptação, o amor diminui invariavelmente de intensidade e, se houver sucesso, será possível substituí-lo paulatinamente pela amizade e pelo companheirismo.

A psicoadaptação é um fenômeno inconsciente que faz diminuir a intensidade da dor ou do prazer ao longo da exposição de um mesmo estímulo. Uma pessoa, ao colocar um quadro de pintura na parede, o observa e o contempla por alguns dias, todavia, com o decorrer do tempo, ela se psicoadapta à sua imagem e pouco a pouco se sente menos atraída por ele. Uma pessoa, ao comprar um veículo, depois de alguns meses entra dentro dele como entra no banheiro de sua casa, ou seja, não tem mais o mesmo prazer que tinha quando o adquiriu, pois se psicoadaptou a ele. Quando sofremos uma ofensa, no começo ela nos perturba, mas com o decorrer do tempo nos psicoadaptamos e pouco sofremos com ela. O mesmo pode ocorrer com a afetividade nas relações humanas. Com o passar do tempo, se o amor não for cultivado, nos adaptamos uns aos outros e deixamos de amar.

A energia emocional não é estática, mas dinâmica. Ela se organiza, se desorganiza e se reorganiza num fluxo vital contínuo e ininterrupto. Nossa capacidade de amar é limitada. Amamos com um amor condicional e sem estabilidade. As frustrações, as dores da existência, as preocupações cotidianas sufocam os lampejos de amor que possuímos. Portanto, o segredo do limitado amor humano nem sempre está em conquistá-lo, mas em cultivá-lo.

Apesar de todas as limitações da emoção em criar, viver e cultivar uma esfera de amor, amar é uma das necessidades vitais da existência.

Quem ama vive a vida intensamente.

Quem ama extrai sabedoria do caos.

Quem ama tem prazer em se doar.

Quem ama aprecia a tolerância.

Quem ama não conhece a solidão.

Quem ama supera as dores da existência.

Quem ama produz um oásis no deserto.

Quem ama não envelhece, ainda que o tempo sulque o rosto.

O amor transforma miseráveis em ricos.

A ausência do amor transforma ricos em miseráveis.

O amor é uma fonte de saúde psíquica.

O amor é a expressão máxima do prazer e do sentido

[existencial.

O amor é a experiência mais bela, poética e ilógica da vida.

Cristo discursava sobre a revolução do amor...

Um lugar de destaque para as mulheres na escola da existência

No projeto de Cristo não havia lugares só para os homens, os apóstolos e líderes masculinos, embora a sociedade da época supervalorizasse o homem. Nele, as mulheres tiveram um destaque fundamental. Elas sempre aprenderam com mais facilidade a linguagem do amor do que os homens. Aliás, os gestos mais sublimes para com Cristo foram produzidos pelas mulheres, das quais destacarei duas.

Uma delas foi Maria, irmã de Lázaro, um dos amigos de Cristo. Ela tinha um frasco de alabastro contendo um precioso perfume⁹⁴. Aquele perfume era caríssimo, talvez a maior preciosidade que ela possuísse. Maria amava muito o seu mestre. Foi tão cativada por ele e por suas palavras incomuns que não sabia como expressar sua gratidão. Além disso, estava muito entristecida porque, diferente dos discípulos, tinha entendido que Cristo estava próximo de sua morte. Diante de tanto amor e de tanta dor, ela teve um gesto inusitado: deu-lhe o que tinha de mais caro. Quebrou o vaso de alabastro e derramou seu perfume sobre a cabeça de Cristo, preparando-o para sua morte, pois os antigos perfumavam os cadáveres.

Alguns discípulos consideraram sua atitude um desperdício. Entretanto, para ela, aquilo não era um desperdício, era muito pouco perto do amor que sentia por ele, perto da dor da sua partida. Cristo entendeu a dimensão do seu gesto e ficou tão comovido que expressou que onde as suas palavras fossem propagadas, o seu gesto seria divulgado para a memória dela⁹⁵. O gesto daquela mulher foi um memorial de amor, que chegou até os dias de hoje.

Uma outra mulher fez um gesto sublime para com Cristo. Ela não tinha recursos financeiros nem tinha um perfume tão caro para aspergir sobre ele. Todavia, possuía um outro líquido não menos precioso: suas lágrimas. Essa mulher era desprezada socialmente e reprovada moralmente, porém Cristo havia passado por ela e transformado a sua vida. Vejamos essa história.

Cristo foi convidado para participar da refeição na casa de um fariseu. De repente, entrou uma mulher chorando e derramando lágrimas sobre os pés de Cristo. E como não dispunha de toalha, ela, constrangida, os enxugou com seus próprios cabelos⁹⁶.

Cristo nunca exigiu que as pessoas se dobrassem aos seus pés, entretanto, muitos o fizeram. Os ditadores sempre usaram a força para conseguir tal reverência. Porém as que se dobravam aos pés de Cristo não o faziam por medo ou pressão, mas por amor. Elas se sentiam tão compreendidas, amadas, perdoadas e incluídas que eram atraídas por ele.

Aquela mulher era famosa por sua imoralidade. O fariseu, anfitrião, conhecia a história dela. Quando ela chorou aos pés de Cristo, ele começou a criticar os dois em seus pensamentos. Para aquele fariseu moralista e rígido, o gesto dela era um escândalo e a atitude complacente de Cristo era inadmissível. Não concebia que alguém que tivesse dignidade se misturasse com aquele tipo de gente.

O fariseu era ótimo para julgar, mas seu julgamento era superficial, pois não conseguia perceber os sentimentos mais profundos do ser humano, não conseguia compreender que as lágrimas daquela mulher não expressavam um choro comum, mas eram resultado de uma profunda reflexão de vida. As palavras de Cristo tinham mudado o seu viver. Ela aprendeu a amá-lo profundamente e havia encontrado um novo sentido para a sua vida, por isso, sem pedir licença, invadiu a casa daquele fariseu e debruçou-se sobre os pés do seu mestre. Não se importou com o julgamento que fariam dela.

Cristo ficou tão comovido com o gesto daquela mulher que ele, mesmo estando em situação delicada por ter tantos opositores, também não se importou em desgastar mais uma vez a sua imagem social. Aquela cena era comprometedor, poderia gerar más interpretações. Qualquer um que se preocupasse com a sua imagem social ficaria incomodado pela maneira como aquela mulher entrou e pelos gestos que fez. Todavia, para aquele mestre afetivo, os sentimentos dela eram mais importantes do que o que outros pudessem pensar e falar dele.

Cristo não lhe fez perguntas, não indagou sobre seus erros, não questionou sua história, apenas compreendeu e a tratou gentilmente. Após esse tratamento, o mestre da escola da existência se virou para o fariseu, provocou a sua inteligência e abalou os alicerces do seu juízo e de sua moralidade superficial com uma história. Ele discorreu sobre duas pessoas que possuíam dívidas. Uma era aquela mulher e a outra era o próprio fariseu. As duas tiveram suas dívidas perdoadas. Cristo o levou a concluir que aquela mulher, por ter consciência de que sua dívida era maior, tinha valorizado mais o perdão, ficando mais aliviada e amado mais aquele que a perdoara.

Com essa história, Cristo levou aquele crítico fariseu a compreender que, pelo fato de aquela mulher ter feito uma profunda revisão de sua história, ela havia aprendido a amar mais do que ele que se considerava justo. Por meio dessa história, também levou-o a pensar que ele, embora conhecesse toda a lei judaica e se gabasse da sua justiça e moralidade, era infeliz, vazio e tinha uma vida teatral, pois não conseguia amar. Assim, ele demonstrou que onde a auto-suficiência e a arrogância imperam, o amor não consegue ser cultivado. E, por outro lado, onde impera a humildade e uma revisão sem medo e sem preconceito da história de vida, o amor floresce como num jardim. O orgulho e o amor nunca florescem no mesmo território.

As duas mulheres, com seus gestos delicados, surpreenderam aquele mestre que vivia surpreendendo todas as pessoas. Esses gestos evidenciam que, quando as mulheres entram em cena, conseguem ser mais sublimes do que os homens. Elas sempre foram mais rápidas para compreender e incorporar a linguagem sofisticada do amor do mestre dos mestres. O amor sempre gerou gestos mais nobres e mais profundos do que o poder e a justiça moralista masculina...

O amor e o perdão

Cristo propunha que seus discípulos perdoassem uns aos outros, que se libertassem dos seus sentimentos de culpa e que tivessem uma vida emocional suave, tranqüila, que só uma pessoa que perdoa tanto aos outros como a si mesma pode ter. A psicologia de Cristo era profunda, o amor e o perdão se entrelaçavam. Era de fato uma psicologia transformadora, e não reformadora e moralista. Ele dizia que tinha vindo para perdoar, para aliviar o peso da existência e tornar a vida mais complacente, tolerante e emocionalmente serena. Encorajava os seus discípulos a observarem a vida dele e a tomá-la como modelo existencial. Por isso, dizia: “Aprende de mim, pois sou manso e humilde de coração”⁹⁷.

Cristo desejava aliviar a emoção do peso das mágoas, dos rancores, dos complexos de inferioridade, dos sentimentos de culpa e da autopunição. Apesar de ter todos os motivos para ser rígido e até julgar as pessoas, nele só havia espaço para o perdão, que não é um sinal de fraqueza, mas de grandeza emocional. Perdoar é expressar a arte de amar.

Na escola da existência de Cristo, perdoar uns aos outros é um princípio fundamental. Perdoar alivia tanto os sentimentos de culpa como as mágoas. O sentimento de culpa fere a emoção. A mágoa corrói a tranqüilidade.

A proposta de Cristo do perdão é libertadora. A maior vingança contra um inimigo é perdoá-lo. Ao perdoá-lo, nos livramos dele, pois ele deixa de ser nosso inimigo. O maior favor que fazemos a um inimigo é odiá-lo ou nos sentirmos magoados com ele. O ódio e a mágoa cultivam os inimigos dentro de nós.

Cristo viveu a arte do perdão. Perdoou quando rejeitado, quando ofendido, quando incompreendido, quando ferido, quando zombado, quando injustiçado, perdoou até quando estava morrendo na cruz. No ápice da sua dor disse: “Pai, perdoa-os, pois eles não sabem o que fazem...”⁹⁸. Esse procedimento tornou a trajetória de Cristo livre e suave.

É muito difícil viver com tranqüilidade nas relações sociais, pois facilmente nos frustramos com os outros. É mais fácil conviver com mil animais do que com dois seres humanos. Às vezes, nossas mais amargas frustrações provêm não dos estranhos, mas das pessoas mais íntimas.

Apesar de rodeado de inimigos e de ter discípulos que freqüentemente o decepcionavam, o mestre da escola da existência conseguia viver tranqüilo. A arte do perdão era um dos seus segredos. O exercício dessa arte o fazia não gravitar em torno dos outros, não esperar o retorno deles quando ele se doava. Não que não esperasse nada dos seus discípulos, pelo contrário, propunha metas elevadíssimas para eles. Todavia, tinha plena consciência de que elas não poderiam ser conquistadas por pressão, cobranças e nem em pouco tempo. Ele esperava que, paulatinamente, seus discípulos fossem transformados interiormente de maneira livre e espontânea.

Por amar o ser humano e exercitar continuamente a arte do perdão, Cristo preparava terreno para transcender, superar qualquer tipo de frustração com qualquer tipo de pessoa. Nem a vexatória negação de Pedro o fez desanimar.

Pedro andou muito tempo com seu mestre, presenciou gestos e ouviu palavras incomuns. Todavia, ele o negou por três vezes e diante de pessoas humildes, diante dos servos dos sacerdotes. Enquanto Pedro o negava pela terceira vez, Cristo, apesar de estar sendo espancado e injuriado, se virou para ele e o alcançou com um olhar... Um olhar acolhedor, não julgador.

Cristo estava preso e sendo ferido, enquanto Pedro estava livre no pátio, vindo de longe seu mestre ser agredido. O Cristo preso e ferido teve tempo para acolher o Pedro livre no pátio. Quem estava preso, Cristo ou Pedro? Pedro estava preso e Cristo estava livre. Pedro estava livre exteriormente, mas preso interiormente, pelo medo e pela insegurança. Cristo estava preso exteriormente, mas livre interiormente, em seus pensamentos e emoções, em seu espírito.

Pedro não pediu perdão ao seu mestre, mas o olhar acolhedor e consolador dele já o estava perdoando no momento em que ele o negava pela terceira vez. Cristo, com o seu olhar penetrante parecia dizer eloqüentemente a ele: “Pedro, você pode desistir de mim, pode negar tudo o que viveu comigo, mas não tem problema, eu ainda te amo, não desisto de você...”. Diante disso, Pedro caiu em si e se retirou para chorar. Aquele homem forte e rude, que dificilmente derramava lágrimas, começou a aprender a chorar e a ser sensível. Chorou intensa e amargamente. Enquanto chorava, ele provavelmente repensava seu comportamento e a sua história, meditava sobre o olhar profundo de Cristo, refletia sobre os pensamentos dele e, talvez, comparava sua pobre e limitada emoção, subjugada pelo medo e pela insegurança, com o amor incondicional do seu mestre.

Todos nós gostamos de criticar, julgar e condenar as pessoas que nos cercam e até aquelas que estão longe do nosso convívio. Cristo tinha todos os motivos para julgar, mas não o fazia nem condenava; ele acolhia, incluía, valorizava, consolava e encorajava.

Pedro disse que, ainda que todos negassem a Cristo, ele não o negaria e, se necessário, até morreria com ele. Foi muito grave o erro de Pedro que negou, ainda que por momentos, a Cristo e a história que teve com ele. Além disso, por negá-lo, foi infiel à sua própria consciência. Contudo, Cristo não o condenou, não o questionou, não o criticou, não o reprovou, apenas o acolheu. Cristo o conhecia mais do que o próprio Pedro. Ele previu seu comportamento. Sua previsão não era uma condenação, mas um acolhimento, um sinal de que não desistiria de Pedro em qualquer situação, um indício de que o amor que sentia por ele estava acima do retorno que poderia receber, acima dos seus gestos e atitudes.

Certa vez, Cristo disse que toda pessoa que viesse até ele não seria lançado fora, não importasse a sua história nem seus erros. Ele via os erros não como objeto de punição, mas como uma possibilidade de transformação interior.

A prática do perdão de Cristo era fruto da sua capacidade incontida de amar. Através dessa prática, todos tinham contínuas oportunidades de revisar a sua história e crescer diante dos seus erros. O amor de Cristo é singular, ninguém jamais pode explicá-lo...

O beijo de Judas Iscariotes e a amabilidade como Cristo trata seu traidor

Antes de Cristo ser julgado, várias tentativas tinham sido feitas para prendê-lo, todas sem sucesso. Numa delas, os sacerdotes e os fariseus ficaram indignados com os soldados que voltaram de mãos vazias. Dessa vez, a frustrada tentativa não recaiu sobre o medo da reação da multidão, que não aceitaria a prisão de Cristo, mas porque os soldados ficaram atônitos com as suas palavras. Eles disseram aos sacerdotes que “nunca alguém falou como este homem”¹⁰⁰. Os sacerdotes, indignados com os soldados, os repreenderam e disseram que ninguém da cúpula judaica havia acreditado nele, apenas a “ralé” inculta. O que não era verdade, pois vários sacerdotes e fariseus admiravam e acreditavam em Cristo, mas tinham medo de declarar isso em público.

Apesar de várias tentativas frustradas, chegou o momento de ele ser traído, preso e julgado. Ele impressionou os soldados que o prenderam por se entregar espontaneamente, sem qualquer resistência. Além disso, intercedeu pelos três discípulos que o acompanhavam, pedindo aos guardas que não os prendessem. Assim, no momento em que foi preso, continuou a ter atitudes incomuns; ainda havia disposição nele para cuidar fraternalmente do bem-estar dos seus amigos.

Quando sofremos, só temos disposição para aliviar nossa dor, mas quando ele sofria ainda havia disposição nele para cuidar dos outros. E não apenas isso, na noite em que foi traído, sua amabilidade e gentileza eram tão elevadas que teve reações impensáveis com seu próprio traidor. Vejamos.

Cristo foi traído e preso no jardim do Getsêmani. Era uma noite densa e ele estava orando e esperando esse momento. Então, Judas Iscariotes apareceu com um grande número de guardas. Cristo tinha todos os motivos para repreender, criticar e julgar Judas. Todavia, o registro de Mateus diz que, mesmo nesse momento de profunda frustração, ele foi amável com seu traidor chamando-o de amigo, dando-lhe, assim, mais uma oportunidade para que ele se interiorizasse e repensasse em seu ato.

Judas, nesse momento, fez um falso elogio: “Salve, ‘Mestre’!”, e o beijou. Jesus, porém, lhe disse: “Amigo, para que vieste?”. Aqui há algumas importantes considerações a serem feitas.

O beijo de Judas indica que Cristo era amável demais. Judas, embora estivesse traindo seu mestre, embora o conhecesse pouco, conhecia o suficiente para saber que ele era amável, dócil e tranquilo. Sabia que não seria necessário o uso de nenhuma agressividade, nenhuma emboscada ou armadilha para prendê-lo. Um beijo seria suficiente para que Cristo fosse reconhecido e preso naquela densa noite escura no jardim do Getsêmani.

Qualquer pessoa traída tem reações de ódio e de agressividade. Por isso, para traí-la e prendê-la são necessários métodos agressivos de segurança e contenção. Entretanto, Cristo era diferente. Judas sabia que ele não reagiria, que não usaria qualquer violência e muito menos fugiria daquela situação, portanto bastava um beijo. Em toda história da humanidade, nunca alguém, por ser tão amável, foi traído de maneira tão suave!

Cristo sabia que Judas o trairia e estava aguardando por ele. Quando ele chegou, Cristo, por incrível que pareça, não o criticou nem se irritou com ele. Teve uma reação totalmente diferente do nosso padrão de inteligência. O normal seria ofender o agressor com palavras e gestos ou emudecer diante do medo de ser preso. Porém Cristo não teve essas reações. Ele teve a coragem e o desprendimento de chamar o seu traidor de amigo e a gentileza de levá-lo a se interiorizar e a repensar sua atitude.

Perdemos com facilidade a paciência com as pessoas, mesmo com aquelas que mais amamos. Dificilmente agimos com gentileza e tranquilidade quando alguém nos aborrece e nos irrita, ainda que esse seja nosso filho, aluno, amigo ou colega de trabalho. Desistimos fácil daqueles que nos frustram, decepcionam.

Judas desistiu de Cristo, mas Cristo não desistiu de Judas. Ele deu-lhe até no último minuto uma preciosa oportunidade para que ele reescrevesse sua história.

Que amor é esse que irrigava a emoção de Cristo com mananciais de tranqüilidade num ambiente desesperador? Que amor é esse que o conduzia, mesmo no ápice da sua frustração, a chamar seu traidor de amigo e a estimulá-lo a revisar a sua vida? Nunca, na história, um traidor foi tratado de maneira tão amável e elegante! Nunca o amor chegou a patamares tão elevados e sublimes.

Metas tão ousadas para uma humanidade tão limitada

Cristo falava de um amor estonteante. Um amor que irriga o sentido de vida e o prazer da existência. Um amor que se doa, que vence o medo, que supera as perdas, que transcende as dores, que perdoa.

Ele vivenciou esta história de amor. O amor aplainava suas veredas, fazia-o sentir-se satisfeito, sereno, tranqüilo, seguro, estável, em detrimento dos longos e dramáticos invernos existenciais que vivia.

A uns ele dizia “não chores”, a outros “não temas” e ainda a outros “tendes bom ânimo”. Estava sempre animando, consolando, compreendendo e envolvendo as pessoas e encorajando-as a superar seus temores, desesperos, fragilidades, ansiedades. Cristo demonstrou uma disposição impensável de amar, mesmo no ápice da dor.

Suas palavras e atitudes são como um sonho para as sociedades modernas que mal conseguem escalar alguns degraus da cidadania e do humanismo. Se transportarmos o pensamento de Cristo para a atualidade, podemos inferir que ele queria construir na humanidade uma esfera tão rica afetivamente que o ser humano deixaria de ser um mero nome, “conta bancária”, “título acadêmico”, “número de identidade”, e passaria a ser uma pessoa insubstituível, singular e verdadeiramente amada.

Somente o amor torna as pessoas insubstituíveis, especiais, ainda que não tenham status social ou cometam erros e experimentem fracassos ao longo da vida.

Qualquer mestre deseja que seus discípulos se tornem sábios, tolerantes, criativos e inteligentes. A bela Academia de Platão tinha no máximo essas exigências. As teorias educacionais e psicopedagógicas de hoje têm uma exigência menor ainda, pois não incluem a conquista da tolerância e da sabedoria na sua pauta. Nem o inteligente Piaget colocou tais metas em sua pauta intelectual. Contudo, Cristo foi muito mais longe que a Academia de Platão e que as metas educacionais da modernidade.

Os que seguiam o mestre dos mestres tinham que aprender a não apenas destilar sabedoria nos invernos da vida, percorrer as avenidas da tolerância, e expandir a arte de pensar, mas também aprender a mais nobre de todas as artes, a arte de amar. Ninguém teve metas tão elevadas para uma humanidade tão limitada...

Reciclando a competição predatória

As metas de Cristo não poderiam ser cumpridas se houvesse um clima de competição predatória e individualismo entre seus discípulos. A presença desse clima destruiria completamente a construção da história de amor, da unidade, da sabedoria, da solidariedade que ele propunha. Como Cristo poderia transformar intrinsecamente o homem, se a tendência natural dele é se colocar acima dos outros e querer que o mundo gire primeiramente em torno das suas próprias necessidades? Reverter esse quadro era um dos maiores e mais difíceis desafios de Cristo, que muitos tentaram vencer, mas foram derrotados.

O pensamento de Cristo vira de cabeça para baixo os paradigmas do mundo moderno. Nele não há espaço para a competição predatória. No seu projeto, o individualismo é uma atitude desinteligente. Ele estabelece avenidas de um modelo inovador de relacionamento. Entre seus princípios fundamentais estão aprender a cooperar mutuamente e aprender a se doar sem esperar a contrapartida do retorno.

O capitalismo sobrevive da competição. Sem esse processo, o capitalismo estaria morto. A competição estimula o desempenho intelectual e melhora a qualidade de produtos e serviços. Todavia, quando é predatória, ou seja, quando considera as metas a serem atingidas mais importantes do que o processo utilizado para atingi-las, torna-se desumana e destrutiva. A competição predatória anula os valores altruístas da inteligência, anula a humanidade dos competidores.

Na escola de Cristo não se admite qualquer tipo de competição destrutiva, que anule ou prejudique o outro. Existe uma competição totalmente diferente da que estamos acostumados, uma competição saudável e sublime, ou seja, uma competição para servir os outros, para promover o bem-estar deles, para honrá-los, para cooperar mutuamente, para ser solidário. Podemos dizer que a escola da existência de Cristo é tão admirável que seus princípios são os de uma anticompetição, onde imperam a preservação da unidade e a promoção do crescimento mútuo.

Cristo não eliminava a busca de metas pessoais, a conquista de uma recompensa mais elevada. Ele evidenciava que havia uma recompensa superior para aqueles que atingissem a maturidade interior. As metas continuam existindo, porém os processos para atingi-las são contrários ao que aprendemos.

Aquele que quer ser o maior tem que se fazer menor. Aquele que quer ser grande deve ser o que mais serve. Aquele que quer ter posição privilegiada deve ser o que mais valoriza e honra as pessoas desprezadas. Onde vemos um modelo social como esse? Nem os socialistas, no ápice de seus pensamentos, sonharam com uma sociedade tão solidária.

O ser humano ama ser servido e reconhecido pelos outros. Ama estar acima dos seus pares, aprecia o brilho social. Alguns usam até a prática do “coitadismo” para ter privilégios. Usam a humildade como pretexto, ainda que inconsciente, para que as pessoas gravitem em torno deles pela miséria ou dó que inspiram. A prática do “coitadismo” engessa a inteligência. E quando presente nos pacientes com transtornos psíquicos, dificulta até a resolução de doenças totalmente tratáveis. Por isso, costume dizer que o grande problema não é a doença do doente, mas o doente da doença, ou seja, a atitude frágil do “eu” diante das doenças psíquicas.

Cristo era contra a prática do “coitadismo”. Rejeitava até mesmo qualquer tipo de sentimento de dó que as pessoas tivessem em relação a ele¹⁰¹. Sua humildade e simplicidade eram conscientes. Ele não queria formar homens dignos de dó, mas homens lúcidos, seguros e coerentes¹⁰².

O mestre alarma seus discípulos com procedimentos impensáveis

Cristo agia como um arquiteto de novas relações sociais. Não apenas a solidariedade, a capacidade de se doar, de cooperar mutuamente, de considerar as necessidades do outro deveriam regular as relações humanas, mas também os sentimentos mais nobres da tolerância deveriam regulá-las e até embriagá-las. A tolerância é uma das características mais sofisticadas e difíceis de ser incorporada na personalidade.

É mais fácil adquirir cultura do que aprender a ser tolerante. Uma pessoa tolerante é compreensiva, aberta e paciente. Já a intolerante é rígida, implacável, tanto com os outros como consigo mesma. É prazeroso conviver com uma pessoa tolerante, mas é angustiante conviver com uma pessoa rígida, excessivamente crítica.

No projeto de Cristo, as funções sociais são mantidas. Os políticos, os empresários, os intelectuais, os trabalhadores continuam desenvolvendo suas atividades profissionais. Apesar da preservação das atividades sociais, todos deveriam aprender a despojar-se da necessidade de estar uns acima dos outros, todos deveriam aprender a exercer a cidadania e a solidariedade em seus amplos aspectos. As mudanças que ele propõe são de dentro para fora e não o contrário. Cristo indicava claramente que qualquer mudança exterior sem uma reorganização interior era mera maquiagem social¹⁰³.

O objetivo dele não era reformar a religião judaica. Seu projeto era muito mais ambicioso. Cristo desejava causar uma profunda transformação no cerne da alma humana, uma profunda mudança na maneira de o homem pensar o mundo e a si mesmo.

Como Cristo poderia ensinar lições tão refinadas àquele grupo rude, inculto e intempestivo de jovens galileus? Como poderia ter êxito nessa empreitada se, passados tantos séculos, nós que vivemos em sociedades tão aculturadas, saturadas de universidades e informações, não escalamos os primeiros degraus dessa jornada? É possível falar por anos a fio sobre solidariedade, cidadania, amor ao próximo, capacidade de se doar, e, ainda assim, gerar um grupo de pessoas individualistas, que são incapazes de se colocar no lugar do outro. Vejamos como esse mestre sofisticado agiu.

Certa vez, todos os seus discípulos estavam reunidos conversando. O ambiente parecia comum. Nada de estranho pairava no ar. Então, de repente, Cristo teve mais uma atitude que deixou todos os seus discípulos perplexos. Convém dizer que o fato que relatarei ocorreu no final da sua vida e que ele tinha consciência de que sua morte se aproximava. Então, precisava treinar os seus discípulos para aprender as mais profundas lições da existência.

Aquela altura, Cristo era profundamente exaltado e admirado pelos discípulos. Toda pessoa superadmirada fica muito distante daqueles que a exaltam. Ele tinha grande popularidade, as multidões o seguiam atônitas. Os discípulos, por sua vez, estavam extasiados por seguir um homem tão poderoso, que acreditavam ter nada menos que status de Deus. Os imperadores romanos queriam desesperadamente um pouco desse status e, para tanto, usavam a violência. Cristo adquiriu esse status espontaneamente. Seus discípulos o consideravam tão grande que para eles Cristo estava nos “céus” e eles estavam aqui na terra como simples aprendizes, servos.

Diante disso, chegou o momento de esse mestre intrigante dar-lhes uma lição inesquecível. Quando todos o colocavam nas alturas, inatingível, subitamente se inclinou em silêncio, chegando ao nível dos pés dos seus discípulos. Tomou calmamente uma toalha, colocou-a sobre seus ombros, pegou uma bacia de água e, sem dizer palavra alguma, começou a lavar os pés deles¹⁰⁴. Que cena impressionante! Que coragem e despojamento!

Nunca ninguém que foi considerado tão grande se fez a si mesmo tão pequeno! Nunca ninguém com o indescritível status de Deus fez um gesto tão humilde e singelo! Nunca o silêncio foi tão eloqüente... Todos os discípulos ficaram perplexos com sua atitude.

Em Roma, os imperadores queriam que os homens se prostrassem aos seus pés e os considerassem divinos. Em Jerusalém, havia alguém que foi reconhecido como “Deus”, mas, ao invés de exigir que os homens se prostrassem aos seus pés, ele se prostrou aos pés deles. Que contraste! Não são apenas as palavras de Cristo que não têm precedente histórico, mas também os gestos.

Na sua época, os calçados não eram fechados, a higiene era pouca e o pé era intenso, pois não havia calçamento nas ruas. A grossa camada de sujeira dos pés daqueles pescadores não era um problema para alguém que conhecia a arte da humildade no seu patamar mais sublime. Ele tinha tanto uma coragem incomum para vencer o medo e a dor como para ser humilde e envolver as pessoas.

Imagine um grande empresário tendo uma atitude dessa diante dos seus empregados. Imagine um juiz lavando os pés de um réu ou um reitor de uma universidade cingindo os lombos com uma toalha e procurando os calouros da sua escola, tão inibidos com o novo ambiente, para lavar seus pés. É difícil imaginar. Os gestos de Cristo são impensáveis, surpreendentes.

Pedro ficou tão perplexo que quis impedir-lhe o gesto. Ele não compreendeu nem suportou a humildade do mestre. Há pouco tempo o próprio Pedro o havia reconhecido como o filho do Deus vivo que era “um com o Pai.” Ele poderia indagar: como pode alguém que considere como Deus infinito lavar os pés de um pequeno homem finito? Cristo abalou os alicerces da sua mente. E, sem dizer nada, fez Pedro e seus amigos repensarem profundamente suas histórias de vida. Pedro estava tão atônito que disse que era ele quem deveria lavar os pés de Cristo. Todavia, Cristo foi incisivo, dizendo que se não lavasse os pés de Pedro, esse não teria parte com ele.

Os discípulos de Cristo não tinham prestígio social. Eram o que havia de pior em termos de cultura e educação na época. Apesar da desqualificação sociocultural, honrou e cuidou intensamente desses galileus.

Cristo teve o desprendimento de lavar os pés dos seus discípulos. Só uma mãe é capaz de ter um gesto tão amável e espontâneo como o dele. Com essa atitude eloqüente, economizou milhões de palavras e se notabilizou não apenas como um mestre inteligente e sofisticado, mas como “mestre dos mestres” da bela e imprevisível existência humana. Silenciosamente, vacinou os seus discípulos contra a ditadura do preconceito, contra qualquer forma de discriminação, bem como contra a competição predatória, o individualismo e a paranóia compulsiva de ser o número um, que é um dos fenômenos psicossociais mais comuns e doentios da sociedade moderna. Tal paranóia, em vez de contribuir com a eficiência intelectual, pode tanto abortar a criatividade como gerar uma contração do prazer pela existência. É possível ser o número dois, cinco ou dez com dignidade em qualquer atividade social e profissional. É possível até se despreocupar com qualquer tipo de classificação e exercer com naturalidade as atividades humanas dentro das próprias limitações que cada um possui. É possível, em algumas esferas, ir ainda mais longe, ou seja, colocar as metas coletivas acima das individuais. Esse era o ardente desejo de Cristo.

Abrindo as janelas da mente dos seus discípulos

Os discípulos também viviam debaixo da paranóia de ser o número um. Não muito tempo antes de Cristo dar-lhes essa profunda lição, eles disputavam para ver quem seria o maior entre eles¹⁰⁵. Tiago e João, por intermédio da sua mãe, chegaram até a fazer um pedido ousado ao mestre: para que um assentasse à direita e outro à esquerda quando ele estivesse em seu reino, que inicialmente pensavam se tratar de um reino político¹⁰⁶. Agora, com seu gesto chocante, o mestre penetrou nas entranhas dos seus seres e os vacinou com exímia inteligência contra as raízes mais íntimas da competição predatória. Ao descer ao nível dos pés dos seus seguidores, ele golpeou profundamente o orgulho e a arrogância de cada um deles.

Os pés são condutores da trajetória existencial. Cristo queria expressar que nessa sinuosa e turbulenta trajetória de vida o ser humano deveria lavar os pés uns dos outros, ou seja, deveria cooperar, ser tolerante, perdoar, suportar, cuidar, proteger e servir uns aos outros. São lições profundas e difíceis de serem aprendidas.

Após lavar os pés dos discípulos, Cristo rompeu seu silêncio e começou a exteriorizar suas intenções. Não precisava falar muito, pois com seu gesto surpreendente já havia falado quase tudo. Ele fez críticas contundentes ao superficialismo das relações sociais e políticas e declarou que, ao contrário do que pensavam, aquele que desejasse ser o maior entre eles, teria de se fazer menor do que os outros, teria de aprender a servir¹⁰⁷. Se ele como mestre se despojava da sua posição e os servia, eles, que eram seus discípulos, deveriam fazer o mesmo uns aos outros.

A hierarquia proposta por Cristo era, na realidade, uma anti-hierarquia, uma apologia à tolerância, à solidariedade, a metas coletivas, à cooperação e à integração social. O maior é aquele que mais serve, que mais honra, que mais se preocupa com os outros.

Em qualquer ambiente social, o maior recebe mais honra, mais privilégios, mais atenção do que o menor. Todos focalizam as pessoas proeminentes. A estética vale mais do que o conteúdo. O “espirro” intelectual de um grande político, de um empresário, de um artista famoso, de um chefe de departamento de uma universidade causa mais impacto do que os brilhantes pensamentos de uma pessoa sem expressão social. Porém as características da escola de Cristo são tão ímpares que chocam o mundo moderno. Chocam tanto o capitalismo como o socialismo.

Qualquer pessoa, inclusive os cientistas, que tentar estudar a inteligência de Cristo ficará intrigada e ao mesmo tempo encantada com os paradoxos que a cercam.

Como é possível alguém que teve uma simples profissão de carpinteiro, que precisava entalhar madeira para poder sobreviver, ser colocado como autor da existência, como arquiteto do universo! O registro de João 1 diz que “tudo foi feito nele e para ele e sem ele nada do que foi feito se fez...”¹⁰⁸

Como pode alguém dizer que tem o segredo da eternidade e se humilhar a ponto de lavar os pés de simples pescadores galileus que não tinham qualquer qualificação social ou intelectual?

Como pode alguém que superava todo tipo de medo, que era tão corajoso e inteligente, ter se permitido passar pelo caos indescritível da cruz, pela lenta desidratação, dor e exaustão física e psicológica gerada por ela?

A história de Cristo é admirável.

O audacioso projeto transcendental

Não devemos pensar que Cristo estava produzindo um grupo de pessoas frágeis e despersonalizadas. Pelo contrário, ele, por meio dos seus princípios inteligentes e incomuns, estava transformando aquele grupo de incultos galileus na mais fina estirpe de líderes. Líderes que não tivessem a necessidade de que o mundo gravitasse em torno deles, que se vacinassem contra a competição predatória e contra as raízes do individualismo. Líderes que tivessem mais prazer em servir do que em ser servidos, que aprendessem a se doar sem esperar a contrapartida do retorno, que estimulassem a inteligência uns dos outros e abrissem as janelas do espírito humano. Líderes que não fossem controlados pela ditadura do preconceito, que fossem abertos e inclusivos. Líderes que soubessem se esvaziar, que se colocassem como aprendizes diante da vida e que se prevenissem contra a auto-suficiência. Líderes que assumissem suas limitações, que enfrentassem seus medos, que encarassem seus problemas como desafio. Líderes que fossem fiéis à sua consciência, que aprendessem a ser tolerantes e solidários. Líderes que fossem engenheiros de idéias, que soubessem trabalhar em equipe, que expandissem a arte de pensar e fossem coerentes. Líderes que trabalhassem com dignidade seus invernos existenciais e destilassem a sabedoria do caos, que vissem suas dores e dificuldades como uma oportunidade de serem transformados interiormente. Líderes que, acima de tudo, se amassem mutuamente, que tivessem uma emoção saturada de prazer e vivessem a vida com grande significado existencial.

As palavras são pobres para retratar a complexidade e a ousadia sem precedentes tanto da inteligência como do propósito transcendental de Cristo. Os textos das suas biografias são claros: ele não queria melhorar ou reformar o homem, mas produzir um novo homem...

Não há uma equipe de recursos humanos, uma teoria educacional, uma teoria psicológica, uma escola de pensamento filosófico e uma universidade que tenha uma abrangência e complexidade tal como a escola da existência de Cristo. Ele tinha uma paixão indescritível pela espécie humana.

Os professores desistem com facilidade dos seus alunos rebeldes. Os pais se desanimam dos seus filhos problemáticos. Os executivos excluem seus funcionários que não se enquadram em sua filosofia de trabalho. Enfim, nos afastamos das pessoas que frustram nossas expectativas, que nos causam sofrimentos. Porém, o comportamento de Cristo era diferente. As pessoas podiam negá-lo, como Pedro, traí-lo por trinta moedas de prata, como Judas, rejeitá-lo, feri-lo, desistir dele e só se preocupar com suas necessidades materiais e com sua imagem social, porém ele nunca desistia, desprezava ou excluía ninguém...

Seu amor era incondicional. Sua motivação para abrir as janelas da mente e do espírito humano era forte e sólida e ia muito além da motivação discursada pelos conferencistas da área de recursos humanos da atualidade. Sua esperança na transformação do outro, independente de quem seja, era arrebatadora e rompia com a lógica... Ele desejava colocar todo ser humano numa academia de inteligência, numa escola de sábios e de líderes.

As complexas características da personalidade de Cristo evidenciam claramente que ela não poderia ser construída pela criatividade intelectual humana. Sua inteligência ultrapassa os limites de nossa imaginação. O mundo pára para comemorar o seu nascimento no final de dezembro, mas a maioria das pessoas não tem consciência de como ele foi uma pessoa magnífica e surpreendente...

Mesmo que Cristo não tivesse feito nenhum milagre, os seus gestos e seus pensamentos foram tão eloqüentes e surpreendentes que, ainda assim, ele teria dividido a história... Depois que ele passou por esta sinuosa e turbulenta existência, a humanidade nunca mais foi a mesma. Se o mundo político, social e educacional tivesse vivido minimamente o que Cristo viveu e ensinou, nossas misérias teriam sido extirpadas, teríamos sido uma espécie mais feliz...

Neste primeiro livro da série “Análise da Inteligência de Cristo (subtítulo: o Mestre dos Mestres)”, estudamos a sua sofisticada inteligência até a noite em que foi traído no Getsêmani. No segundo livro da série (subtítulo: O Cálice), que será publicado no segundo semestre de 2000, investigaremos toda a escalada de sofrimento que ele passou do Getsêmani até a sua morte clínica.

Cristo, durante toda sua trajetória de vida, teve todos os motivos para adquirir depressão, mas não a teve, pelo contrário, era emocionalmente alegre. Teve também todos os motivos para adquirir ansiedade, mas não a teve, pelo contrário, era tranqüilo, lúcido e sereno. Todavia no Getsêmani expressou que sua alma estava profundamente triste. O que ele vivenciou neste momento: depressão ou uma reação depressiva momentânea? Qual a diferença entre esses dois estados? Que procedimentos Cristo tomou para administrar seus pensamentos e sair da sua dramática tristeza?

O mestre de Nazaré disse: “Pai, se possível, afaste de mim esse cálice, mas não faça como eu quero, mas como tu queres!” Ele hesitou diante da sua dor? Alguns vêm aqui recuo e hesitação. Todavia se estudarmos profundamente suas reações e pensamentos compreenderemos que ele expressou naquela noite densa e fria a mais bela poesia de liberdade, resignação e honestidade.

Tinha plena consciência do cálice que beberia. Seria espancado, açoitado, zombado, cuspidado, uma coroa de espinho seria cravada em sua cabeça e por fim passaria por seis longas horas na cruz. Viveria cerca de trinta tipos de sofrimentos até as últimas batidas do seu coração, até morrer esgotado pela desidratação, hemorragia e falência cardíaca.

Jesus Cristo tinha consciência de que teria que suportar o insuportável e, o que é pior, tinha que suportá-lo com a mais alta serenidade e tolerância, e sem qualquer tipo de “anestesia”, por isso recusou o vinho e o fel. O que nenhum psiquiatra ou psicólogo conseguiria suportar, ele suportou com a mais sublime dignidade. Suportou o caos não como filho de Deus, mas como um homem... Expressou sabedoria numa situação que deveria imperar apenas o medo e a irracionalidade, mostrou tolerância numa esfera onde só havia espaço para sentir o ódio, revelou amabilidade num território onde deveria apenas florescer a ansiedade e o desespero. Os mais eloqüentes filósofos, pensadores e cientistas se tivessem estudado a personalidade de Cristo teriam compreendido que ele atingiu o apogeu da saúde emocional e intelectual.

A psicologia e a psiquiatria têm muito o que aprender com os pensamentos e reações que Cristo expressou nos momentos finais da sua história. Na minha análise, esses momentos revelam a mais bela passagem da literatura mundial. Estudar a escalada de sofrimentos que Cristo atravessou contribuirá para prevenirmos as mais insidiosas doenças psíquicas das sociedades modernas: a depressão, a ansiedade e o stress. Também contribuirá para expandirmos a arte de pensar, refinarmos a sabedoria e enriquecermos o sentido de vida, mesmo diante das dores da existência...

1 - Lucas 5:23; 6:9; 7:42
2 - Marcos 12:35-37
3 - I Pedro 5:13
4 - João 19:26
5 - João 18:8
6 - Marcos 11:10
7 - Marcos 10:35-37
8 - Lucas 22:61
9 - Lucas 1:1-2
10 - Lucas 18:31, João 14:31
11 - João 1:37-51
12 - Mateus 8:20
13 - Marcos 7:17-23, João 8:36
14 - João 8:57
15 - Mateus 16:13-17
16 - João 6:13-52; 8:12-13; 8:58-59
17 - Lucas 7:39-40; 11:17
18 - João 8:48-51; 53-54
19 - João 6:35
20 - Lucas 2:45-51
21 - Lucas 2:39-44
22 - Mateus 22:22
23 - Mateus 27:13-14
24 - Mateus 27:19
25 - Mateus 6:25-34
26 - Mateus 6:28
27 - Mateus 5:1 a 7:29
28 - Lucas 4:18; João 8:32
29 - João 4:4-11
30 - João 4:17-18
31 - João 4:28-30
32 - João 7:37-39
33 - Mateus 6:25-34
34 - Mateus 23:5-7
35 - Marcos 15:9
36 - Marcos 15:4
37 - Mateus 14:13-21; Marcos 6:30-44
38 - Mateus 26:59-61
39 - João 6:38
40 - João 5:31-32
41 - João 11:25
42 - João 6:51
43 - João 14:6
44 - João 11:25
45 - João 6:53-54
46 - Lucas 7:11-15
47 - João 8:25
48 - Lucas 21:33
49 - João 7:3-4
50 - João 15:15
51 - Mateus 23:26-27
52 - Mateus 9:12
53 - João 6:35
54 - Mateus 5:1-11
55 - Mateus 23:8
56 - João 14:27; 16:4-6
57 - Mateus 21:31

58 - Mateus 6:2,5; 7:15-23
59 - Mateus 6:30-44
60 - Mateus 14:15; 15:32, Marcos 8:1-9
61 - Lucas 21:38
62 - Lucas 6:67
63 - João 7:37
64 - Lucas 23:48
65 - João 2:23-25
66 - Marcos 10:15
67 - Marcos 7:20-23
68 - Lucas 8:22-25
69 - João 14:28; 16:20-22
70 - Mateus 13:45-46
71 - Provérbios 3:13-14
72 - Lucas 20:2-3
73 - Lucas 8:4-15; 20:9-18
74 - Lucas 15:1-32
75 - Lucas 10:25-37
76 - Lucas 6:12
77 - João 8:23
78 - João 6:51
79 - Mateus 8:20; 9:6; 12:8
80 - João 15:15
81 - Mateus 15:8
82 - João 15:13; 15:14; 15:15
83 - Lucas 6:12
84 - Lucas 11:11
85 - Marcos 6:6
86 - Lucas 5:27-32
87 - Mateus 26:67
88 - Lucas 7:39
89 - Lucas 5:29
90 - Mateus 11:19
91 - João 21:9-10
92 - João 13:34
93 - Mateus 5:44
94 - Mateus 26:7
95 - Mateus 26:13
96 - Lucas 7:38
97 - Mateus 11:29
98 - Lucas 23:34
99 - João 6:37
100 - João 7:45-49
101 - João 18:11
102 - Lucas 21:15
103 - Mateus 23:26-27
104 - João 13:4-5
105 - Marcos 9:34
106 - Marcos 10:35-38
107 - João 13:1-17
108 - João 1:3

Se você quiser fazer um comentário sobre este livro ou quiser divulgá-lo em sua escola, empresa ou grupo social,

por favor entre em contato com
Editora Academia de Inteligência.

Telefax (0XX17) 3342-4844

E-mail: academiaint@mdbrasil.com.br

E-mail do autor: jcury@mdbrasil.com.br